

UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE
DE ECOSSISTEMAS COSTEIROS E MARINHOS
MESTRADO EM ECOLOGIA

WANDA SCHUMANN RACANICCHI

MEIO AMBIENTE E SUA DIVULGAÇÃO NA MÍDIA RADIOFÔNICA

SANTOS/SP
2014
WANDA SCHUMANN RACANICCHI

MEIO AMBIENTE E SUA DIVULGAÇÃO NA MÍDIA RADIOFÔNICA

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Ecologia à Universidade Santa Cecília, sob a orientação do Prof. Dr. Robson Bastos da Silva e coorientação do Prof. Dr. Fabio Giordano

SANTOS/SP

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer que seja o processo, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos.

Racanicchi, Wanda Schumann

Meio Ambiente e sua divulgação na mídia radiofônica/ Wanda Schumann Racanicchi

2014

110f.

Orientador: Prof. Dr. Robson Bastos da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Giordano

Dissertação (Mestrado) – Universidade Santa Cecília, Programa de Pós Graduação em Ecologia, Santos, SP, 2014.

1. Jornalismo Ambiental. 2. Degradação do Meio Ambiente. 3. Programação Radiofônica. I. Bastos, Robson. II. Giordano, Fabio.

III. Meio Ambiente e sua divulgação na mídia radiofônica

*Dedico esta pesquisa ao meu filho Alexandre
(in memoriam) que quase se tornou um biólogo*

AGRADECIMENTOS

O trabalho foi possível graças aos esforços dos queridos e competentes orientadores, Prof. Dr. Robson Bastos da Silva e Prof. Dr. Fabio Giordano.

Agradeço a todos os adoráveis doutores do mestrado que me proporcionaram um vasto conhecimento sobre Ecologia.

À Priscila, minha filha linda, eficiente consultora para assuntos tecnológicos e que sugeriu ideias para tornar possível o estudo.

À bióloga mestre, Miriam Milanelo, que cedeu horas do seu tempo para explanação de assuntos importantes sobre a Biologia da Conservação.

Raíssa Ribeiro, dedicada aluna de jornalismo da Universidade Santa Cecília e excelente professora de inglês.

Agradeço Paulina Chamorro que durante uma longa entrevista contou como se ergue a bandeira verde para dar exemplo aos seres deste planeta.

À mestre Mariza Tavares que elucidou pautas deste tema e que com grande profissionalismo me abriu portas para várias entrevistas.

Ao Mario, meu amor e à Maria Rita, neta do coração, que compreenderam minha ausência nas horas de dedicação a este aprendizado.

Ao Rodrigo, meu filho querido, que sempre me entusiasmou para o curso.

Agradeço também ao mestre do jornalismo, Luiz Nascimento, que me inspirou na elaboração de um estudo de caso e um estudo de filosofia.

Aos meus amigos e ao Luiz Carlos Bezerra, em especial, por ouvir com energia positiva e competência os questionamentos deste projeto.

Ao estimado Diretor da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade Santa Cecília, Humberto Challoub, que apoia com ética essa jornada acadêmica.

Meus agradecimentos adicionais à Reitoria da Universidade Santa Cecília que concedeu uma bolsa para a realização da pesquisa.

*Um espírito claro e aberto para a apreensão
da ciência é um supremo bem que Deus confia
a certos homens, a fim de que eles o
empreguem a favor dos mais pobres e
humildes.*

Adolfo Bezerra de Menezes

RESUMO

O presente estudo é dirigido a uma visão voltada à necessidade de um jornalismo analítico do tema meio ambiente para alertar sobre o aquecimento global, e novos padrões de vida e consumo em função da preservação da natureza. A pesquisa foi realizada em emissoras de rádio de São Paulo como CBN, Eldorado, Estadão, Cultura Brasil, Cultura FM, Jovem Pan AM e Pan FM, e o noticiário A Voz do Brasil foi inserido nesta amostra por ocupar de segunda a sexta-feira, o *dial* das emissoras do país. Optou-se por pesquisar a programação de junho de 2009 até maio de 2014, com base na inserção de boletins, programas ou programetes de temática das questões ambientais em emissoras de jornalismo *all news* e em emissoras musicais com intervenções jornalísticas. Refletiu-se sobre o papel dos jornalistas neste contexto para conscientização dos ouvintes quanto à importância da preservação da natureza para uma vida mais equilibrada e saudável no presente e ainda para poupar a diversidade às futuras gerações. Uma das condições para que isso aconteça é que o assunto faça parte do cotidiano da mídia de maneira aprofundada. Foram entrevistados especialistas no assunto, gerentes de jornalismo, produtores de programas, além de diretores ou coordenadores de faculdades para compreensão da postura dos profissionais da mídia diante de fatos relacionados ao meio ambiente e que resultaram também em um exame da importância da educação neste contexto. Elaborou-se um histórico das emissoras selecionadas e dos programas ou boletins voltados à Ecologia e transmitidos nessas rádios com uma avaliação crítica das principais questões do assunto.

Palavras-Chave: Jornalismo Ambiental. Meio Ambiente. Programação Radiofônica.

ABSTRACT

The present study is aimed at a vision focused on the need for an analytical journalism environmental theme to warn about global warming, and new patterns of life and consumption in relation to the preservation of nature. The survey was conducted in radio stations in São Paulo as CBN, Eldorado, Estadão Culture Brazil, FM Culture, Youth Pan Pan AM and FM, and the news The Voice of Brazil was entered for this sample occupy Monday to Friday the dial of the radio stations in the country. We chose to investigate the program from June 2009 to May 2014, based on the insertion of bulletins, programs or programetes the theme of environmental issues in broadcast journalism all news and music stations with news operations. Reflected on the role of journalists in this context for listeners' awareness of the importance of preserving nature for a more balanced and healthy at present and still to spare the life diversity for future generations. One of the conditions for this to happen is that it is part of everyday media in depth. Subject matter experts, managers, journalists, program makers were interviewed, as well as directors or coordinators of colleges to understand the attitude of media professionals facing related to the environment and which also resulted in an examination of the importance of education in this context facts. We prepared a history of selected stations and programs or newsletters focused on Ecology and transmitted in these radios with a critical assessment of the main issues of the subject.

Keywords: Environmental Journalism. Environment. Radiophonic programming.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados	31
Tabela 2 – Diagnóstico nas rádios	37
Tabela 3 – Diagnóstico nas rádios	37
Tabela 4 – Diagnóstico nas rádios	38
Tabela 5 – Diagnóstico nas rádios	38
Tabela 6 – Diagnóstico nas rádios	39
Tabela 7 – Diagnóstico nas rádios	40
Tabela 8 – Diagnóstico nas rádios	41
Tabela 9 – Diagnóstico nas rádios	42
Tabela 10 – Diagnóstico nas rádios	42
Tabela 11 – Diagnóstico nas rádios	43
Tabela 12 – Classificação dos temas ambientais na rádio CBN	43
Tabela 13 – Classificação dos temas ambientais nas emissoras da amostra	43
Tabela 14 – Grade de programação ecológica da rádio CBN	49
Tabela 15 – Grade de programação ecológica da rádio Eldorado	55
Tabela 16 – Grade de programação ecológica da rádio Estadão	55
Tabela 17 – Grade de programação ecológica da rádio Cultura FM	56
Tabela 18 – Grade de programação ecológica da rádio Cultura Brasil	57
Tabela 19 – Grade de programação ecológica da Jovem Pan AM e FM	60
Tabela 20 – Material com temática ambiental da Voz do Brasil (2009/2014)	66
Tabela 21 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	81
Tabela 22 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	82
Tabela 23 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	82
Tabela 24 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	83
Tabela 25 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	83
Tabela 26 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	84

Tabela 27 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	85
Tabela 28 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	85
Tabela 29 – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	86
Tabela 30 – Projeto pedagógico Opinião de diretores e coordenadores	88

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cobertura de pautas ambientais	37
Figura 2 – O espaço do meio ambiente	37
Figura 3 – Matérias sobre meio ambiente	38
Figura 4 – Dificuldades para produção de programas	38
Figura 5 – O alerta para preservação do meio ambiente	39
Figura 6 – Temas mais frequentes	40
Figura 7 – A periodicidade de temas ambientais na mídia	41
Figura 8 – Editoria exclusiva	42
Figura 9 – Jornalistas especializados	42
Figura 10 – O empenho das faculdades	43
Figura 11 – Classificação dos temas ambientais nas emissoras	44
Figura 12 – Temas ambientais da Voz do Brasil entre 2009 e 2014	67
Figura 13 – Inserção de matérias na Voz do Brasil	73
Figura 14 – Disciplina de jornalismo ambiental na grade atual	81
Figura 15 – Disciplina de jornalismo na futura grade	82
Figura 16 – Curso de especialização para meio ambiente	82
Figura 17 – Curso de extensão para meio ambiente	83
Figura 18 – Proposta para aprofundamento do tema	83
Figura 19 – Disciplina optativa sobre meio ambiente	84
Figura 20 – Interesse das universidades	85
Figura 21 – Desenvolvimento do tema pelos alunos	86
Figura 22 – A mídia na problematização do tema	86

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 As ideias das Conferências da ONU não são colocadas em prática	16
1.2 Radiojornalismo na crise ecológica e na educação	21
1.3 A importância do rádio como divulgador de notícias	23
1.4 Objetivo da pesquisa	27
2 MATERIAL E MÉTODOS	27
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	37
3.1 O espaço disponível para o meio ambiente nas rádios	37
3.2 Análise da temática ambiental no programa “A Voz do Brasil”	61
3.3 Mar Sem Fim – um indicador de tendência do rádio	77
3.4 Projeto pedagógico – Diagnóstico nas faculdades de jornalismo	81
4 CONCLUSÕES	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
APÊNDICE	103
ANEXOS	108
Anexo A – Mar Sem Fim – notícias dos ecossistemas costeiros e marinhos	108
Anexo B – Manifestações pelo Clima no mundo	109

INTRODUÇÃO

Um jornalismo bem elaborado, ético e imparcial esclarece muitas questões que dizem respeito ao homem e à natureza e, trata-se de um tema que pode permanecer aberto para que haja sustentabilidade e desenvolvimento social equilibrado.

As Informações sobre mudanças climáticas são mais graves a cada dia. Se as emissões de poluentes continuarem no mesmo ritmo, ao longo do século 21 a temperatura do planeta continuará aumentando e haverá intensificação forte de mais secas, inundações e furacões além das dificuldades no abastecimento de água e da elevação do nível dos oceanos.

No Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, realizado em 2013 em Brasília, discutiram-se muitas questões sobre a atual degradação do meio ambiente, assim como as possíveis soluções, o papel dos jornalistas neste contexto, e a inserção da temática nos cursos universitários para mudar as dinâmicas de ensino e para que o tema seja abordado nas redações em várias editoriais.

O eixo que justifica esta pesquisa visa alertar as pessoas sobre a má utilização dos recursos naturais, dos prejuízos que causam o excesso de consumo exagerado, apontar os caminhos para aumentar a resiliência contra a mudança do clima, e isso é possível também através de um jornalismo ambiental bem elaborado. Sabe-se que a elucidação do assunto é responsabilidade ainda do governo, da família e da escola nessa cadeia desenvolvimentista que encaminha para uma crise ecológica e compartilha os conflitos éticos nas relações entre sociedade e meio ambiente.

A escolha do tema tem a ver com a função que exerci como chefe de redação na rádio Eldorado de São Paulo a partir de 1997, quando me deparei de perto e diariamente com um jornalismo menos circunstancial e mais aprofundado e direcionado às questões ambientais. Nessa aliança do jornalismo com a natureza, a cada dia as pautas eram direcionadas com maior interesse para o assunto, pois a emissora desde o início se empenha na divulgação desses temas e alerta sobre os problemas da deterioração do meio, as causas e consequências, com o objetivo de educar e informar as pessoas. Uma das grandes bandeiras levantadas pela rádio Eldorado foi o projeto de despoluição do rio Tietê em São Paulo, e o reflorestamento às margens desse rio.

No início dessa trajetória acompanhava também a rádio CBN, pois tinha por perto outra aliada sempre presente com um jornalismo ambiental que já em 1992 produziu *flashes* ao vivo de um estúdio montado no Riocentro durante a Conferência do meio ambiente.

A Eldorado FM hoje é uma emissora musical, mas inclui um jornalismo que aborda a temática em questão, e a nova rádio Estadão, que nasceu em 2013 ficou com as características *all news* da antiga Eldorado AM.

Depois de um tempo afastada do trabalho das emissoras e já como professora do curso de jornalismo, suscitou-me a dúvida, reforçada pelos orientadores deste projeto, e optou-se por constatar como as principais rádios divulgam, atualmente, de um modo geral, os assuntos da preservação ambiental. Surgiu a curiosidade de observar a atitude dos jornalistas perante a situação, e o mestrado em Ecologia contribuiu ainda mais para entendimento de vários pontos que hoje podem ser esclarecidos nas faculdades, pois a influência na educação constitui um fator relevante para o exercício da profissão.

O meio ambiente pode ser considerado um tema de abordagem transversal para qualquer curso e em qualquer fase escolar incluindo-se a pós-graduação, diversas especializações e mesmo programas de mestrado e doutorado para aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos sobre esta questão.

Campos (2012) reforça que a participação dos meios de comunicação é essencial no debate público das questões da natureza.

Deve-se salientar a importância da relação entre imprensa e empresas, e incluem-se aqui as de radiodifusão, para colaborar nas atividades positivas do processo de combate à degradação do planeta. Hoje, como alerta Arruda (2006), já existe a participação de movimentos ambientalistas no mundo que se mobilizam para divulgar a crise do meio ambiente e encontrar soluções, além de conscientizar a sociedade.

Uma reflexão que se pretende sugerir a empresas e governos e compartilhada com Cabestré (2008) é que para haver sustentabilidade é imperativo ainda que empresários invistam em projetos que ofereçam melhorias às comunidades, para desenvolverem, na prática, a noção de responsabilidade socioambiental e que envolvam em um primeiro momento os clientes internos. Cabe lembrar que atualmente os governos de muitos países têm apenas uma visão desenvolvimentista e imediatista, sem se preocupar basicamente com o ambiente em que vive o ser humano ou com a devastação exagerada da natureza. O

desmatamento sem medidas em função de retornos financeiros e o consumismo exagerado nessa falta de equilíbrio acarretam problemas de saúde e relacionamentos.

Bonotto (2013) evidencia que é imprescindível uma educação ambiental com olhares na cidadania, que deve ser crítica e participante para formar uma sociedade justa nos padrões sociais e ambientais, e para isso é importante cuidar da formação dos educadores para que haja reflexões mais aprofundadas.

A discussão possibilita inserir a análise de Couto e Silva (2014) de que falta muito para se concretizar o desenvolvimento sustentável, e este não existe com a urgência necessária para a conservação do meio ambiente.

Nota-se que falta um envolvimento maior nos cursos de graduação para refletir as temáticas ambientais e questiona-se ainda a necessidade de introduzir essas reflexões na formação dos comunicadores. Análise de matérias jornalísticas produzidas por alunos do Centro Universitário de Araraquara, no interior de São Paulo, demonstra a falta de crítica e de posicionamento dos futuros profissionais da comunicação para os assuntos relacionados à degradação do meio ambiente, exatamente como a temática é veiculada hoje pelas grandes mídias. Sugere-se um maior envolvimento para análise dessas questões a fim de que sejam debatidas na sociedade. (Fabrício, 2013)

Destaca-se primeiramente que é necessário haver emissoras com interesse na divulgação de um jornalismo ambiental bem elaborado.

Aguiar (2011) aponta para a necessidade de aprimorar os estudos a partir de uma reflexão entre o jornalismo e os problemas ambientais contemporâneos, a partir de uma meta-análise dos estudos de jornalismo ambiental para detectar qual o papel do jornalista na educação. Torna-se necessário além da prestação de serviços e o entretenimento proposto pelas emissoras, um jornalismo investigativo para análises dos temas relativos à falta de atenção para com a natureza, elaborado por profissionais de visão e entendimento do assunto. Lopez (2007) diz que o jornalismo hoje é pautado pelo próprio jornalismo ao afirmar que o radiojornal, também na internet, e no telefone celular, alimenta atualmente as mídias impressas e as assessorias. Essa questão citada por Lopez merece ser evidenciada, pois uma vez que as pautas são compartilhadas entre os inúmeros meios midiáticos, elas devem ser bem pensadas para que a sociedade as receba detalhadamente e as assimile em um contexto verídico.

O presente estudo é baseado também na visão de pesquisadores para compreensão e divulgação dos problemas relacionados à natureza e foi traçado um paralelo com as principais conferências promovidas pela ONU para mais entendimento das questões das políticas ambientais e que puderam favorecer o desenvolvimento dessa pesquisa.

Cabe lembrar a análise de Schwaab (2007) sobre sustentabilidade de que foi a partir da Rio 92 que a questão ambiental ganhou força e cresceu proporcionando à sociedade maior entendimento do assunto; no entanto o conceito não está inserido em todos os discursos.

Divulgar notícias ecológicas apenas antes ou após as Conferências mundiais sobre o meio ambiente não surte efeitos, tornam as notícias apenas factuais, uma vez que elas devem ser diárias para fazer parte da vida das pessoas. A Rio 92 tornou internacional e cotidiano o termo sustentabilidade e, em outras Conferências como a Rio + 20 os temas relacionados ao meio ambiente estavam na mídia de uma maneira mais avantajada.

Girardi et al.(2012) alertam para o fato da questão do jornalismo ambiental estar vinculado às Conferências sobre o meio ambiente. A prioridade para o jornalismo é a economia e a política, e quando se mostra à sociedade os temas com os desafios contemporâneos surge um jornalismo mais aprofundado dos assuntos da natureza.

A terminologia sobressaiu-se no mundo da web a partir dos eventos internacionais atrelados ao tema e com a divulgação dos vários relatórios a partir das Conferências. Schwaab (2011) aponta a sustentabilidade como um dos vários problemas sem solução e um tema complexo e próprio para a interferência do jornalismo.

1º) As Conferências da ONU e o meio ambiente

Na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, no Rio de Janeiro em Junho de 2012, houve o compromisso de garantir a segurança do ambiente para um planeta com grande crescimento populacional.

Ao buscar resultados para a Conferência Rio + 20, entre outras na questão da sustentabilidade ambiental, Santos (2013) denomina o assunto como política espetáculo e recorre aos pesquisadores para tornar público o cenário que ele descreve como injustiça ambiental.

E com o mesmo ponto de vista descrito acima, aponta-se historicamente que não foram poucas as Conferências da ONU para esclarecimento sobre as mudanças climáticas e que muitas vezes ficaram apenas no papel ou nas telas dos computadores com abismos entre aspectos sociais e econômicos na relação com o mundo ambiental.

Com algumas informações do blog do Palácio do Planalto (<<http://blog.planalto.gov.br/a-historia-das-conferencias-da-onu-sobre-mudancas-climaticas>> acessado em 09/07/2014), e extraídas para o presente estudo, relacionou-se algumas iniciativas para tentar uma conscientização entre nações sobre as principais questões da preservação ambiental e que mesmo depois das reuniões para debates e acordos sobre o assunto, não foram ainda resolvidas. As notícias na mídia sobre o tema foram várias vezes apenas circunstanciais, e para poder financiar os veículos midiáticos.

Desde 1995 discutiam-se em Berlim na Alemanha, metas e prazos para redução de emissões dos gases de efeito estufa nos países desenvolvidos. Na reunião de 1996 que teve como sede a cidade de Genebra, na Suíça ficou decidido que os países em desenvolvimento poderiam solicitar apoio financeiro ao Fundo Global para o Meio Ambiente a fim de realizar programas para redução de emissões. No ano de 1997 na Conferência realizada em Quioto no Japão foi adotado o Protocolo de Quioto com metas para reduzir os gases de efeito estufa dos países mais desenvolvidos. Em 1998 também foi realizada em Quioto outra reunião para implementar o Protocolo com um plano de ação e metas para reduzir os impactos de mudanças climáticas e os Estados Unidos abandonaram essa reunião.

Pelo Protocolo de Quioto, os países industrializados reduziriam em pelo menos 5,2% suas emissões combinadas de gases de efeito estufa em relação aos níveis de 1990. Mesmo tendo assinado para reduzir em 7% ,os Estados Unidos não cumpriram com o compromisso (CENAMO, 2004).

Em Bonn, Alemanha, no ano de 1999 foram idealizadas mudanças no uso da terra e das florestas. Em 2000 em Haia na Holanda as negociações foram suspensas porque as partes não entraram em um acordo sobre o Desenvolvimento Limpo, o mercado do carbono e a verba para países em desenvolvimento, além das questões sobre as mudanças para uso do solo.

Foi realizada em 2001 uma nova COP-6 em Boon na Alemanha, além da Conferência marcada em *Marrakech* no Marrocos e no mesmo ano na cidade de Nova Delhi na Índia, discutiram-se as metas para uso de fontes renováveis de

energia e houve naquela Conferência a adesão da iniciativa privada e de fontes não governamentais ao protocolo de Quioto. Em 2003 a reunião sobre mudanças climáticas foi realizada em Milão na Itália com o olhar voltado para o reflorestamento e para obtenção de crédito do carbono. Em Buenos Aires, na Argentina, aprovaram-se em 2004 uma nova versão para o Protocolo de Quioto e discutiram-se a divulgação de inventários de emissão de gases do efeito estufa pelos países em desenvolvimento e o Brasil estava no meio desse diálogo.

A Conferência de 2005 em Montreal no Canadá foi a primeira após a entrada em vigor do Protocolo de Quioto, na qual foi estudado o segundo período desse Protocolo em 2012, em que as instituições europeias defenderiam as reduções das emissões entre 20 a 30% até 2030 e entre 60 e 80 % até 2050.

Em Nairóbi, na África, no ano de 2006, a proposta do governo brasileiro era criar um modo para reduzir definitivamente as emissões de gases, consequência do desmatamento. Sempre com alternativas voltadas para adiar os prazos, foi em Bali, na Indonésia que a Conferência da ONU definiu que até Dezembro de 2009 seria estabelecido para após 2012 no segundo período do Protocolo, metas para que as instituições europeias defendessem reduções da emissão em 20 e 30% até 2030 e entre 60 e 80% até 2050. Além disso, ficou em destaque a implementação do Fundo de Adaptação a países mais vulneráveis para enfrentar os impactos do clima. No ano seguinte na cidade de Poznan, na Polônia, foram mencionadas as ideias dos países em desenvolvimento como Brasil, China, Índia, México e África do Sul sobre os compromissos não obrigatórios para redução das emissões de carbono.

Em Copenhague, na Dinamarca, a Conferência de 2009 teve entre outros focos, a redução das emissões e o financiamento para desenvolvimentos sustentáveis de países menos desenvolvidos. A discussão sobre o clima em 2010 foi em Cancún, no México e os resultados atingiram algumas propostas para formalizar os compromissos de redução do carbono e definição de medidas concretas para proteção das florestas do planeta. No ano seguinte, em Durban na África do Sul, reforçaram-se os diálogos para as metas do Protocolo de Quioto com a participação de apenas 183 dos 194 países membros da ONU.

Percebe-se a ausência de países que provavelmente não se importam com as propostas para resolver o grande problema climático que se atravessa nos dias atuais e que certamente irá complicar ainda mais a vida das gerações que estão por vir.

Em 2012, a Rio + 20 na cidade do Rio de Janeiro ficou conhecida com esse nome porque marcou 20 anos de realização da Conferência das Nações Unidas (Rio-92) e dois temas foram inseridos nessa conversa: uma economia voltada para a preservação ambiental com desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza. A décima nona Conferência da ONU ocorreu em Varsóvia na Polônia em 2013 com o mesmo objetivo, ou seja, definir as metas com um acordo entre os países para diminuir as emissões dos gases que provocam o efeito estufa, mas o texto final deverá ser aprovado somente em 2015 em Paris e poderá entrar em vigor a partir de 2020.

Em 2014, milhares de pessoas saíram às ruas às vésperas da Conferência do Clima da ONU com a esperança de salvar o planeta e construir uma sociedade com energia 100% limpa, com desmatamento líquido zero, como pode ser observado no anexo B.

As informações e manifestações sobre a Conferência do clima em 2014 foram exploradas na mídia mundial, mas nem todas se aprofundaram no problema ecológico e sim no econômico.

As nações que participaram da reunião do Clima em Nova York prometeram apresentar até março de 2015 seus compromissos nacionais, pois precisa-se de um acordo global para a Cúpula do Clima de Paris que acontece em quinze meses.

O novo embaixador da Organização das Nações Unidas, o ator Leonardo DiCaprio afirmou que a Economia vai morrer se o meio ambiente entrar em colapso, como foi transmitido em 23 de Setembro de 2014 na Rádio ONU em Português.

O governo brasileiro recusou-se a assinar a Carta da Cúpula do Clima, acompanhado pela China e pela Índia. Pela legislação brasileira o proprietário na área privada tem direito de desmatar até 20% e atualmente o Brasil não pode ir contra a lei, mas o país deveria rever o assunto e se posicionar a favor de um desmatamento zero para preservar a biodiversidade.

Torna-se importante realçar que na divulgação do estudo sobre o futuro climático da Amazônia, Nobre (2014) atenta para o papel da “bomba d’água biótica” que a floresta exerce e que começa a falhar. Com 20% desmatada e 20% já degradada, as chuvas no bioma e no sul do Continente não devem chegar com a mesma regularidade. De acordo com Nobre, para inverter essa situação é preciso além de acabar com o desmatamento, o reflorestamento, pois hoje, duas mil árvores são desmatadas por minuto na Amazônia.

Percebe-se que não há pressa em solucionar as questões relacionadas ao tema da proteção ambiental e que as nações preferem fechar os olhos ao invés de se unirem para uma solução. O debate mostra-se apenas exibicionista, pois muitos países argumentam a favor da proteção da natureza e ao mesmo tempo preferem não abrir mão do consumismo.

Cabe aqui atrelar este assunto mais uma vez à importância do Princípio da Precaução do Direito Internacional do Meio Ambiente também evidenciado por Moraes e Meirelles (2013) como uma resposta às novas tecnologias e a tudo que pode provocar prejuízos ao homem e à natureza; danos que poderão ser irreparáveis e não estão restritos apenas ao território brasileiro; com o objetivo de prevenir a degradação do meio ambiente através de medidas para se evitar a destruição da natureza, mesmo se não estiverem estabelecidos cientificamente as causas e os efeitos.

Analizou-se com mais ênfase a questão da degradação ambiental já nos anos 60, mas foi em 1972 na Conferência de Estocolmo que se abordou mais enfaticamente o assunto. Passos (2009) ao realizar uma análise sobre o tema também se refere à consolidação de um Direito Ambiental Internacional para haver colaboração entre as Nações preocupadas com a deterioração e o fim dos recursos naturais, como a biota, fundamentais na Ecologia de todos os ambientes.

O que se questiona também na presente pesquisa é o fato do assunto não estar claro para muitas pessoas por não fazer parte do cotidiano dos noticiários de maneira mais crítica, para que se perceba a ação devastadora do homem. O ser humano está interconectado com o meio ambiente e é preciso preservar os recursos naturais para saciar a fome de todos os seres, mas se forem gastos todos os recursos de maneira abusiva e destruidora, irá impor a destruição da vida no planeta. O assunto não pode estar separado da economia e da política e são nessas áreas que o discurso e a prática pedem para ser sustentáveis com o alerta na mídia neutra e independente e ainda de empresas de publicidade que têm o poder de informar e convencer as pessoas.

2º) Radiojornalismo na Crise ecológica e na Educação

A partir da Revolução Industrial que teve início no século XVIII na Inglaterra, houve uma produção acelerada de mercadorias e no Brasil, no início do século XX a indústria começou a apresentar grandes avanços. Esse desenvolvimento, no entanto

não parece ter sido raciocinado, uma vez que não se media o que as grandes produções sem sustentabilidade poderiam ocasionar de prejuízos à natureza. A “revolução industrial” deixou à tona situações negativas como o aumento da poluição do ar e dos rios, pois as indústrias começaram a jogar lixo e produtos químicos em rios e houve crescimento desordenado nas cidades. Na medida em que a população aumenta, interage com maior intensidade com a natureza e interfere para satisfazer suas necessidades e com isso aparecem os conflitos para o uso do espaço e dos recursos (ALBUQUERQUE, 2007). Com isso, é imprescindível uma reorganização de atitudes dos governos e das empresas para que os empreendimentos sejam sustentáveis e que também sejam explicados minuciosamente nos veículos de comunicação.

Ainda nessa linha, Briceño (2013) indaga o porquê de tanto consumo se o homem pode se manter apenas com o necessário e, interroga os motivos da falta de consciência de muitas pessoas que se preocupam com coisas supérfluas, uma vez que se vive perfeitamente com o suficiente. Ele também enfatiza que a ideia de sustentabilidade gera o respeito entre as pessoas, à diversidade, ao valor à vida e ao consumo responsável para deixar vida equilibrada às próximas gerações; uma herança natural. Com o crescimento das cidades, aumentou a necessidade de políticas maiores sobre sustentabilidade urbana e o tema já está inserido nas propostas de alguns políticos, mas nem todos os discursos sobre planejamento urbano fazem parte das ações dos governos (BARBOSA, 2008).

O Pentágono, Departamento de Defesa dos Estados Unidos alerta para a desestabilização do planeta em função das mudanças climáticas. De acordo com o relatório divulgado em 2014, as pressões causadas pelo clima influenciarão a competição por recursos e ocorrerão outros fatores de estresse, como a pobreza, a degradação ambiental, a instabilidade política e tensões sociais, condições que podem estimular atividades terroristas e outras formas de violência. Contraditoriamente, os americanos continuam no ranking mundial como os maiores desmatadores e exportam para o mundo o modo consumista de viver.

“Pode- se associar entre outras questões as vozes rebeldes que ocuparam as ruas do Brasil em 2013 e outros movimentos que ocorreram ao mesmo tempo como em Istambul com a Primavera Árabe e os Indignados da Espanha, a uma frustração geral, provocada pela grande desigualdade social, pela falta de políticas verdes e solidárias para alimentar de maneira saudável e democrática a população mundial e

também proporcionar uma vida mais feliz às pessoas. Na medida em que o ser humano ultrapassa os limites éticos para com a natureza surge a necessidade de aprimorar a educação e torna-se essencial um jornalismo real para conscientizar as pessoas do tamanho da crise ambiental que surgirá nas futuras gerações. As notícias já não devem ser mais factuais e sim divulgadas com frequência para mudar esse panorama; o assunto tem muitas vertentes e o profissional deve entender isso para que a matéria seja qualificada” (RACANICCHI et al., 2013, p.120).

Vilela Junior e Itani (2007) encaram como um desafio para os gestores, a manutenção e preservação dos ecossistemas, essencial para a continuidade da vida. Problemas de saúde e as grandes epidemias como a cólera, a peste, a gripe e a febre amarela estão relacionados às alterações do meio ambiente como consequência da devastação das florestas e ainda as domesticações de animais: “... o deslocamento do mercúrio decorrente da derrubada de matas e florestas atingiu os rios e locais de habitação das comunidades ribeirinhas, contaminando seu alimento predominante, os peixes sua única fonte de proteína, provocando doenças...”

A crescente crise ecológica leva aos conflitos éticos nas relações entre sociedade e meio ambiente também na visão de Wolkmer e Paulitsch (2011) e implica em um desafio a ser enfrentado no terceiro milênio pelos países. Na verdade esse desafio, que clama por uma nova ética ambiental mirada na sustentabilidade, impõe críticas aos modelos desenvolvimentistas e impõe limites.

O assunto Ecologia deveria ser abordado diariamente através de alertas e informações em todas as mídias e esses debates se fazem essenciais desde o ensino fundamental. Brandalise (2009) alerta para a deficiência na educação ambiental em escolas brasileiras que precisa ser aperfeiçoada, mas é necessário além da inclusão do tema nas escolas, informar as pessoas para que avaliem seus comportamentos e isso é possível de maneira acelerada com a ajuda da principal fonte de informação que é a mídia. Questiona-se nesse ponto se no mundo dos negócios interessa o aprimoramento da educação para o indivíduo.

Barbieri (2011) cita o papel das instituições de ensino superior, já debatido em seminários mundiais sobre desenvolvimento de programas de educação ambiental, e recomendado na Agenda 21 como fator influente sobre o meio ambiente, e a necessidade de criação de cursos para especialização em algumas disciplinas.

Na avaliação de Fabrício (2011) o tema já tem hoje espaço que podemos chamar de privilegiado no jornalismo de rádio, mas faltam mais diálogo e participação do público para maior entendimento das questões. Deduz-se que tanto

no rádio como em outras mídias o tema precisaria ser mais detalhado, analítico e diário para maior compreensão da importância do conteúdo.

Pela audição da programação das rádios percebeu-se que em algumas emissoras tradicionais de São Paulo como CBN, Eldorado e Estadão, aborda-se a temática ambiental com mais profundidade e é maior o espaço para o jornalismo ambiental nessas mídias.

O assunto ainda precisa ser ampliado e traduzido no jornalismo de uma maneira geral para que todos compreendam cada significado dos temas que devem ser discutidos para que a leitura desses fatos deixe de ser particular e que haja conhecimentos para colaborar na relação do homem com a natureza (BUENO, 2007).

Deve-se lembrar o papel social da imprensa que é informar o público dos acontecimentos e repercutir as possíveis tendências, mas muitos jornalistas ficam presos às grandes instituições que financiam as empresas midiáticas.

Hoje o mundo empresarial está mais preocupado com a rentabilidade e deixa de lado a preservação do meio ambiente, pois acredita que as práticas ecologicamente sustentáveis prejudicam o desempenho das empresas. Esse é o motivo da falta de informação e tradução de temas ambientais em importantes emissoras de rádio patrocinadas por empresários dos diversos segmentos, que não se importam com a real situação. Campello (2007) acredita que “hoje é mais econômico ser ético” e cita como exemplo o custo que o governo tem de bancar com despesas relacionadas às enchentes ou aos tratamentos de doenças que são consequência da poluição do ar.

3º) A importância do rádio como divulgador de notícias

Deve-se evidenciar a importância do veículo inserido nesta pesquisa como comunicador e acelerador de notícias por sua abrangência nacional e internacional, além de revelar a história desse meio de comunicação ouvido por milhões de brasileiros em casa, no trânsito e ainda no trabalho, na FM, na internet ou nos celulares. O rádio influencia a cultura brasileira, abre caminho para a velocidade da informação e, até hoje com novas tecnologias, em meio a grandes transformações, permanece como a mídia número Um do imediatismo.

No Brasil, o rádio está presente em 88 % das residências brasileiras, até em locais onde ainda não se tem acesso a outros meios, como na Amazônia.

Com notícias, prestação de serviços e música, essa fonte de informação e diversão sofreu um grande impacto com a implantação da televisão, mas se transformou, se adequou, sobreviveu e serviu de suporte para várias outras mídias. Outra grande adaptação pela qual sofreu o rádio foi com o advento da Internet e mesmo assim na luta diária por sua permanência no mercado comunicacional, ele também inovou, construiu outras formas de se expressar, interagir e conseguiu assimilar todas as tecnologias.

O rádio deve ser bem estudado, produzido, argumentado por profissionais capacitados, hoje mais do que nunca numa época em que a velocidade e a quantidade de informações crescem e influenciam rapidamente as pessoas. Percebe-se a sua importância tanto para a política, como exemplificam as campanhas eleitorais, como para qualquer outro tema que deva ser estudado e repercutido com grande ênfase; e foi neste contexto que se inseriu esse meio de comunicação na presente pesquisa para estudar o espaço e avaliar os assuntos do meio ambiente.

Seu poder pode ser analisado desde a transmissão do texto sobre o romance de ficção científica “A Guerra dos Mundos”, produção radiofônica de Orson Welles, que devido à qualidade da interpretação, alguns ouvintes não notaram que se tratava de obra de ficção e acreditaram que a Terra estava sendo invadida por marcianos. Na época, em 1938, milhares de pessoas deixaram suas casas para fugir das cidades e houve pânico e tentativas de suicídio, pois cada um interpretou a invasão a seu modo.

Em meio a tantas transformações e atualizações, esse veículo de comunicação de massa é considerado hoje o mais popular não só no Brasil, mas no mundo e em função de sua grandiosidade analisa-se e estuda-se o espaço que o rádio oferece ao meio ambiente, tema tão importante frente a tantos problemas que a humanidade tem enfrentado por falta de informação ou até mesmo negligência ou falta de vigilância do governo e das mídias em geral. Campos (2006) reforça que os jovens precisam entender o assunto já no ensino básico como também na universidade, e além das escolas, as mídias têm o dever social de informar sobre essa questão. Pode-se tomar como exemplo o radiojornal Ecolândia, da rádio comunitária Caraí FM, um projeto do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul, programa semanal voltado à comunidade para informar e conscientizar as pessoas da importância do respeito à natureza, (DALA VECHIA et al., 2009).

Torna-se necessário destacar aqui a importância do bom radiojornalismo, da real prestação de serviços à população. Em sua obra, a professora e escritora, Gisela Swetlana Ortriwano que era apaixonada pelo rádio, introduziu o radiojornalismo nas ciências da comunicação, mostrou um caráter mais aprofundado e uma reflexão sobre o profissional e o trabalho de recepção social dessa disciplina nesse veículo democrático que sem distinção fala para todos (GOUVEIA, 2011).

Com o rádio na internet o ouvinte internauta participa mais, interage com os jornalistas e apresentadores, e muitas vezes fazem o papel de repórteres, distribuindo informações. Além de contar atualmente também com os blogs de rádio para comunicação, as redes sociais definem algumas pautas para coberturas radiojornalísticas (TAVARES JR., 2011). Nesse ponto entram as “enxurradas” de notícias que surgem de várias partes do planeta, em tempo real e por isso é importante checar as informações e distribuir conteúdos jornalísticos com veracidade e com os vários lados de uma notícia para que não haja dúvida ou parcialidade, pois muitas vezes, informações que são transmitidas de maneira incorreta ocasionam problemas na vida das pessoas ou na natureza.

Importante ainda é a verificação da validade e da idoneidade das fontes. O jornalista precisa estar atento ao divulgar as notícias e muitas vezes esses profissionais equivocam-se ou por falta de visão ou por se deixarem influenciar pela publicidade, pelos interesses das empresas ou pela falta de materiais de pesquisas disponíveis ao alcance da imprensa que comprovariam certas informações. É importante para o jornalista entender que nem todas as organizações governamentais ou não governamentais, políticas, econômicas, ambientais ou de qualquer editoria, são dignas de confiança e algumas realizam campanhas em benefício próprio com a proposta de proteger a educação ou a natureza, mas suas atividades beneficiam mais a indústria. Importante ainda para o trabalho do jornalista é não se deixar influenciar pelas propagandas enganosas.

Faz-se necessário incluir o rádio no contexto da publicidade e da propaganda pagas: em 1942 quando Os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial, o primeiro noticiário radiofônico, o Repórter Esso, recorde de audiência, não tinha concorrentes e tornou-se palco de propaganda norte-americana. No Brasil, percebe-se pela audição do programa A Voz do Brasil, no ar há 80 anos, que o noticiário divulga assuntos que evidenciam as ações do governo.

A história do rádio começou a tomar fôlego há exatamente 91 anos, quando da primeira transmissão ocorrida simultaneamente a exposição internacional em

comemoração ao centenário da Independência, inaugurada pelo então presidente Epitácio Pessoa. O discurso dele foi ouvido por meio de um transmissor de 500 watts, fornecido pela empresa norte-americana Westinghouse e instalado no alto do Corcovado no Rio de Janeiro. Foi uma demonstração experimental com transmissão de música clássica, incluindo a ópera O Guarani, de Carlos Gomes, tema musical utilizado ainda hoje na Voz do Brasil.

As rádios brasileiras são concessão pública do Estado e o país tem aproximadamente 9.400 emissoras em funcionamento, incluindo as comerciais AM e FM e as rádios comunitárias. O número é mais que o dobro do registrado há dez anos, segundo os últimos dados do Ministério das Comunicações. Nos estados de São Paulo com 1.400 rádios e Minas Gerais com 1.300 estão concentrados os maiores números de emissoras.

O veículo citado pelo pai da radiodifusão brasileira, o cientista Edgard Roquette Pinto, como “o jornal de quem não sabe ler” passa por várias mudanças com a era da globalização e alterações tecnológicas e nesse movimento de transição que atinge hoje pessoas de todas as classes sociais, poucos jornalistas atentam com insistência para um assunto tão polêmico como a preservação ambiental e que poderia ser analisado por estar presente em 88 % das residências brasileiras, número este contabilizado pela última pesquisa da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão.

Pede-se para relacionar as várias vertentes da mídia selecionada para este estudo a fim de planejar com que dimensão os temas incluídos neste veículo atingem as várias camadas da sociedade. Com os dias contados, o rádio AM hoje tem a audiência apenas de pessoas com mais de 60 anos de idade e os ouvintes de FM e usuários dos sites querem como tendência o *podcast* para baixar o conteúdo e ouvir depois.

Com o rádio na internet deve haver um atrativo para chamar a atenção, e outra mudança em consequência da web é com relação ao trabalho dos jornalistas que nem sempre precisam estar presentes no local dos acontecimentos para divulgar informações, pois apuram e checam os fatos diretamente das redações (LOPES, 2009).

Hoje o radiojornalista passou a ter um perfil multimídia em função das muitas tecnologias e atua em um veículo que trabalha além do som, o vídeo, o texto e a foto para divulgar informações também nos sites das emissoras. As ferramentas usadas,

além do gravador, são o celular ou câmera para inserir a notícia na web de qualquer parte do mundo (FRANÇA, 2012).

Objetivo da pesquisa

O objetivo do presente trabalho foi fazer um diagnóstico do “estado da arte” sobre a divulgação do meio ambiente nas mídias radiofônicas, para que os profissionais e mais especificamente os radiojornalistas conscientizem a sociedade da importância da preservação dos recursos naturais para esta geração e também para as futuras.

MATERIAL E MÉTODOS

As etapas dessa pesquisa foram desenvolvidas de maneira gradual desde 2013 e para avaliar o espaço e analisar o conteúdo que a mídia radiofônica proporciona ao assunto meio ambiente em algumas emissoras jornalísticas e musicais, tomou-se como base a leitura de 56 artigos científicos, 39 entrevistas concedidas exclusivamente para este trabalho, a audição de programas radiofônicos e a observação nos sites. Alguns dados foram relatados através da minha experiência profissional como jornalista na mídia rádio em várias emissoras de São Paulo.

Foram analisadas na presente pesquisa, as informações nos espaços que a mídia radiofônica proporciona ao assunto meio ambiente, de 2009 a 2014, em algumas emissoras da cidade de São Paulo, entre elas a CBN, Eldorado, Estadão, Cultura Brasil, Cultura FM, Jovem Pan AM e FM. Incluem-se nesta avaliação os programas e boletins radiofônicos que transmitem notícias relacionadas ao tema e com aprofundamento da questão.

Justifica-se a escolha dessas emissoras porque tanto a CBN, como a Eldorado e a Estadão, estão entre as de grande abrangência e têm uma linha editorial reconhecida na defesa da preservação do meio ambiente. Procurou-se ouvir outras mídias como a Jovem Pan AM e FM, que também tem credibilidade, para saber a dimensão do espaço ambiental e inseriu-se para análise do material ecológico também as rádios educativas Cultura FM e Cultura Brasil. Permanece após adaptação o trabalho de Piancastelli (2012) com uma análise da programação

de outra emissora educativa, a rádio USP de São Paulo, e atualizado para a presente pesquisa.

A rádio web Mar Sem Fim destaca-se no presente estudo como uma das tendências das emissoras, pela iniciativa inédita que transmite chamadas e informações sobre os ecossistemas costeiros e marinhos, e transporta o ouvinte ao site com o mesmo nome para detalhamento das informações.

A Voz do Brasil está neste contexto já que é transmitida de segunda a sexta-feira em todo território nacional com 240 horas anuais e ocupa um bom espaço no dial das emissoras brasileiras.

É fundamental ressaltar que não se teve de início a pretensão de realizar análises comparativas de conteúdos entre os veículos embora haja pontos em comum entre esses meios de comunicação e que mereceram ser explicitados.

A educação deve ser apontada como o ponto de partida para esclarecimento e aliada para a preservação dos recursos naturais e por isso foram entrevistados também na presente pesquisa, profissionais e pesquisadores dessa área para uma melhor compreensão da postura do profissional na mídia diante de fatos relacionados ao meio ambiente e que resultou em uma análise da importância do ensino neste contexto.

Para melhor conhecimento da temática, foi traçado um paralelo das divulgações radiofônicas com as principais ocorrências envolvendo meio ambiente nas outras mídias e as principais conferências promovidas pela ONU sobre políticas ambientais e que favoreceram em parte a análise deste tema.

Este presente trabalho não teve como propósito quantificar o número de inserções de notícias ambientais em cada jornal ou programa das rádios tradicionais selecionadas entre 2009 e 2014 e, sim explorar os espaços dedicados ao assunto em programas, programetes ou boletins que induziram a uma análise das questões sobre o meio ambiente além de uma percepção mais detalhada dos motivos dos espaços.

Com as entrevistas realizadas e a audição dos programas, traçou-se o perfil e a linha editorial de cada emissora para avaliar os conteúdos e as aberturas reservadas ao meio ambiente.

Foram entrevistados especialistas no assunto e responsáveis pelo jornalismo, produtores e gerentes de sete emissoras: CBN, Eldorado, Estadão, Rádio Cultura Brasil, Cultura FM, Jovem Pan AM e Pan FM.

Todas as entrevistas concedidas foram importantes para avaliar o espaço do jornalismo ambiental nas emissoras como também para elucidar sobre as possíveis formas de conscientização à população que poderiam ser divulgadas na mídia. Nessa busca deparou-se com causas e consequências que fez envolver o assunto da Ecologia com outras áreas como Educação, Política, Economia e Direito.

A abordagem qualitativa com profissionais de diferentes experiências e formações que atuam em várias áreas teve a pretensão de diversificar para melhor entendimento do tema, mas dentro do escopo do jornalismo ambiental, para melhor análise dos dados. Os currículos foram obtidos com os próprios entrevistados, nos sites das emissoras ou na Plataforma Lattes.

Foram convidados para discutir o assunto, biólogos, jornalistas, radialistas, professores universitários, coordenadores e diretores de cursos de jornalismo de São Paulo e da cidade de Santos, escritores, e especialistas de organizações governamentais e não governamentais envolvidos com a questão. Os contatos foram realizados por telefone, e-mail ou pessoalmente, de acordo com a possibilidade dos entrevistados ou da entrevistadora.

As respostas dissertativas foram incluídas ao longo do trabalho na tentativa de complementar opiniões e detalhar alguns motivos da falta dos espaços nas emissoras, além de avaliar o grau de aprofundamento do jornalismo nas questões do meio ambiente.

Pensou-se no começo em 30 entrevistas, um número razoável dentro de um possível universo com pessoas envolvidas para elucidar o tema. Posteriormente esse número foi estendido conforme a necessidade para explicação do assunto, e no total foram realizadas 39 entrevistas como sumariza a tabela.

Durante a elaboração do material para pesquisa foram produzidos três modelos de questionários; um para diretores, chefes do departamento, ou pauteiros das emissoras, o segundo para produtores de programas, programetes ou boletins radiofônicos sobre meio ambiente, e o terceiro para diretores ou coordenadores dos cursos de jornalismo, como relacionados no apêndice. No final foram utilizados somente dois tipos de questionário, pois optou-se por descartar o segundo e no lugar foram realizadas entrevistas exclusivas mais pormenorizadas com cada produtor especializado no assunto para maior questionamento e que foram incluídas ao longo do texto do trabalho.

Os dados foram tabulados e culminaram em uma análise mais ampla das causas das defasagens em espaços na mídia e mais especificamente em algumas

emissoras de rádio, direcionados à preservação da natureza, como a ausência da exposição e reflexão dos temas ambientais.

As entrevistas com respostas de natureza qualitativa são os principais destaques deste estudo estando as devidas respostas selecionadas pelos assuntos abordados, dentro dos enfoques determinados para a condução da linha de raciocínio de avaliação da inclusão da temática ambiental na programação radiofônica. A pesquisa qualitativa é indutiva e foram desenvolvidos conceitos a partir das perguntas e dos padrões encontrados.

Dedicou-se o final de Agosto de 2014 e o mês de Setembro de 2014 para a aplicação dos questionários com coordenadores de faculdades e responsáveis pela programação radiofônica, além dos especialistas.

A cobertura ambiental do radiojornalismo nas emissoras foi analisada de maneira qualitativa nos programas, quadros ou programetes e boletins, e foram observados os posicionamentos editoriais e a importância dada às notícias também através da definição de algumas pautas. Evidenciou-se mais precisamente, o critério para o aprofundamento das questões ambientais e os entrevistados colaboraram para complemento das observações.

No caso da Voz do Brasil foram selecionados e estudados como referência, parte do material sonoro disponível na internet e 10 entrevistas exclusivas que colaboraram para complemento das observações.

Analisou-se amostra das matérias com temática sobre meio ambiente, transmitidas entre 2009 e 2014 e publicadas em *podcasts* no portal de conteúdos da Empresa Brasil de Comunicação que disponibiliza desde 2009, diariamente, um material de áudio na página da internet (http://conteudo.ebcservicos.com.br/servicos/servico-de-radio/materias-da-voz-tmp?b_start:int=6130).

Como matéria pode-se entender as notícias jornalísticas que são repercutidas também com entrevistados para melhor detalhamento e entendimento de um fato e *Podcasts* são arquivos de áudio transmitidos via internet que libertam os ouvintes da grade de programação das emissoras; podem ser ouvidos a qualquer hora e criam uma espécie de rádio virtual para ser escutada também em um *player* portátil.

Algumas matérias foram selecionadas para demonstração da falta de esclarecimento e profundidade em temas de grande importância para a vida do cidadão, assim como foram elaboradas tabelas para exemplificação e demonstração dos assuntos.

Utilizou-se ainda para aperfeiçoamento da crítica, uma técnica de audição para avaliação qualitativa a fim de expressar a linha editorial e observar a cobertura jornalística e o conteúdo ambiental de alguns boletins. “Por meio da análise mais aprofundada de conteúdo descobrem-se as tendências ao avaliar boletins semanais” (GARCIA, 2008).

O objetivo de algumas entrevistas foi entender a visão de profissionais especializados em meio ambiente e ouvintes do programa A Voz do Brasil para uma análise crítica das matérias.

Diretores ou coordenadores de oito faculdades de jornalismo responderam ao questionário e o objetivo da pesquisa foi uma tentativa de analisar a importância da educação neste contexto para uma melhor compreensão da postura do profissional na mídia diante de fatos relacionados ao meio ambiente. Entre as faculdades de São Paulo, selecionadas para a pesquisa estão a Anhembi Morumbi, Cásper Líbero, FIAM FAAM – Faculdades Integradas Alcântara Machado e Faculdade de Artes Alcântara Machado, Presbiteriana Mackenzie, Metodista de São Paulo, PUC - Pontifícia Universidade Católica e USP - Universidade de São Paulo e, na cidade de Santos, a UNISANTA – Universidade Santa Cecília. As respostas dissertativas foram inseridas ao longo deste estudo para complementação das ideias e as demais tabuladas para diagnóstico do assunto.

Com relação às interferências metodológicas houve apenas poucos impedimentos, por motivos técnicos, para a realização de pesquisas em algumas universidades inseridas a princípio para desenvolver este estudo, mas outras foram introduzidas para melhor diagnosticar a situação.

Para a conclusão da importância da rádio web Mar Sem Fim, como uma das tendências do rádio, os entrevistados foram selecionados tanto para descreverem a programação, os trabalhos e os perfis, do site e da emissora, quanto para exemplificar e esclarecer a necessidade de um movimento criativo pela sustentabilidade dos ecossistemas costeiros e marinhos.

Apenas a entrevista com Kátia Sartório foi realizada em 2013, as demais foram concedidas para este estudo em 2014.

O conteúdo com as informações fornecidas pelos entrevistados da tabela 1 são referências registradas sob a forma de correio eletrônico para esse trabalho e podem ser repassadas com a devida autorização fornecida pelos mesmos.

Tabela 1- Perfil dos entrevistados

Perfil dos Entrevistados	
Entrevistados	Experiência Profissional
Alexandre Tondella	Funcionário da Fundação Padre Anchieta desde 1994 - atua como produtor de programas da Rádio Cultura, coordenador de produção da TV Cultura e atualmente Gerente das Rádios AM / FM e coordenador dos programas “Prelúdio” e “Clássicos” da TV Cultura. É professor da Faculdade de Comunicação e Marketing da FAAP desde 1999 nos cursos de Rádio e Televisão e Publicidade & Propaganda.
Anchieta Filho	Chefe de redação do Jornal da Manhã, da Jovem Pan há 25 anos e acompanhou as principais mudanças da emissora e do radiojornalismo. Comanda, além do Jornal da Manhã, também o Jornal Jovem Pan. O jornalista recebeu em 2006 o troféu Keiko Ogura criado pela artista plástica Mari Kanae, que coordenou a enquete “Quem fala com o Povo”, para identificar os radialistas em quem a população confia.
André Trigueiro	Jornalista com pós-graduação em Gestão Ambiental pela Universidade Federal do Rio de Janeiro onde ministra aulas de Geopolítica Ambiental; professor e criador do curso de Jornalismo Ambiental da PUC/RJ. Autor de vários livros sobre meio ambiente, é comentarista da rádio CBN e Editor-chefe do Cidades e Soluções da Rede Globo onde tem um quadro quinzenal sobre sustentabilidade.
Angela Pappiani	Jornalista, escritora e produtora cultural da Ikore - projetos culturais e artísticos. Formada pela Escola de Comunicação e Artes da USP em 1976, atuou na grande imprensa em empresas como o Estado de São Paulo, Editora Block e TV Bandeirantes. Coordenadora cultural do Núcleo de Cultura Indígena, criou a Ikore em 2001 para viabilizar a realização de projetos junto a organizações não governamentais.
Carlos Roberto da Costa	Graduado em Teologia pelo Instituto de Los Sagrados Corazones, El Escorial, Madrid (1972), em Filosofia (revalidação de estudos) pela Universidade Mogi das Cruzes (1973), em Jornalismo pela Faculdade Casper Líbero (1978), mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003 e 2007). É coordenador do curso de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero.
Cirley Virgínia Ribeiro	Pós-graduada em Tecnologia Educacional pela Fundação Armando Álvares Penteado, onde é professora de radiojornalismo no Departamento de Rádio e TV da Faculdade de Comunicação. Trabalha como repórter, apresentadora e produtora na rádio Fundação Padre Anchieta há 26 anos, ganhadora dos prêmios Jornalistas e Cia/HSBC de Imprensa e Sustentabilidade, na categoria Rádio.
Denise Cristine Paiero	Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo, é Coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professora de Graduação e pós-graduação da mesma Universidade. Em 2012 recebeu a medalha de destaque em ensino, em cerimônia de comemoração pelos 60 anos da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<p>Eduardo Weber</p>	<p>Pós-graduado em Tecnologia Educacional pela FAAP onde ministra aulas nos cursos de rádio e TV em São Paulo. Trabalha há trinta e dois anos na Fundação Padre Anchieta, é coordenador de produção nas emissoras Rádio Cultura FM e Rádio Cultura Brasil. Produziu documentários sobre moradias em parceria com a rádio Deutsche Welle da Alemanha e criou o “Programa do Estudante” na Cultura.</p>
<p>Elvis Wanderley dos Santos</p>	<p>Mestre em Comunicação pela Universidade de São Paulo, Jornalista, Geógrafo e Cientista Social, é coordenador do curso de Jornalismo do campus Chácara na UNIP. Pesquisador em Telenovela e Cotidiano Brasileiro, atua também como Palestrante para estudantes dos últimos anos dos cursos de graduação da UNIP Brasil, como formador de carreiras e motivador para o Mercado de Trabalho.</p>
<p>Hamilton Octávio de Souza</p>	<p>Jornalista desde 1972 e professor da PUC-SP desde 1982, onde ministra atualmente as disciplinas “Jornalismo Político” e “Jornalismo Econômico”. Exerceu a chefia do Departamento de Jornalismo da universidade por seis mandatos, nos períodos de 1991 a 1995, e de 2001 a 2009. Atuou como repórter de geral e política no jornal O Estado de São Paulo, e na Folha de S. Paulo.</p>
<p>Humberto Challoub</p>	<p>Diretor da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade Santa Cecília, cargo que ocupa desde 1996. Há mais de 24 anos dirige a Enfoque Comunicação Integrada, responsável pela realização de vários projetos de assessoria empresarial, de produtos editoriais e multimídia. Responde como Diretor de Redação do jornal semanal Boqnews em Santos e coordena o programa Enfoque na Unisanta.</p>
<p>João Lara Mesquita</p>	<p>Músico, jornalista e fotógrafo. Entre 1982 e 2003 foi diretor da Rádio e Estúdio Eldorado de São Paulo. É membro fundador e conselheiro do Núcleo União Pró- Tietê, ligado à Fundação SOS Mata Atlântica. Foi conselheiro do Greenpeace e hoje é conselheiro da CI- <i>Conservation International</i>. É autor de “ O Brasil visto do Mar Sem Fim” ; publicou ainda “Eldorado – a rádio cidadã”, e “Embarcações Típicas da Costa Brasileira”.</p>
<p>João M. Miragaia Schmiegelow</p>	<p>Biólogo formado pela USP-SP, com mestrado e doutorado pelo Instituto Oceanográfico dessa mesma instituição. É professor do curso de graduação em Ciências Biológicas com ênfase em Biologia Marinha e do Programa de Mestrado em Ecologia da Universidade Santa Cecília. Autor do livro “O Planeta Azul: uma Introdução às Ciências Marinhas”, possui diversos artigos científicos publicados na área marinha.</p>
<p>José Manoel Ferreira Gonçalves</p>	<p>Jornalista, advogado, engenheiro e cientista político. Fez especialização, mestrado e doutorado na área ambiental. Participa das convenções da ONU para o Clima e atua em situações ambientais, no Guarujá, em Santos e São Paulo. Com doutorado em Engenharia de Produção, dedicou-se a cenários do transporte de cargas para o porto de Santos com redução das emissões de gases de efeito estufa.</p>

Kátia Cristina Sartório	Exerce na Radiobrás /EBC as funções de Chefe de Divisão de Radiojornalismo, Chefe da Radioagência Nacional, Âncora e comentarista da Voz do Brasil. Coordenadora de reportagem multimídia da Agência Brasil, Editora-Chefe da Voz do Brasil e Âncora do programa de entrevistas multimídia (Rádio e TV) Bom Dia Ministro. Trabalhou no Sistema Globo de Rádio. Foi Repórter, setorista do Palácio do Planalto.
Luiz Artur Ferraretto	Professor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Formado em Jornalismo pela mesma instituição, concluiu o doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. Autor de "Técnica de redação radiofônica", "Assessoria de imprensa, teoria e prática", "Rádio - O veículo, a história e a técnica" e "Rádio no Rio Grande do Sul".
Luiz Carlos Bezerra	Professor de Jornalismo na Universidade Santa Cecília, nas disciplinas de impresso e radiojornalismo. Formado em Jornalismo pela Unisantos, com Mestrado na Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é especialista em Relações Institucionais, Governamentais e Desenvolvimento Social da Usiminas. Estudante das leis da Natureza, do autoconhecimento, espiritualismo e misticismo.
Márcia Furtado Avanza	Diretora do FIAM-FAAM - SP, onde atua como Diretora do Núcleo de Ciências Sociais Aplicadas, Humanas e das Artes, e coordenadora do Curso de Jornalismo. Graduada em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação Social Hélio Alonso – RJ. É especialista em Divulgação Científica pelo Núcleo José Reis (ECA-USP), mestre e doutora em Ciências da Comunicação; repórter da Rádio USP.
Marcos Sorrentino	Biólogo com doutorado em Educação, pós-doutorado em Psicologia Social pela USP e pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. Foi Diretor de Educação Ambiental do MMA de abril de 2003 a junho de 2008. Tem experiência em Educação, com ênfase em educação ambiental, políticas públicas e planejamento na direção de sociedades sustentáveis.
Maria Nilda Santos	Jornalista, pós-graduada em Comunicação Organizacional, estudou História da Arte e é pesquisadora independente na área de História oral e Memória, Contação de Histórias, entre outros temas. Atuou na BibliASP na área de Comunicação e Gestão Sociocultural. Realiza consultorias de comunicação e meio ambiente para organizações não governamentais, governamentais e instituições privadas.
Mariza Tavares	Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro é diretora-executiva da Rede CBN desde 2002. Recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo na categoria Informação Científica ou Tecnológica (Mariza Tavares et al.) pelo trabalho "Choque com a vida", em 1988. Coordenou e foi uma das autoras dos livros CBN, a rádio que toca notícia e Manual de Redação CBN.

Milton Jung	Jornalista, trabalha na rádio CBN desde 1998; em 2011 deixou de apresentar o CBN São Paulo, passando a apresentar o Jornal da CBN. É autor de dois livros: "Conte sua história de São Paulo" (Editora Globo,2006), baseado num quadro do CBN São Paulo, e um manual dedicado a estudantes de jornalismo, "Jornalismo de Rádio" (Contexto, 2005), adotado por vários cursos universitários.
Milton Pelegrini	Pós-Doutor pela Universidade Austral do Chile, tendo concluído o doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Hoje é Professor Assistente Doutor concursado do quadro do magistério e Coordenador do Curso de Jornalismo da PUC/SP. Foi Professor Titular do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista.
Nélia Del Bianco	Professora da Faculdade de Comunicação de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Comunicação pela ECA-USP (2004), estágio de pós-doutorado na Universidade de Sevilha (2009) e mestre em Comunicação pela UNB (1991). Atua no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB, na linha de pesquisa Políticas de Comunicação e de Cultura.
Nivaldo Ferraz	Coordenador e professor do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. Doutorando no Programa Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP. Convidado como pesquisador visitante pelo The Centre for Media and Cultural Reserch at Birmingham City University, em Birmingham. Mestre em Ciências da Comunicação pela USP. Graduação em Jornalismo pela Universidade Metodista/SP.
Oswaldo Stella	Engenheiro mecânico e seu trabalho foca na restauração de áreas florestais degradadas. Em 2004 fundou a Organização Não Governamental "Iniciativa Verde". Atualmente é Diretor do Programa de Mudanças Climáticas do Instituto de Pesquisas Ambientais da Amazônia.É mestre em Energia pela USP e doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos.
Oswaldo Silva Junior	Jornalista, apresenta com entrevistas e comentários o Jornal CBN regional, com as principais notícias da Baixada. Coursou Direito em Marília e jornalismo nas Faculdades Anhembi-Morumbi. É sócio proprietário na empresa Criação Consultoria em Radiodifusão. Atuou na Rádio Kiss FM em São Paulo; responsável pela criação e consultoria da rádio Saudade FM em Santos.
Patricia Palumbo	Jornalista e conselheira da Fundação SOS Mata Atlântica, é diretora-presidente do Instituto Albatroz, que representa o Brasil na Conferência Internacional de proteção aos Albatrozes e Petréis. Colaboradora da Conservação Internacional, participa como jurada do Prêmio da Biodiversidade da Mata Atlântica desde a sua criação há seis anos. Dirige o programa Vozes do Brasil na Eldorado FM.

Paulina Chamorro	Atuou na UNESCO em áreas protegidas, como assessora de comunicação para as reservas da biosfera. Foi repórter do Mar Sem Fim e atualmente é apresentadora e editora de programas sobre meio ambiente nas rádios Eldorado e Estadão. Formou-se em jornalismo pela FIAM – Faculdades Integradas Alcântara Machado e cursou especialização em jornalismo ambiental pela Faculdade Cásper Líbero/ SP.
Paulo Rogério Tarsitano	Diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Metodista de São Paulo (1978), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1990) e doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1999).
Samuel Roiphe Barreto	Atua há mais de 20 anos na área socioambiental, diretor do Movimento Água para São Paulo da The Nature Conservancy - TNC. Tem Mestrado em Sustentabilidade pela Fundação Instituto de Administração (FIA), vinculada à USP. Biólogo pela Unesp com especialização em Limnologia realizando diversos cursos e intercâmbios técnicos no Brasil e no exterior, entre eles o de pegada hídrica e water stewardship.
Sebastião Pinheiro	Engenheiro agrônomo com pós-graduação em engenharia florestal. Foi funcionário do Núcleo de Economia Alternativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Formou-se pela Nacional de La Plata na Argentina. Trabalhou durante seis meses no laboratório Bayer e abandonou o emprego por motivos ideológicos. Em 1975 montou o primeiro laboratório de resíduos de agrotóxicos do Sul.
Sérgio Abranches	Sociólogo, PhD, cientista político, analista político e escritor é autor de “Copenhague: Antes e Depois”, 2010, sobre a política global do clima. Recebeu o Prêmio Jornalistas & Cia HSBC de Imprensa e Sustentabilidade: Personalidade do Ano em Sustentabilidade em 2011. Prêmio Chico Mendes de Jornalismo Socioambiental 2013 na categoria rádio. É comentarista de Meio Ambiente da rádio CBN.
Sérgio Besserman	Economista brasileiro ganhador do Prêmio BNDES de Economia de 1987 com sua tese sobre a política econômica do segundo governo Vargas. Ambientalista, membro do conselho diretor da WWF - Brasil e trabalha no tema Mudanças Climáticas, tendo sido membro da missão diplomática brasileira em duas Conferências das Partes da ONU. É professor de economia brasileira na PUC-Rio.
Silvana Pires	Jornalista formada pela antiga Sociedade Visconde de São Leopoldo, que se tornou a mantenedora da Universidade Católica de Santos - Unisantos. Trabalhou no Sistema A Tribuna de Rádio de 1985 a 1988 e, em 1989, ingressou na Universidade de São Paulo como jornalista da Rádio USP. Já atuou como pauteira, repórter, redatora, editora e produtora. Atualmente responde pela programação jornalística da Rádio.

Vinicius Alvarenga da Silva	Pauteiro na rádio Jovem Pan desde 2012 e trabalha na emissora há cinco anos. Na rádio passou pelas áreas de apuração de pautas e informações, seleção de releases e produção de reportagens radiofônicas. Formado em jornalismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie na capital paulista, iniciou a carreira em 2009 na Pan. Atua nas áreas de política, economia e geral.
Wagner Souza e Silva	Fotógrafo e Prof. Dr. da USP. Atua no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA, junto às disciplinas "Técnica e Estética da Fotografia", "Elementos do Fotojornalismo" e "Fotografia e Imagem em Editoração". Possui graduação em Rádio e TV pela ECA/USP e, pela mesma instituição, mestrado em Estética do Audiovisual e doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática.
Washington Novaes	Jornalista há 57 anos e documentarista, colunista semanal do jornal "O Estado de São Paulo" e de "O Popular", de Goiânia. Autor dos livros, "Xingu, uma flecha no coração", "A quem pertence a informação", "A Terra pede água". Autor de duas séries de 10 documentários sobre o parque indígena do Xingu. Supervisor e comentarista do programa "Repórter Eco", da TV Cultura. Bacharel em Direito pela USP.
Zacharias Bezerra de Oliveira	Jornalista com pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará e autor das seguintes cartilhas: "O que é Consumo Sustentável", Fortaleza; "Sustentabilidade, Consumo e Gênero", Fortaleza: Associação Alternativa Terrazul; "Crise Ambiental", Fortaleza: Associação Alternativa Terrazul; "Legislação Ambiental", Fortaleza: Associação Alternativa Terrazul.

Esta pesquisa foi feita em conformidade com a autorização do Comitê de ética em Pesquisa registrado na Plataforma Brasil sob número CAAE 34834214200005513.

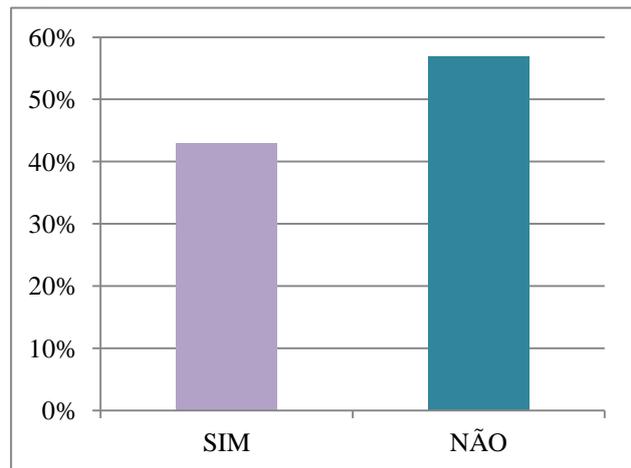
RESULTADOS E DISCUSSÕES

1º) O espaço disponível para o meio ambiente nas rádios

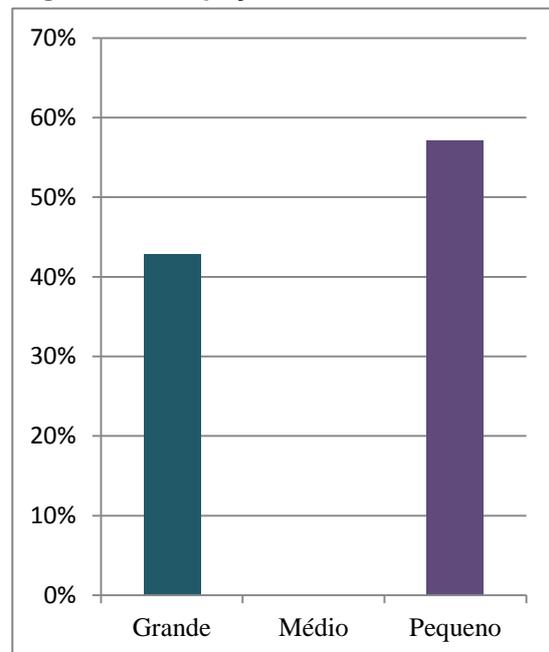
A figura 1 demonstra que em 57% das emissoras tradicionais não existe prioridade para a cobertura de pautas sobre jornalismo ambiental, com exceção da CBN, da Eldorado e da Estadão que tratam mais atualmente da temática.

Tabela 2 - Diagnóstico nas rádios

Existe prioridade para a cobertura de pautas sobre jornalismo ambiental?		
	SIM	NÃO
	43%	57%
CBN	x	
CULTURA BRASIL		x
CULTURA FM		x
ELDORADO	x	
ESTADÃO	x	
JOVEM PAN FM		x
JOVEN PAN AM		x

Figura 1 - Cobertura de pautas ambientais**Tabela 3 - Diagnóstico nas rádios**

Qual é o espaço que a emissora oferece hoje ao assunto meio ambiente?			
	Grande	Médio	Pequeno
	43%	0%	57%
CBN	x		
CULTURA BRASIL			x
CULTURA FM			x
ELDORADO	x		
ESTADÃO	x		
JOVEM PAN FM			x
JOVEN PAN AM			x

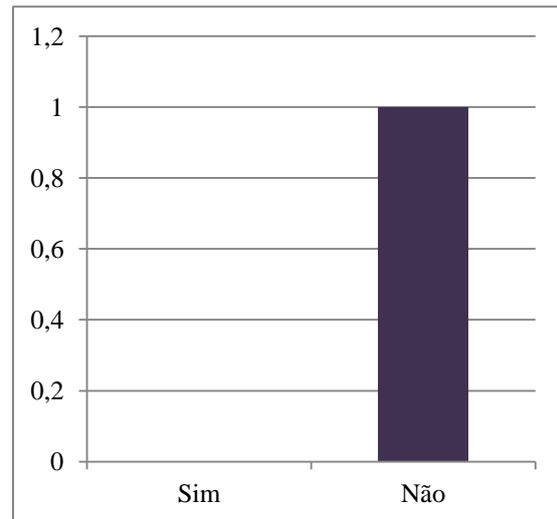
Figura 2 - O espaço do meio ambiente

A maioria das emissoras oferece um pequeno espaço para o jornalismo ambiental. Apenas na CBN, Eldorado e Estadão o espaço pode ser considerado grande, como demonstrado na figura 2.

Tabela 4 - Diagnóstico nas rádios

Nos últimos 5 anos aumentou o número de programas, programetes ou boletins voltados às questões ambientais?		
	Sim	Não
		100%
CBN		x
CULTURA BRASIL		x
CULTURA FM		x
ELDORADO		x
ESTADÃO		x
JOVEM PAN FM		x
JOVEN PAN AM		x

Não aumentou o número de programas, programetes ou boletins voltados às questões ambientais em nenhuma das emissoras apontadas neste projeto entre 2009 e 2014. (figura 3)

Figura 3 – Matérias sobre meio ambiente**Tabela 5 – Diagnóstico nas rádios**

O que dificulta a produção de mais programas sobre o tema?				
	falta de informação	falta de interesse	foge da linha editorial	nada dificulta
	0%	29%	29%	43%
CBN				x
CULTURA BRASIL			x	
CULTURA FM			x	
ELDORADO				x
ESTADÃO				x
JOVEM PAN FM		x		
JOVEN PAN AM		x		

Não existe dificuldade para a produção de mais programas sobre o tema para os profissionais da CBN, Eldorado e Estadão. Como demonstra a figura 4, na Cultura Brasil e na Cultura FM o assunto foge da linha editorial e, para a Jovem Pan AM e FM falta interesse na divulgação do tema; os assuntos não são pauta prioritária nessas emissoras e, são transmitidos apenas quando estão incluídos em agendas ou quando são factuais.

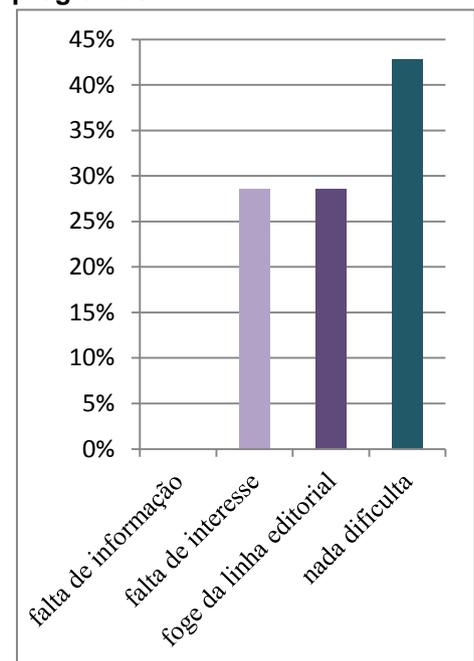
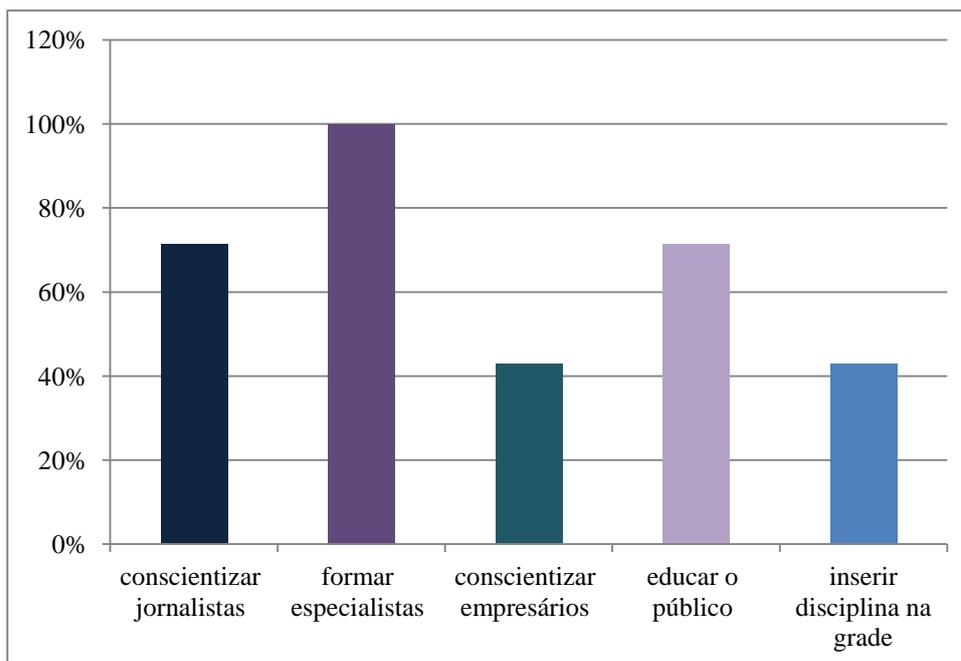
Figura 4 – Dificuldades para produção dos programas

Tabela 6 – Diagnóstico nas rádios

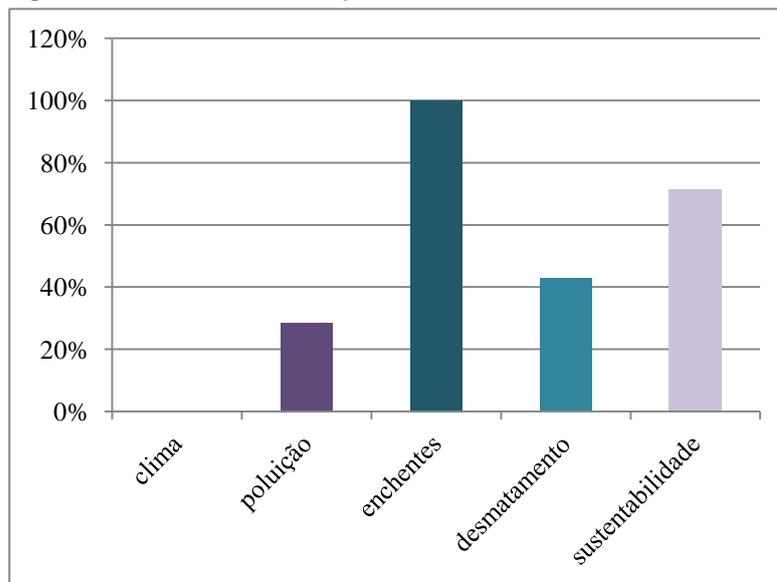
O que seria preciso para divulgação de pautas diárias para alertar a população sobre a importância da preservação do meio ambiente?					
	conscientizar jornalistas	formar especialistas	conscientizar empresários	educar o público	inserir disciplina na grade
	71%	100%	43%	71%	43%
CBN	x	x	x	x	x
CULTURA BRASIL		x		x	
CULTURA FM		x		x	
ELDORADO	x	x	x	x	x
ESTADÃO	x	x	x	x	x
JOVEM PAN FM	x	x			
JOVEN PAN AM	x	x			

Figura 5 – O alerta para a preservação do meio ambiente

Percebe-se na figura 5 que a maioria acredita que para divulgar pautas diárias é preciso formar profissionais especialistas na área; 71% afirmam que é preciso conscientizar jornalistas da importância da matéria, além de educar o público para o respeito à natureza e 43% acham que é preciso conscientizar empresários da mídia e também inserir na grade dos cursos de graduação uma disciplina sobre o assunto.

Tabela 7 – Diagnóstico nas rádios

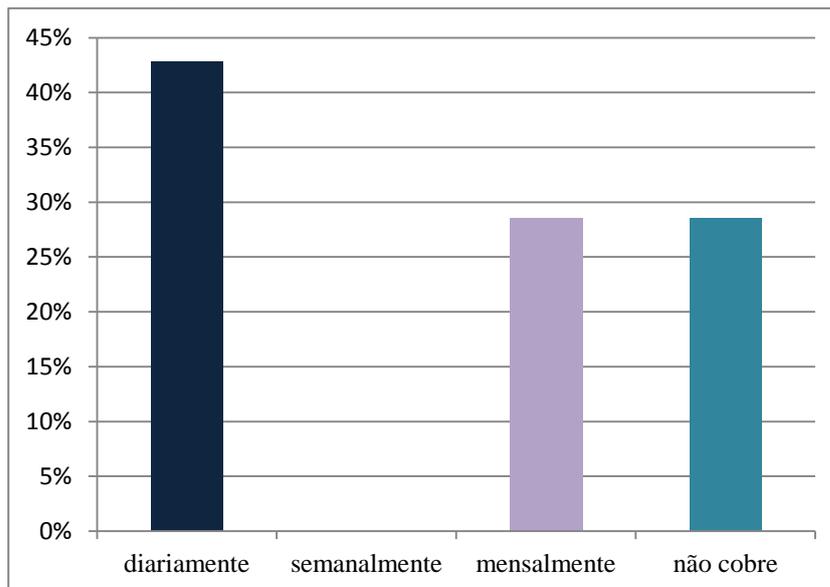
Quais são os temas tratados com maior frequência pelos jornalistas?					
	Clima	poluição	enchentes	desmatamento	Sustentabilidade
	0%	29%	100%	43%	71%
CBN			x	x	x
CULTURA BRASIL			x		x
CULTURA FM			x		x
ELDORADO			x	x	x
ESTADÃO			x	x	x
JOVEM PAN FM		x	x		
JOVEN PAN AM		x	x		

Figura 6 – Temas mais frequentes

A maioria dos jornalistas trata o assunto enchentes com maior frequência, seguido por sustentabilidade, desmatamento e poluição, como ilustrado na figura 6

Tabela 8 – Diagnóstico nas rádios

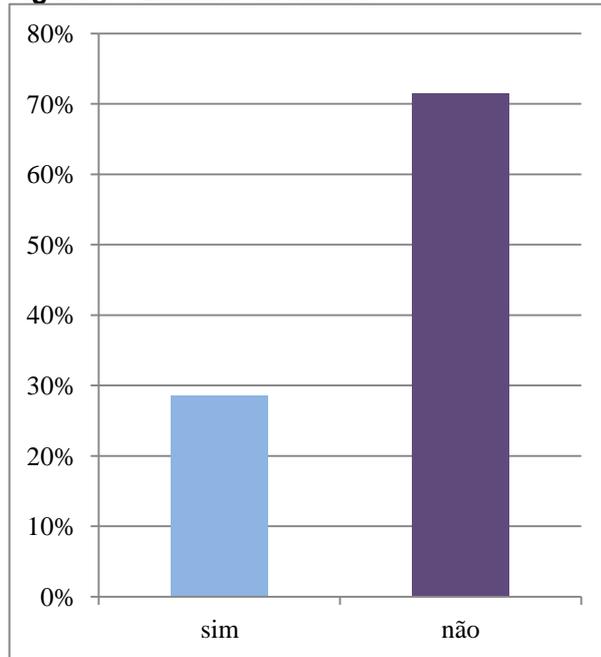
Com qual periodicidade a rádio cobre as questões relacionadas a questão ambiental?				
	diariamente	semanalmente	mensalmente	não cobre
	43%	0%	29%	29%
CBN	x			
CULTURA BRASIL				x
CULTURA FM				x
ELDORADO	x			
ESTADÃO	x			
JOVEM PAN FM			x	
JOVEN PAN AM			x	

Figura 7 – A periodicidade de temas ambientais na mídia

De maneira geral, as rádios CBN, Eldorado e Estadão cobrem diariamente e se aprofundam nas questões relacionadas à questão ambiental. Cultura Brasil, Cultura FM não cobrem e as rádios Jovem Pan AM e Pan FM cobrem mensalmente (figura 7).

Tabela 9 – Diagnóstico nas rádios

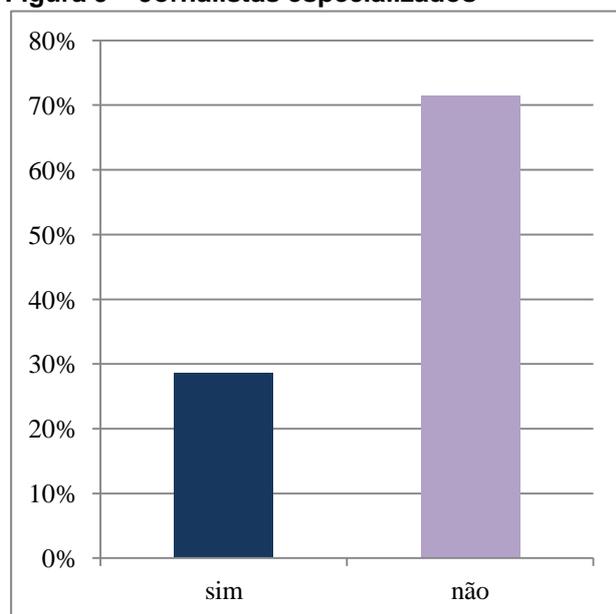
O departamento de jornalismo tem uma editoria exclusiva para assuntos ambientais?		
	sim	não
	29%	71%
CBN		x
CULTURA BRASIL		x
CULTURA FM		x
ELDORADO	x	
ESTADÃO	x	
JOVEM PAN FM		x
JOVEN PAN AM		x

Figura 8 – Editoria exclusiva

Apenas as rádios Eldorado e Estadão têm uma editoria exclusiva para assuntos ambientais, como explicado na figura 8. Observa-se um detalhe, pois a CBN não possui editoria exclusiva porque o perfil da emissora é mais generalista apesar do tema ser tratado diariamente e de maneira crítica.

Tabela 10 - Diagnóstico nas rádios

Existem jornalistas especializados no tema?		
	sim	não
	29%	71%
CBN		x
CULTURA BRASIL		x
CULTURA FM		x
ELDORADO	x	
ESTADÃO	x	
JOVEM PAN FM		x
JOVEN PAN AM		x

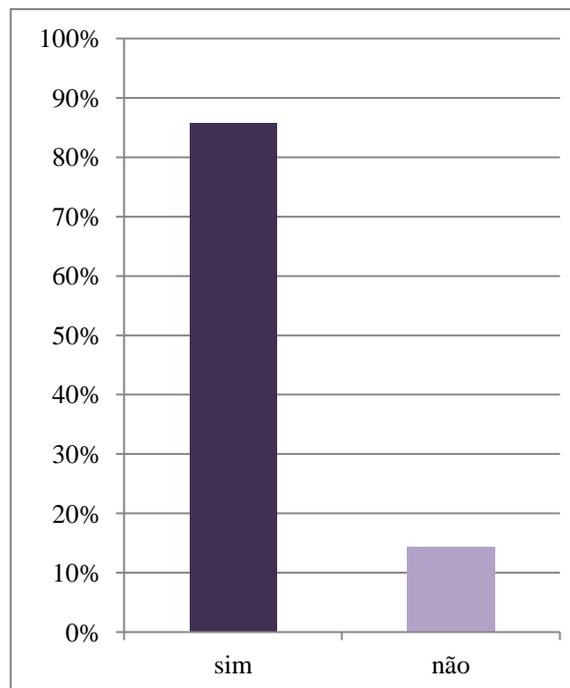
Figura 9 – Jornalistas especializados

Na maioria das emissoras não existem jornalistas especializados no tema com exceção das rádios Eldorado e Estadão (figura 9). A rádio CBN possui comentaristas gabaritados no assunto, mas isso não significa que eles devam ser jornalistas especializados.

Tabela 11 – Diagnóstico nas rádios

Na sua opinião, falta empenho das faculdades de jornalismo para formar profissionais mais capacitados para desenvolver e problematizar o assunto?		
	Sim	não
	86%	14%
CBN		x
CULTURA BRASIL	x	
CULTURA FM	x	
ELDORADO	x	
ESTADÃO	x	
JOVEM PAN FM	x	
JOVEN PAN AM	x	

Figura 10 – O empenho das faculdades



Nota-se na figura 10 que a maioria acredita que falta empenho das faculdades de jornalismo para formar profissionais mais capacitados, desenvolver e problematizar o assunto.

O importante a ressaltar neste estudo é que faltam mais rádios com interesse na análise da temática ambiental.

Tabela 12 - Classificação dos temas ambientais na rádio CBN

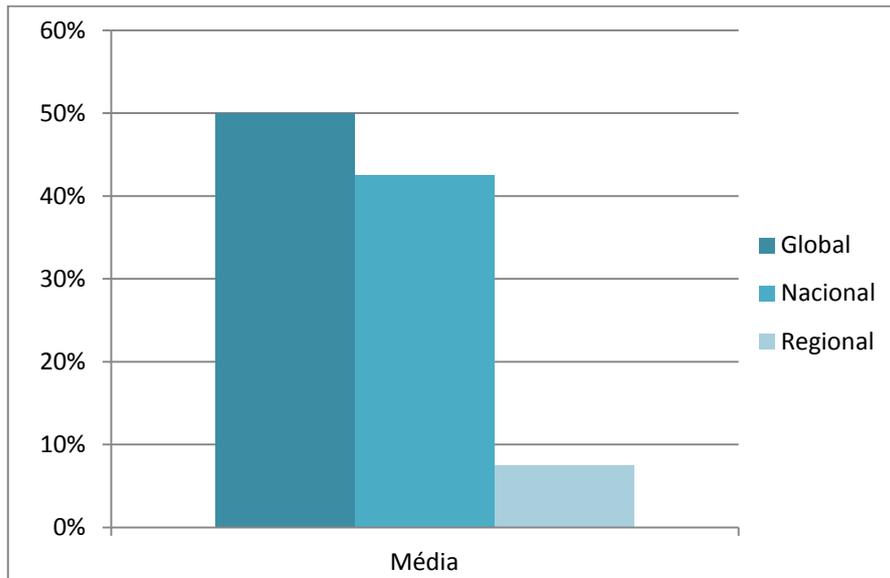
	André Trigueiro	Oswaldo Stella	Sérgio Abranches	Sergio Besserman	Média
Global	60%	30%	90%	20%	50%
Nacional	30%	70%		20%	30%
Regional	10%		10%	60%	20%

Na rádio CBN, os comentaristas abordam 50% da temática com conteúdo global, 30% nacional e 20% regional, como mostra a tabela 12.

Tabela 13 - Classificação dos temas ambientais nas emissoras da amostra

	CBN	ELDORADO	ESTADÃO	JOVEM PAN	CULTURA BRASIL	CULTURA FM	Média
Global	50%	100%	100%	50%			50%
Nacional	30%			25%	100%	100%	43%
Regional	20%			25%			8%

Figura 11 – Classificação dos temas ambientais nas emissoras



A figura 11 demonstra que entre as emissoras pesquisadas, 50 % da temática se caracteriza como global, 43% nacional e apenas 8% regional.

A CBN não cria subeditorias para os conteúdos de meio ambiente. Eles ganham espaço no noticiário local ou de rede dependendo de sua relevância. A crise hídrica em São Paulo, por exemplo, entra no local e em rede. O desmatamento na Amazônia é tema nacional e entra na rede, assim como reportagens sobre as mudanças climáticas no planeta.

As rádios Eldorado e Estadão divulgam temas socioambientais, cidadania e meio ambiente de uma maneira geral sem se preocupar com as subeditorias e os assuntos são divulgados de acordo com a importância no contexto das pautas dos programas sobre Ecologia distribuídos na programação geral.

Nos boletins da Rádio Jovem Pan transmitidos entre 2004 e 2011 os conteúdos globais e suas conexões serviam para analisar as partes.

Pode-se observar claramente que a temática ambiental aprofundada exibe um espaço maior na CBN, na Eldorado e na Estadão. Mesmo assim o assunto nas três rádios poderia estar mais vinculado em outros discursos.

Nas entrevistas com profissionais das rádios CBN, Eldorado, Estadão, e da Mar Sem Fim, percebeu-se a preocupação com a política de preservação do meio ambiente e eles se posicionaram a favor de uma divulgação maior na mídia para alertar as pessoas do tamanho da degradação dos recursos naturais. A rádio Mar Sem Fim foi analisada separadamente por ser uma emissora exclusivamente da web, mas envolvida no foco deste trabalho.

Na CBN, além da cobertura do meio ambiente na rádio, o site da emissora possui uma editoria específica para o tema. O número de comentaristas da área se manteve estável (4) de 2009 a 2014, mas a cobertura se estende com reportagens sobre o assunto inseridas nos muitos programas jornalísticos da emissora, como demonstrado na tabela 14 com a Grade da programação ecológica da rádio. Principalmente, o meio ambiente vem sendo apresentado nos programas locais como uma questão metropolitana, que faz parte do cotidiano do cidadão: esgoto, lixo, descarte incorreto de substâncias, poluição, entre outros.

Mariza Tavares, editora-executiva da Rede CBN, considera que o tema é bem atendido na pauta da CBN, inclusive com a utilização de agências para acompanhar o noticiário internacional e afirma que: “o meio ambiente é tema transversal e presente no dia a dia das pessoas. A forma mais eficiente desta discussão ser incorporada pelo público é torná-la cotidiana e relacionada com a questão urbana, como fazemos nos programas locais”. A emissora que cobre diariamente assuntos voltados à natureza desenvolve pautas diversas e mais especificamente sobre enchentes, desmatamento e sustentabilidade. Na opinião da diretora executiva da CBN não falta empenho das universidades para tratar do tema porque a universidade também não se debruça especificamente sobre política, economia ou esportes; são assuntos que demandam especialização dos profissionais. O departamento de jornalismo não tem, no entanto, uma editoria exclusiva para assuntos ambientais pelo perfil da redação da rádio que é mais generalista.

Criada em 1991, a CBN tem como principais pontos de informação o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. A produção é feita em diferentes formatos, como percebe-se na grade da emissora. O principal programa é o Jornal da CBN que vai ao ar diariamente das seis às nove e meia da manhã apresentado por Milton Jung. Ele alerta que o rádio vive o seu futuro, pois a programação é transformada em *podcast* e o próprio ouvinte constrói sua multiplataforma. Jung reafirma que a emissora investe em comentaristas especializados e reconhecidos internacionalmente com o objetivo de aprofundar a análise sobre temas relacionados à questão ambiental. Além disso, tem produzido reportagens e séries voltadas ao assunto, na maior parte das vezes com o apoio de técnicos no setor. Segundo Milton Jung, as emissoras que ainda não se atentaram para a importância do tema ambiental muito provavelmente estão desconectadas da sociedade: “os ouvintes têm demonstrado de maneira cada vez mais frequente a preocupação com o assunto e cobrado investigação e análise que agreguem conhecimento”.

A CBN de São Paulo, com o *slogan* “a rádio que toca notícias”, opera nos 90.5 MHz e integra o sistema Globo de Rádio, criada pelo jornalista Roberto Marinho como projeto *all-news* 24 horas. A principal característica dessa emissora é a repetição de notícias e dos boletins informativos para preencher uma programação com 24 horas diárias de jornalismo. Mello (2014) enfatiza por isso que existe uma nova lógica de apresentação do material devido a circularidade de informações e a repetição que implicam no desaparecimento da importância e hierarquia das informações adquiridas do jornalismo impresso.

Desde o início a CBN cobriu eventos sobre meio ambiente como a Conferência Rio-92 quando introduziu entradas ao vivo dos repórteres a partir de um estúdio montado no Riocentro. Atualmente a rede está presente nas principais cidades brasileiras com uma programação veiculada nas 34 afiliadas pelo país.

Na cidade de Santos a emissora opera nos 99.7 MHz, a mesma frequência da antiga Jovem Pan AM. Oswaldo Silva Junior explica que a equipe da rádio em Santos sempre procura pequenos detalhes para definir uma pauta relacionada ao meio ambiente, além das transmitidas pela cadeia da emissora. O site é alimentado diariamente com os principais assuntos da Baixada Santista e trechos de entrevistas apresentadas pela emissora no Jornal da CBN/Santos. Os programas são iguais aos transmitidos em São Paulo e o que difere são os programas regionais apresentados em cada praça, além da participação nos *breaks* locais com dois minutos de jornalismo em cada um, em número de quatro edições ao dia, atualmente entre 07 e 19 horas. Os horários locais são produzidos pela equipe regional de segunda a sábado e transmitidos das 9 ao meio dia e das 14 às 17 horas.

Desde o início das atividades da afiliada na Baixada Santista, em onze de março de 2013, vão ao ar dois programetes sobre meio ambiente: “Cidades Sustentáveis” e “Ciência e Meio Ambiente”. Para ampliar as informações a emissora irá contratar um comentarista que divulgará e analisará assuntos regionais.

Na opinião de Oswaldo Silva Junior, o que dificulta a produção de mais programas além de uma editoria exclusiva para assuntos ambientais na mídia de um modo geral, é a falta de informação, pois seria preciso formar mais profissionais especializados na área e esse empenho poderia começar já nas faculdades de jornalismo.

Percebe-se, pela audição dos programas e pelas entrevistas feitas exclusivamente para esta pesquisa, que a rádio CBN também se empenha na

escolha das pautas diversificadas e elucidativas que são introduzidas diariamente na programação também com o intuito de colaborar com a proposta de preservação.

André Trigueiro é comentarista da Rádio CBN desde 2003 e apresenta nos finais de semana o quadro “Mundo Sustentável” que vai ao ar aos sábados e domingos no Revista CBN às 13h50. O assunto tem um bom retorno dos ouvintes, medido pelas várias demonstrações de populares, além da grande lista com e-mails que ele recebe diariamente. Segundo Trigueiro, as universidades utilizam-se do conteúdo dos trabalhos dele para desafiar os alunos a aplicarem em sala de aula, soluções apontadas, e, além disso, alguns políticos se inspiram nas ideias da matéria transmitida na rádio para formatar projetos sobre licitações sustentáveis.

O primeiro comentarista de sustentabilidade da CBN usa a força da sua emoção com o objetivo de despertar os ouvintes para a importância do tema: “neste momento em que há uma crise ambiental sem precedentes na história da humanidade importa construir o jornalismo em duas frentes, a primeira para detectar as causas dessa crise e o que fazer para corrigir o mundo. Na questão ambiental eu tenho notado que já existe também sensibilidade dos meus colegas jornalistas para a amplitude do tema que extrapola a agenda conservacionista”. Na apresentação das informações dos seus programetes sobre Sustentabilidade ele tenta fugir do óbvio: “o meu desafio como comentarista é mostrar que o assunto ambiental não é uma opção, uma alternativa para o ouvinte que às vezes pode detestar os temas ambientais, mas sugerir que ele está progressivamente amarrado ou condenado a lidar com isso, num mundo que é um só, com os recursos finitos, e que ele deve estar ciente de que a destruição desses recursos nos projetam um cenário hostil”.

André Trigueiro também associa as manifestações de junho de 2013, do movimento passe livre, que começaram em São Paulo, à mobilidade urbana: “é um tema ambiental, a cidade é um ecossistema urbano e para a vida fluir precisamos ter mobilidade, e se a mobilidade é um problema que colapsa este ecossistema, gera dificuldades para o meio ambiente que começa no meio da gente”.

Ele não acredita que o jornalista deva apenas se impor à especialização, e acha que ele deve ter a sensibilidade de perceber o alcance da pauta: “se for especializado é bom porque faz parte de um plano, mas se ele não for especializado também não será incompetente para entender quando uma pauta merece virar notícia, pois a especialização não é condição para fazer uma boa cobertura dos assuntos ambientais. Trigueiro acredita que vive-se um momento rico de mudanças estruturais e culturais: “ as pesquisas científicas, muitas vezes quando há uma

alteração nos paradigmas, não aparecem nesse radar, não se percebe também nos radares formais das pesquisas convencionais e com muita clareza como isso ocorre”.

Sérgio Abranches atua como comentarista desde 2006 na CBN com informações que somam notícia e opinião em boletins que vão ao ar com 3 a 5 minutos de duração em todas as praças da CBN no boletim “Ecopolítica” e aborda alguns desafios sobre como conciliar desenvolvimento e preservação ambiental. O boletim é apresentado as terças e quintas as oito horas e dois minutos. Abranches explicou que a pauta para o trabalho dele é selecionada quando tem grande dimensão: “não comento assuntos de empresas ou iniciativas individuais, exceto quando têm impacto macro, como vazamento de óleo da Petrobrás e da *British Petroleum*, mas o teor do tema organizador da pauta é a mudança climática, o que não me impede de tratar de temas ambientais típicos”. Para ele a mídia em geral não divulga essas questões desde Copenhague, com a COP 15 em 2009, e com a crise financeira global quando o tema perdeu força, e só começou a melhorar modestamente em 2013.

Oswaldo Stella possui um boletim semanal sobre meio ambiente na Rádio CBN intitulado “Ciência e Meio Ambiente” que vai ao ar as terças no horário das 14 horas e 50 minutos. Stella também foi entrevistado em 2014 e afirmou que procura tratar a pauta da mídia em geral pelo viés ambiental e para ele, tanto o governo quanto a mídia ainda não têm a agenda voltada como prioridade questões relacionadas ao meio ambiente.

Sérgio Besserman Vianna é comentarista do quadro “Mais Rio” e aborda entre outros assuntos, temas relacionados à crise ecológica, à sustentabilidade e ao meio ambiente, e políticas urbanas que vai ao ar as terças e quintas as dez horas e quarenta e cinco minutos. Segundo ele, meio ambiente tem peso em um comentário sobre a cidade, principalmente porque é parte grande da vida do Rio de Janeiro que possui seis milhões e meio de pessoas no meio de três enormes florestas, duas baías, lagoas e um litoral oceânico espetacular. Economista e ecologista, seu critério de seleção das pautas para o comentário se baseia não só em novas estatísticas, mas também em temas para prevenção como mudanças climáticas, água e lixo, entre outras razões. O Mais Rio é a coluna em toda a mídia brasileira que mais vezes tratou da defesa dos direitos dos chimpanzés e bonobos, um tema fora da agenda, mas de grande importância para a natureza.

Besserman acredita que a mídia e os governos estão no meio de um processo super complexo: “como todos, aos poucos estão compreendendo que a dicotomia entre preservação ambiental e desenvolvimento econômico e social é uma bobagem, um anacronismo do século passado... De um lado morre aos poucos a onipotência infantil e narcisista da humanidade que achava ser capaz de fazer mal à natureza e até de salvar essa natureza, que no seu próprio tempo de dezenas de milhões de anos se recupera com facilidade de qualquer coisa que a humanidade possa fazer... De outro lado, aos poucos a ciência deixa claro que o que as agressões ao meio ambiente significam, acima de tudo, é trazer grandes prejuízos ao desenvolvimento econômico e social...”. Na visão de Besserman, a mídia em geral está prisioneira do pensamento mais antigo que vê meio ambiente como uma questão de valor afetivo e sustentabilidade apenas como bons princípios... E ainda segundo ele, A CBN é uma das exceções porque diversifica os comentários sintonizados com os tempos atuais.

Tabela 14 – Grade de programação ecológica da Rádio CBN

Grade de programação ecológica da Rádio CBN						
Programa	Apresentação	Transmissão	Duração	Horário	Dias da Semana	TOTAL
Mais Rio	Sérgio Besserman	2x na semana	até 10 minutos	10h45	terça e quinta	0,54%
Ecopolítica	Sergio Abranches	2x na semana	até 5 minutos	08h02	terça e quinta	
Mundo Sustentável	André Trigueiro	2x na semana	até 10 minutos	13h50	sábado e domingo	
Ciência e Meio Ambiente	Oswaldo Stella	1x na semana	até 5 minutos	14h50	terça	

Na CBN, as matérias ecológicas dos comentaristas são transmitidas em média 0,54 % na semana em relação à programação geral como destacado na tabela 14. Essa porcentagem caracteriza o mínimo de transmissão em relação ao todo e aumenta cada vez que há eventos ou acontecimentos sobre meio ambiente nos quais os comentaristas são solicitados para repercutir o fato. Além disso, os assuntos são ampliados sempre que divulgados em texto e quando outros especialistas contatados debatem o tema. A repetição das matérias na programação *all news* também faz com que haja uma maior divulgação dos boletins e em horários variados. Na rádio Estadão e na Eldorado o conteúdo é definido da mesma maneira

e esse número mínimo sobe para 2,61% na Eldorado (tabela 15) e 1,22% na Estadão (tabela 16).

Um dos principais valores das emissoras Eldorado e Estadão como veículos de comunicação de massa da cidade de São Paulo é a questão socioambiental. Com informações sobre reciclagem e alertas de problemas relacionados ao meio ambiente em decorrência do descarte incorreto do lixo surgiu nas duas rádios o “Pintou Limpeza” que vai ao ar 5 vezes ao dia em formato de boletins. O projeto criado por João Lara Mesquita começou em 2000 com o objetivo de chamar a atenção, pelo rádio, de pessoas que jogam lixo nas ruas. Artistas como Carlinhos Brown, Lenine, Nando Reis e Thiago Lacerda colaboram com depoimentos para inspirar as pessoas com atitudes positivas. “Separar e jogar o lixo em lugares adequados tem que fazer parte da rotina diária das pessoas” explica Paulina Chamorro que coordena todos os projetos ambientais nas duas emissoras desde 2007.

As rádios homenageiam pessoas, instituições e empresas com o “Prêmio Pintou Limpeza” com a intenção de construir uma sociedade melhor e mostrar exemplos de mudanças de atitudes para preservação do meio ambiente, além de alertar sobre o consumo irresponsável dos recursos naturais.

O trabalho não é só de apresentação, é de conscientização e pode-se reconhecer que a Eldorado, pioneira na transmissão mais aprofundada dos temas ambientais, e agora também a Estadão, hoje são algumas das principais na abordagem dos assuntos relacionados ao meio ambiente em São Paulo. “Existe um valor muito grande que é um reconhecimento, por não ter nada igual e o grupo Estado controlado pela família Mesquita tem história com essa visão há 30 anos”, afirma Paulina Chamorro.

O jogo digital “Pintou Limpeza”, lançado no mercado, tem como tema o projeto educacional que as emissoras realizam em escolas e eventos para educar pessoas sobre o cuidado e uso dos recursos naturais e, as crianças respondem questões que completam um circuito e aprendem entre outros temas, reciclagem e sustentabilidade.

Depois do projeto de despoluição do rio Tietê, campanha iniciada também pela Eldorado e que até agora não evoluiu por causa dos governos, as duas emissoras continuam transmitindo aos ouvintes valores de sustentabilidade e estimulam o plantio voluntário de árvores. Trata-se da certificação do Selo *Carbon Free* pela iniciativa Verde de divulgar exemplos a empresas para compensar com

plantio de árvores o que é consumido do planeta. As emissoras pagam anualmente uma empresa que calcula as emissões e a poluição em função do trabalho dos radialistas e jornalistas, como por exemplo, a média rodada com veículos e helicópteros por repórteres e colaboradores, passagens aéreas, ar condicionado, energia em geral. Essa média gerada de gastos naturais implica em cerca de 1700 árvores plantadas por ano. De acordo com a editora Paulina Chamorro, as rádios são consideradas verdes, inteiras sustentáveis.

Com um trabalho focado em manter essa história, tanto a Eldorado como a Estadão divulgam outros produtos que alertam sobre os problemas relacionados à natureza para informação e prestação de serviços aos ouvintes.

O “Planeta Eldorado” tem uma hora de duração e faz parte das duas emissoras. No ar às 18 horas todo sábado na Estadão, e às 10 horas de domingo na Eldorado, o Planeta foi criado no ano 2000.

É preciso voltar no tempo para lembrar um programa inédito no rádio e que deve ser mencionado nesta pesquisa como modelo, o “Baleia Azul” apresentado em São Sebastião, litoral norte de São Paulo, pela jornalista Patrícia Palumbo. Ela desenvolveu o programa durante 5 anos, com uma hora de música e meio ambiente, uma novidade não só para o litoral, mas para todo o rádio do Brasil. Depois, como repórter especial de meio ambiente na rádio Eldorado, colocou no ar um projeto correspondente ao do litoral, o programa “Terra, Mar e Ar” que apresentava junto com Samuel Barreto, só na rádio AM, e que depois passou a chamar-se Planeta Eldorado, hoje com apresentação de Paulina Chamorro nas duas emissoras.

No início o “Baleia Azul” tinha além das músicas, ações nas praias que o público assimilava bem, por estar perto do cotidiano, mas o retorno financeiro era mais difícil porque os conceitos eram todos muito novos, quase desconhecidos, afirma Palumbo.

Espaços de comunicação como “Terra, Fogo, Mar e Ar” são uma pequena contribuição para provocar outros veículos e especialmente promover esse movimento socioambiental com a população brasileira auxiliando no diálogo, entendimento e participação com o objetivo de criar um valor rumo à sustentabilidade.

O segredo para uma boa repercussão do meio ambiente em emissoras de rádio, segundo Patrícia Palumbo é tratar o tema com leveza: “com mais plástica e o tempo todo sem uma segmentação, pois quanto mais fizer parte de outras áreas

como economia, lazer, sociedade ou saúde, mais fará parte do cotidiano”. A ideia do “Baleia Azul” que ficou no ar em São Sebastião de 1991 a 1996 foi da própria Patrícia Palumbo: “criei junto com meu irmão com vontade de tratar de questões ambientais e da natureza juntando nossa vivência de mar e de mata com o ofício de jornalista. Jacques Cousteau foi nossa inspiração”. Palumbo fazia reportagens de campo pelo litoral norte e misturava informações do mundo todo com uma seleção musical que tinha de Itamar Assumpção à *Roxy Music*. Contratada pela rádio Eldorado, que já tinha a linha editorial verde do grupo Estado, Palumbo trabalhou como repórter especial de meio ambiente, correspondente no litoral: “sempre fui cuidadosa em não ser ‘eco-chata’, passava as informações, procurava educar, mas com grande preocupação com a plástica dos programas; tanto no Baleia Azul quanto depois na Eldorado”. A jornalista acredita que não tem aumentado o número de profissionais especializados para abordar o assunto natureza, mas segundo ela isso reflete também a crise geral da profissão com muita gente despreparada para o ofício.

Apesar de não ser jornalista, o biólogo Samuel Barreto apresentou com Patrícia Palumbo um dos primeiros programas de rádio sobre o meio ambiente, primeiramente com o boletim quinzenal sobre a despoluição do rio Tietê. *Mesmo considerando que a Rádio Eldorado tenha iniciado e propagado uma ação que resultou numa das maiores campanhas ambientais do Brasil, na época com um milhão e duzentas mil assinaturas pela recuperação do rio Tietê, a emissora não estava no dia a dia do processo de despoluição. Foi com essa campanha que surgiu o Núcleo Pró-Tietê dentro da Fundação SOS Mata Atlântica. No Núcleo, Samuel Barreto explica que acompanhava todos os bastidores do processo de despoluição dos rios e ao mesmo tempo estava diretamente envolvido com a implementação da Política Estadual de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo, o primeiro estado a fazer essa implementação da política de água no Brasil: “a rádio Eldorado, como os outros veículos de comunicação faziam essa cobertura à distância e o diretor da emissora, João Lara Mesquita achou natural mais uma vez aproximar a parceria entre a Eldorado e a Fundação SOS Mata Atlântica e me convidou a fazer esse boletim. Eram quase dois minutos na AM e cinquenta segundos na FM. Acredito que a partir daí surgiu o convite para esse programa semanal de meio ambiente que para mim foi mais uma grata surpresa e aceitei o desafio, e de fato era um programa inovador, inclusive na sua dinâmica e composição juntando uma jornalista como a Patrícia Palumbo, um profissional ambientalista da área de meio ambiente e a*

Paulina Chamorro, à época nossa produtora”. O formato do programa, sempre coloquial, tinha um ótimo *feedback* e segundo Samuel Barreto os ouvintes diziam que parecia uma roda de conversa e que as pessoas se sentiam como se estivessem nessa roda. Era um programa veiculado em três horários diferentes no final de semana aos sábados e domingos e tinha uma grande diversidade em relação ao ouvinte quanto à faixa etária e quanto à classe social, já que naquele período era raro ter jovens com onze anos em São Paulo escutando rádio AM. A audiência era bem heterogênea, diferente dos outros programas da rádio: “essa heterogeneidade me chamava atenção e foi um interessante indicador para mim, ou seja, a penetração que estávamos tendo com diferentes públicos; difícil explicar os motivos, talvez pela forma, linguagem ou dinâmica que tenha gerado essa atratividade junto ao público”. Ele acredita que tem aumentado o espaço do meio ambiente ao longo dos anos, mas ainda falta divulgação, inclusive em horários nobres: “é preciso focar nas soluções práticas e apontar caminhos para inspirar as pessoas sobre as questões ambientais seja com pequenos e grandes exemplos que vão desde uma ação individual a uma mudança de rota de toda uma nação em relação às ações sustentáveis como na área de energia, mobilidade, moradia, conservação de água, entre tantos outros. Vários movimentos tem crescido e não estão nos veículos de comunicação tradicionais. As redes sociais tem inovado muito nesse sentido, mas mesmo nessas redes, ainda há um nicho grande a ser ocupado; e, talvez a abordagem e linguagem também precisam se atualizar para falar com a sociedade de uma forma nova, inspiradora e engajadora.”

Atualmente, com notícias sobre sustentabilidade e comportamento focado em meio ambiente, o “Ecoradio”, outra produção para a rádio Estadão é transmitido diariamente quatro vezes ao dia em formato de boletim com um minuto de duração. Ainda com a temática ambiental, o “Drops Planeta” foca tendências e soluções interessantes relacionadas à natureza que acontecem no mundo e é apresentado pelos locutores nos noticiários da Eldorado. O critério para as pautas sobre o meio ambiente em todos os programas é a importância do tema, e tenta conquistar a rotina dos ouvintes a fim de engajá-los no assunto. Existe uma identificação das questões ambientais muito grande com a sociedade nas duas emissoras. Os programas e boletins têm patrocínios sem interesses paralelos para não prejudicar a pauta.

O espaço para o meio ambiente sempre esteve aberto na rádio Eldorado (tabela 15) de São Paulo, e a partir de 2013 na rádio Estadão (tabela 16).

As pautas também sempre existiram no noticiário geral e o que aumentou na avaliação da editora responsável foi o interesse dos ouvintes da Eldorado e da Estadão porque houve uma evolução das conferências da ONU sobre o meio ambiente.

Hoje as mídias radiofônicas de São Paulo, de uma maneira geral, com exceção da CBN, Eldorado, da Estadão e Mar Sem Fim, não divulgam diariamente temas ambientais. Na avaliação de Paulina Chamorro, depois da Rio + 20 pode ter havido uma saturação, uma sobreposição dos temas pelas mídias. Muitas empresas de 2010 a 2012 criaram editorias de meio ambiente para divulgação nos programas e depois da conferência essas editorias foram eliminadas.

Em 1992, na Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro, a Eco 92 – para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento teve como resultado, tratados internacionais, Agenda 21, Convenção da Biodiversidade e mudanças do clima para estabilizar a concentração de gases do efeito estufa na atmosfera. Havia na época muitas pautas e assuntos novos a serem tratados nas redações das emissoras e esperavam-se mudanças significativas para problemas relacionados à degradação ambiental. Hoje os problemas ambientais são os mesmos e os temas muitas vezes pouco abordados estão diluídos em outras editorias, na pauta geral, mas sem análise dos problemas relacionados.

Na Eldorado e na rádio Estadão além da editoria específica sobre o meio ambiente as pautas também são diárias em outras editorias do jornalismo das emissoras com aprofundamento na questão. Temas como clima, terremotos, enchentes, desmatamento, e sustentabilidade são tratados com frequência.

Com o slogan “A rádio dos melhores ouvintes”, a Eldorado de São Paulo tem 55 anos de existência e assumiu a frequência FM 107.3 no *dial*; hoje é uma rádio musical que absorve alguns programas jornalísticos.

A rádio Estadão opera em 92.9 KHz na FM e com a mesma programação em 700 MHz na AM, faz parte do segmento das emissoras que só transmitem notícias e entrou no ar em Janeiro de 2013 com o slogan “A rádio de quem quer saber”. As rádios do Grupo Estado são transmitidas também pela rede de emissoras afiliadas em todo o Brasil.

Tabela 15 - Grade da programação ecológica da Rádio Eldorado

Grade de programação ecológica da Rádio Eldorado						
Programa	Apresentação	Transmissão	Duração	Horário	Dias da Semana	TOTAL
Paneta Eldorado	Paulina Chamorro	1x na semana	1h	10h	Domingo	2,61%
Pintou Limpeza	Artistas	5x ao dia	1 minuto	conforme programação	Diário	
Drops Paneta	Locutores	hora em hora	1 minuto	conforme programação	Diário	

Tabela 16 - Grade da programação ecológica da Rádio Estadão

Grade de programação ecológica da Rádio Estadão						
Programa	Apresentação	Transmissão	Duração	Horário	Dias da Semana	TOTAL
Planeta Estadão	Paulina Chamorro	1x na semana	1h	18h	Sábado	1,22%
Pintou Limpeza	Artistas	5x ao dia	1 minuto	conforme programação	Diário	
Ecoradio	Paulina Chamorro	4x ao dia	1 minuto	conforme programação	Diário	

Outras cinco emissoras da cidade de São Paulo que fazem parte da amostragem deste estudo foram estudadas para se detectar a importância oferecida ao tema ambiental: a rádio Cultura FM e a Rádio Cultura Brasil, a Jovem Pan AM e a Pan FM, além da rádio web Mar Sem Fim.

Em outra observação verificou-se que as duas emissoras da Fundação Padre Anchieta, a rádio Cultura FM e a rádio Cultura Brasil já tiveram programas exclusivamente jornalísticos e fazem hoje somente coberturas circunstanciais ligadas ao meio ambiente como enchentes, clima, sustentabilidade. O espaço para a informação de notícias nas emissoras em geral, atualmente é pequeno e não existe um horário específico para o jornalismo ambiental. Entre 2009 e 2014 não aumentou o número de programas ou boletins voltados às questões ambientais nas rádios da Fundação, com exceção de 2012 e 2013, ano em que houve produções de algumas matérias sobre o tema.

A repórter Cirley Ribeiro produziu duas reportagens para o Programa Estúdio Cultura da FM que foram finalistas do Prêmio Jornalistas e Cia/HSBC de Imprensa e Sustentabilidade, na categoria Rádio. Em 2012 com o título “Veta Dilma – Código Florestal chega à sanção da presidente” a matéria foi veiculada na Rádio Cultura FM

e em 2013 com a matéria “Saneamento Básico”, veiculada também na Rádio Cultura FM, como demonstrado na tabela 17.

Tabela 17 – Grade de programação ecológica da Rádio Cultura FM

Grade de programação ecológica da Rádio Cultura FM				
Programa	Apresentação	Reportagem	Ano	Prêmio HSBC de Imprensa e Sustentabilidade
Estúdio Cultura FM	Cirley Ribeiro	Veta Dilma – Código Florestal chega à sanção da presidente	2012	Finalista na categoria rádio
Estúdio Cultura FM	Cirley Ribeiro	Saneamento Básico	2013	Finalista na categoria rádio

Cirley Ribeiro acredita que é preciso conscientizar as pessoas para a importância do tema e que a tendência das emissoras de rádio, de uma maneira geral, é ampliar o espaço para o jornalismo ambiental.

Em 2012 a Cultura transmitia na AM uma produção independente da IKORE, com o nome Aldeias Sonoras, programas que abordavam a cultura e a realidade dos povos indígenas do Brasil, que foram acrescentados na tabela 18. De acordo com Angela Pappiani, o modo de vida dos povos indígenas está totalmente integrado à natureza, numa relação de interdependência que precisa estar em harmonia: “a presença da natureza e do ecossistema onde vivem esses povos aflora em todas as manifestações culturais e na busca por reconhecimento de seus direitos aos territórios, conhecimentos tradicionais e formas de vida”.

O projeto Aldeias Sonoras produziu duas séries de programas, a primeira com 36 episódios e a segunda com 40 programas de dez minutos de duração que foram veiculados na AM às 9 horas das segundas-feiras durante todo o ano de 2012. Participaram lideranças indígenas, professores e artistas de cerca de 60 etnias diferentes com informações sobre sua realidade, ameaças a seus territórios, projetos inovadores, conquistas e lutas. A Rádio Cultura Brasil e a Rádio UFSCar, emissora educativa de São Carlos, no interior paulista, transmitiram a segunda série. A Rádio Elo FM de Belo Horizonte continua hoje a transmissão das duas séries dos programas.

Tabela 18 – Grade da programação ecológica da Rádio Cultura Brasil

Grade de programação ecológica da Rádio Cultura Brasil					
Programa	Apresentação	Quantidade	Ano	Horário	Dia da Semana
Aldeias Sonoras	Angela Pappiani	40 programas e 36 episódios	2012	09h	Segunda

A Cultura FM nos 103.3, com o slogan “Exclusivamente o melhor” tem programação eminentemente musical voltada principalmente à música de concerto e possui dois horários para o jornalismo: o programa independente de “Salomão Schwartzman”, que vai ao ar entre 8 e 9 horas da manhã, e o programa “De volta pra casa” com Alexandre Machado transmitido entre 18 e 19 horas. O “Rádio Metrópolis”, entre 9 e meio dia, oferece um jornalismo cultural, e a partir da uma da tarde entram boletins informativos de hora em hora.

Para se detectar o perfil das emissoras entrevistou-se os responsáveis pela programação. Alexandre Tondella explica que a Cultura FM integrou-se em uma grande associação europeia chamada EBU que congrega 75 países com emissoras que distribuem conteúdo pelo mundo todo. É a única rádio brasileira que pertence à EBU: “a ideia é colocar concertos do exterior dentro da programação e ter os nossos concertos disponibilizados pela Europa” afirma Tondella. A Cultura FM não possui um jornalismo cotidiano e quando divulga as informações jornalísticas não há a preocupação de analisar o tema meio ambiente.

A Rádio Cultura Brasil, no ar desde 2005 nos 1200 KHz com o slogan “Brasil o tempo todo”, é voltada para a música brasileira. Transmite o programa “Galeria” que vai ao ar de segunda a sexta-feira às 7 horas com noticiário de hora em hora produzido pelo redator. Nesses noticiários o tema meio ambiente aparece como prioridade secundária.

Eduardo Weber lembra que com a internet a rádio Cultura Brasil compete com emissoras que têm características próprias de música popular brasileira em qualquer ponto do país; apesar de ser um auxílio, a internet gera uma concorrência muito maior. Eduardo Weber, enfatiza que o público quer assuntos cada vez mais “mastigados” e, além disso, diminui o seu senso crítico para qualidade.

O programa com maior teor jornalístico, “Estúdio Cultura”, que era transmitido nas duas rádios às 7 da noite, saiu do ar porque em 2010 por uma decisão judicial tornou-se obrigatória novamente a transmissão da Voz do Brasil que ia ao ar às 3 horas da manhã nas emissoras e, de acordo com a coordenadoria de produção não

justificava, pelo perfil da Cultura, cortar outros programas para compensar esse espaço do jornalismo.

Verificou-se que em todos os programas das rádios da Fundação Padre Anchieta, as notícias sobre o meio ambiente entram de uma maneira circunstancial, de forma moderada, e estas emissoras esporadicamente decidem investir em coberturas de eventos específicos ligados ao meio ambiente.

Percebe-se pelo histórico das duas rádios, que apesar de terem características musicais, deveriam ser veiculados mais programas especiais ou reportagens investigativas sobre o assunto meio ambiente. A TV Cultura que também faz parte da Fundação Padre Anchieta sempre esteve à frente dos assuntos voltados à natureza como exemplifica o telejornal Repórter Eco, programa semanal especializado, exibido desde a ECO 92.

Tanto nas rádios Cultura FM como na Cultura Brasil, a falta de um assunto como meio ambiente foge das propostas das emissoras educativas. Ao pesquisar a legislação das emissoras educativas, entende-se que abrir mais a discussão no cotidiano para educar sobre um tema de tamanha importância para a sociedade como a degradação do meio deveria ser pauta obrigatória nessas rádios.

As duas emissoras educativas de São Paulo poderiam utilizar todos os recursos para informar, além de se aprofundar nessa temática de grande importância para a vida dos ouvintes. Pelo fato das duas rádios terem hoje mais ênfase nos sites, um jornalismo analítico com a realidade sobre as mudanças climáticas, por exemplo, teria a possibilidade de alertar e conscientizar um número mais amplo de pessoas.

Em outra emissora educativa de São Paulo averiguou-se que o assunto meio ambiente ainda está em segundo plano. No trabalho de pesquisa de Piancastelli (2012) ele constatou que na rádio USP, o assunto meio ambiente se apresenta em expansão tanto na quantidade como na qualidade e que ainda está com um papel secundário para seleção das pautas e afastado das funções educacionais.

Há 37 anos no ar, a rádio USP é uma emissora pública que se propõe a incentivar a produção cultural através de programas das mais variadas matizes. Também divulga pesquisas e atividades de extensão da cidade de São Paulo, além de dar voz aos mais diferentes especialistas que são convidados a opinar nas matérias de interesse geral como política, economia, esportes, dia-a-dia. O jornalismo é composto de dois jornais diários, veiculados de segunda a sexta-feira. O “USP Notícias” que vai ao ar das 07 às 08 da manhã e o “USP Express”, entre 17

e 19 horas com conteúdo musical e informação. O Minuto da notícia entra no ar de hora em hora. O “Agência USP”, uma parceria da Rádio com o “USP Online” é um boletim que trata das pesquisas desenvolvidas na Universidade de São Paulo. A emissora conta ainda com programas musicais e culturais.

Vale ressaltar que a Rádio USP não possui hoje um programa específico sobre meio ambiente, mas, segundo Silvana Pires, responsável pela programação da emissora, o assunto é recorrente nos jornais e noticiários e a vasta gama de especialistas desta área dentro da USP constantemente é entrevistada para abordar uma questão específica. Ela citou uma reportagem produzida em 2014 sobre a questão da falta de chuvas.

É importante evidenciar no presente estudo que por ser uma emissora educativa e voltada às pesquisas da Universidade de São Paulo, a programação dos boletins, noticiários e programas especiais da rádio USP não contém informações diárias aprofundadas sobre o tema meio ambiente. A temática entra de maneira secundária e no cotidiano não há comentaristas especializados no assunto para informar e esclarecer os ouvintes.

Descobriu-se na continuidade deste estudo, que a Jovem Pan não coloca prioridade atualmente na cobertura de pautas relacionadas ao meio ambiente e quando o faz é só no factual. Dedicada ao jornalismo *all news*, a Jovem Pan AM de São Paulo, não tem uma editoria de meio ambiente e a emissora nem oferece prioridade para a cobertura de pautas sobre o assunto. Os temas inseridos na programação têm um pequeno espaço que entre 2009 e 2014 não aumentou. A Pan FM é uma rede musical, retransmitida na Baixada Santista que entra em rede com a AM no Jornal da Manhã entre 6 e 7 horas e 30 minutos com a cobertura das principais notícias em destaque no dia anterior e acrescenta as notícias do dia da transmissão.

De 2009 a 2014 não foram criados na Jovem Pan, programas, programetes ou boletins voltados ao tema ambiental e o único que fez parte da programação a partir de 2004, o consultor de meio ambiente, José Manoel Ferreira Gonçalves, encerrou sua participação em 2011. Ele apresentou o boletim “SOS Planeta” com notícias e análises sobre o tema de 02 de agosto de 2004 a 25 de abril de 2011, como mostra a tabela 19.

Tabela 19 – Grade da programação ecológica das Rádios Jovem Pan AM e FM

Grade da programação ecológica das Rádios Jovem Pan AM e FM					
Programa	Apresentação	Transmissão	Duração	Horário	Dias da Semana
SOS Planeta 2004/ 2011	José Manoel Ferreira Gonçalves	até 3x ao dia	2 minutos	conforme programação	Diário

Com um grande *feedback*, os boletins SOS Planeta iam ao ar até três vezes ao dia conforme o factual ou quando o assunto era mais palpitante em reuniões da ONU. Segundo José Manoel Ferreira Gonçalves, a audiência era qualitativa e ele explica que a Pan sempre se destacou como formadora de opinião e tem credibilidade; alguns empresários de 2004 a 2011 abraçaram a questão ambiental e patrocinaram viagens ao comentarista para cobertura de reuniões sobre o clima no Brasil e no exterior: “A Pan não divulga hoje diariamente temas do meio ambiente e apenas transmite notícias circunstanciais, mas também tem uma postura verdadeira ao assumir esse fato”, explica o comentarista. Hoje no Brasil, na visão dele, muitos empresários vêm como entrave e não como oportunidade de negócios a questão ambiental e certos setores empresariais até desestimulam alguns veículos a seguirem nessa linha e, no entanto é possível produzir com economia de energia e ganhar mercados com sustentabilidade. José Manoel Gonçalves acredita que outro problema para análise do tema nos veículos de comunicação é a falta de jornalistas ambientais: “nós profissionais hoje estamos preocupados com o imediatismo e isso prejudica a divulgação de fatos mais aprofundados, temos que ter um pensamento favorável para divulgação dos assuntos da natureza; falta além de pessoas especializadas, maior investigação sobre o tema. É preciso que as escolas criem uma disciplina específica para capacitar jornalistas com esse foco. Hoje, muitos artigos científicos sobre o assunto ficam fechados no mundo acadêmico e é preciso alertar na mídia através de Organizações Não Governamentais e associações que aderem ao movimento de preservação do meio ambiente”.

Para Anchieta Filho não há interesse atualmente da rádio Jovem Pan para produção de programas sobre o meio ambiente. As notícias são divulgadas quando há destaque do governo ou são notícias de agenda, e entre os temas tratados com frequência estão enchentes e desmatamento. Na opinião dele é necessário tanto educar o público para o respeito à natureza quanto formar profissionais especializados na área para melhor divulgação das notícias. Vinicius Alvarenga da Silva acredita que existe falta de interesse e que o assunto foge da linha editorial da

rádio, por isso não é pauta prioritária na emissora. Ele acrescenta que de uma maneira geral faltam profissionais mais capacitados para desenvolver e problematizar o assunto natureza nas muitas emissoras de rádio.

A Jovem Pan está no ar desde 1965 e a história começou em 1944, quando foi inaugurada como Panamericana S.A. Em 1945 a rádio que nasceu para transmitir novelas foi transformada em emissora dos esportes. Em 1965 já com o nome Jovem Pan, a rádio iniciou vários programas com ídolos da música popular brasileira que, na época, faziam grande sucesso na TV Record. Os programas jornalísticos foram criados a partir de 1970 na AM e atualmente é considerada uma emissora *all news* com 24 horas de jornalismo, esporte e prestação de serviços que opera em 620 MHz com o slogan “A rádio número 1 do Brasil”. A Pan FM com característica essencialmente musical e de entretenimento, é voltada ao público mais jovem; opera em 100.9 MHz em São Paulo e na Baixada Santista em 95.1.MHz

Na Baixada a Pan FM entra em rede com a AM de São Paulo e transmite o Jornal da Manhã entre seis e sete e meia. A recente Pan News já testa uma frequência em 84.7 em São Paulo com afiliadas em Rio Preto e Itapetininga, no interior de São Paulo, Brasília e Vitória.

Na busca de uma resposta para um posicionamento da mídia em defesa da natureza, o presente estudo demonstra que a mídia rádio, com algumas exceções, se empenha em distribuir informações, sem a intenção de tentar prevenir as pessoas para evitar grandes catástrofes relacionadas às mudanças climáticas. O espaço nos noticiários na maioria das vezes não busca descobrir as causas desses acontecimentos nem repercutir o assunto com entrevistados especializados para elucidar o tema. Autores como Kolling (2011) definem essa postura jornalística fragilizada como um jornalismo ambiental fragmentado e superficial. Sabe-se no entanto, que quem financia e patrocina as empresas de comunicação são os empresários.

2 º) Análise da temática ambiental no programa “A Voz do Brasil”

A proposta do estudo sobre a Voz do Brasil foi analisar de maneira qualitativa as matérias que o noticiário do governo proporcionou ao tema meio ambiente nos programas de junho de 2009 a maio de 2014, além de observar os editoriais e a importância da definição de pautas para aprofundamento do tema. A Voz do Brasil influencia ouvintes de segunda a sexta-feira nas rádios brasileiras sobre os mais

variados assuntos e incluem-se neste contexto, os ambientais. Alguns exemplos de matérias sobre a natureza foram especificamente explorados para avaliar o grau de detalhamento no noticiário e para diagnosticar o direcionamento do foco do programa. Foram obtidos resultados qualitativos que denotaram baixo grau de aprofundamento nas questões apontadas e essa percepção foi corroborada pela opinião de outros entrevistados jornalistas, pesquisadores e especialistas. Nessa amostra avaliou-se 523 matérias com o intuito de entender por que são relegadas notícias sobre o ambiente, importantes para a vida do cidadão. Foram selecionados e estudados como referência, 16 artigos científicos, parte do material disponível na internet e as 10 entrevistas exclusivas que colaboraram para complemento das observações.

O mais antigo programa do rádio brasileiro e do hemisfério sul, hoje com cerca de 80 anos, entrou no ar com o nome de Programa Nacional e era apresentado pelo locutor Luiz Jatobá. Foi criado pelo amigo de infância de Getúlio Vargas, Armando Campos, com o objetivo de divulgar as idéias do presidente.

No dia 22 de Julho de 1935 foi transmitido o primeiro noticiário, tornando-se obrigatório em 1938, na época de Getúlio, por tratar-se, segundo o governo, de um conteúdo público de educação.

A tarefa hoje dos primeiros 25 minutos da Voz do Brasil é divulgar as ações do Poder Executivo, como a Presidência da República, os ministérios e as autarquias. Essas instâncias diariamente enviam pautas para a produção do programa.

O noticiário influencia ouvintes das rádios brasileiras sobre os mais variados assuntos e incluem-se neste contexto os ambientais, mas a temática entra na programação geral quando há destaque no factual, conferências sobre o assunto ou quando as pautas são orientadas pela Secretaria da Comunicação Social da Presidência República, SECOM.

A Empresa Brasil de Comunicação é contratada pela SECOM para produzir os primeiros 25 minutos do noticiário e depende do Ministério do Meio Ambiente uma maior cobertura sobre os diversos temas ambientais.

Alguns exemplos de matérias ambientais foram especificamente exploradas no presente trabalho para avaliar o grau de aprofundamento dos temas e para diagnosticar o direcionamento do foco do programa.

Atualmente, o espaço do governo é produzido por profissionais capacitados da Empresa Brasil de Comunicação na redação da EBC Serviços e gerado ao vivo,

via Embratel. A apresentação com Luciano Seixas, que por ser radialista de emissoras FM tem uma locução mais leve, e com a jornalista e radialista Kátia Sartório, entrou a partir de 2012 na internet, pois o programa passou a ser transmitido também em vídeo pelo site Portal Brasil. Os 35 minutos seguintes são pré-gravados, para inserção pela própria EBC Serviços e produzidos pelas respectivas assessorias dos demais poderes que compõem a Voz do Brasil.

Dividido em blocos, o Poder Executivo tem espaço ao vivo das 19h às 19h25; o Poder Judiciário das 19h25 às 19h30; o Poder Legislativo, Senado, das 19h30 às 19h40; e o Poder Legislativo, Câmara Federal, das 19h40 às 20 horas. O Tribunal de Contas da União apresenta o minuto TCU as segundas, quartas e sextas-feiras, após o Poder Executivo ou após as notícias da Câmara.

A veiculação do programa é obrigatória em todas as emissoras de rádio aberto do país, por determinação do Código Brasileiro de Telecomunicações.

Silva e Santos (2008) alertam para a posição cômoda do Poder Executivo que tem um meio de divulgação de notícias apenas com a versão oficial sem se preocupar com as várias vertentes do fato e as repercussões que poderiam ser debatidas e esclarecidas para a população.

Como o objetivo é divulgar informação jornalística para o Brasil e para o mundo, já que agora está disponível na internet, torna-se preciso enfatizar que um jornalismo transparente deve conter os vários lados de uma questão, mas de acordo com Santos et al. (2014), o propósito desde a sua criação continua o mesmo, um informativo do governo apenas para divulgar os principais atos da presidência da República e atualmente também dos ministérios.

Quando foi criado, o rádio era o principal meio de comunicação de massa imediato e importante para os brasileiros das regiões mais longínquas se informarem dos fatos, como ainda acontece hoje em algumas partes do país. O mercado de radiodifusão brasileiro na época tinha apenas 41 emissoras e hoje já operam mais de 9 mil de acordo com a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. (ABERT, 2014).

De 1934 a 1962 o programa mudou para “Hora do Brasil” e em 1962 entrou em vigor o Código Brasileiro de Telecomunicações e o Poder Legislativo produziu a segunda meia hora. Em 1971 na época do governo Médici o nome foi mudado para A Voz do Brasil .

O processo de perpetuação histórica do programa é inegável e não se pode desprezar o fato da transmissão atingir, através do rádio, muitas cidades do interior

do norte e nordeste que muitas vezes têm na Voz do Brasil a única fonte de informação, mas cabe registrar que não poderia ser usado para difundir apenas as ideias do governo. (VASCONCELLOS, 2013).

O maestro Sérgio Sá foi convidado há dez anos para remixar em vários estilos musicais a vinheta do programa com a música O Guarani, do compositor brasileiro Carlos Gomes e a transformação musical também fez parte da mudança no formato que tem hoje com uma linguagem mais simples e objetiva, própria do veículo rádio e que procura o foco no cidadão.

A conhecida abertura “Em Brasília, dezenove horas” mudou para “Sete da noite em Brasília”, horário em que as principais emissoras comerciais de São Paulo caprichavam e transmitiam em sua programação, a partir de 1990 devido a liminares para flexibilizar o horário da Voz do Brasil, a mais completa prestação de serviços em função do *rush* no trânsito paulista, entre outros importantes assuntos. Nos rádios dos carros os ouvintes eram informados das rotas alternativas para desviar do tráfego na volta para casa, com patrocínio de grandes empresários, pois o *feedback* de audiência era grande.

Na última pesquisa da Comunicação Social da Presidência da República foi constatado que estão no ar, no horário da Voz do Brasil, cerca de 35 milhões de ouvintes, de acordo com as informações de Kátia Sartório.

O programa que mudou a plástica, mantém o seu caráter compulsório com a obrigatoriedade de transmissão em todas as emissoras do país, apenas para comunicar os atos do governo. Algumas rádios de São Paulo, amparadas por liminares ficaram desobrigadas da transmissão às 19 horas desde os anos 90, mas a partir de 2010 o Supremo Tribunal Federal determinou que os veículos deveriam transmitir A Voz do Brasil em seu horário original. Com a decisão, as emissoras de São Paulo, que contavam com as liminares, encabeçadas pela rádio Eldorado para flexibilizar a transmissão, tiveram que rever as programações.

A rádio CBN apresentava na época, às 7 horas da noite, o programa “CBN em foco” ancorado por Mariza Tavares e Roberto Nonato e pouco antes do horário do dia 2 de agosto de 2010 divulgou no ar um comunicado em protesto contra a decisão governamental.

“Em junho de 2005, a CBN entrou com ação contra a transmissão obrigatória da *Voz do Brasil* por entender que o horário entre dezenove e vinte horas deve ser dedicado à prestação de serviço para os ouvintes que estão se deslocando do trabalho para casa. Além disso, a CBN também acredita que não faz mais sentido que A Voz do Brasil, criada em 1935, durante a

ditadura de Getúlio Vargas, ainda seja obrigatória, pois representa um cerceamento de liberdade de expressão dos veículos, ainda mais quando os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário já dispõem de rádios e tevês próprias para divulgar suas ações.

Em setembro de 2005, foi concedida uma liminar que desobrigava a rádio de transmitir a Voz do Brasil, e logo em seguida, a CBN ganhou em primeira instância o direito de manter sua programação normal das dezenove às vinte horas. No entanto, em janeiro do ano passado, o Tribunal Regional Federal de São Paulo revogou esta decisão.

A CBN recorreu e, embora julgue estar amparada judicialmente, já recebeu diversas notificações do Ministério das Comunicações pela não transmissão da Voz do Brasil. Como as penalidades previstas são muito severas, a CBN comunica que a partir desta data, passará a transmitir A Voz do Brasil entre dezenove e vinte horas. Deixará de atender a seus ouvintes neste horário de pico onde a prestação de serviço é tão necessária, mas continuará transmitindo sua programação pela internet” (CBN, 2014).

Nas demais rádios em São Paulo, acontece o mesmo problema, com relação à prestação de serviços dentro do jornalismo, no horário das 19 horas. Como exemplo cita-se o programa com maior teor jornalístico da Rádio Cultura de São Paulo, Estúdio Cultura, que transmitia notícias nas duas emissoras às 7 da noite e saiu do ar por causa da decisão judicial que tornou obrigatória novamente a transmissão da Voz, retransmitida às 3 horas da manhã até 2010, tanto na FM como na Cultura Brasil.

O horário de transmissão foi flexibilizado somente durante os jogos da Copa do Mundo 2014 por conta de uma medida provisória do governo.

A observação sobre a obrigatoriedade do programa tem o intuito de alertar para o uso do espaço que poderia ser dedicado em parte ao aprofundamento das questões ambientais e diluído entre as muitas informações jornalísticas que entram na programação das emissoras com uma linha editorial verde para conscientizar as pessoas, como nas rádios Estadão, Eldorado e rádio CBN. A flexibilização do horário da Voz poderia ser revista e principalmente nos grandes centros em que se apresenta a necessidade da prestação de serviços, pois é onde está também um grande número de ouvintes.

Apesar da pesquisa do governo constatar que 35 milhões de pessoas ouvem A Voz do Brasil, uma pesquisa do instituto InterMeios (2014) mostra que a audiência das rádios despenca quando o programa começa, e demora a se recuperar, o que causa prejuízos à programação.

A EBC gerencia hoje além da Radioagência Nacional, mais 8 emissoras de rádios; Rádio Nacional de Brasília - AM- 980KHz; Rádio Nacional FM Brasília- 96,1MHz; Rádio Nacional AM Rio de Janeiro- 1.130KHz; Rádio MEC AM Rio de Janeiro- 800KHz; Radio MEC AM Brasília- 800KHz; Rádio MEC FM Rio de Janeiro- 98,9MHz; Rádio Nacional do Alto Solimões- AM 670KHz e FM 96,1MHz; Rádio Nacional da Amazônia- OC 11.780KHz e 6.180 KHz. Fazem parte também da EBC, um Portal Público de notícias, a TV Brasil Internacional e a TV Brasil transmitida em Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), São Luís (MA) e 21 estados por meio das emissoras de TVs parceiras da Rede Pública de Televisão. (EBC, 2014).

Selecionou-se para a amostra do estudo da Voz do Brasil, 523 matérias transmitidas entre 2009 e 2014 para avaliação da temática ambiental, como demonstrado na tabela 20.

O espaço na Voz do Brasil para pautas ambientais além de escasso é pouco elucidativo e o material do programa tem mensagens superficiais e estereotipadas, além de não fazer parte do cotidiano.

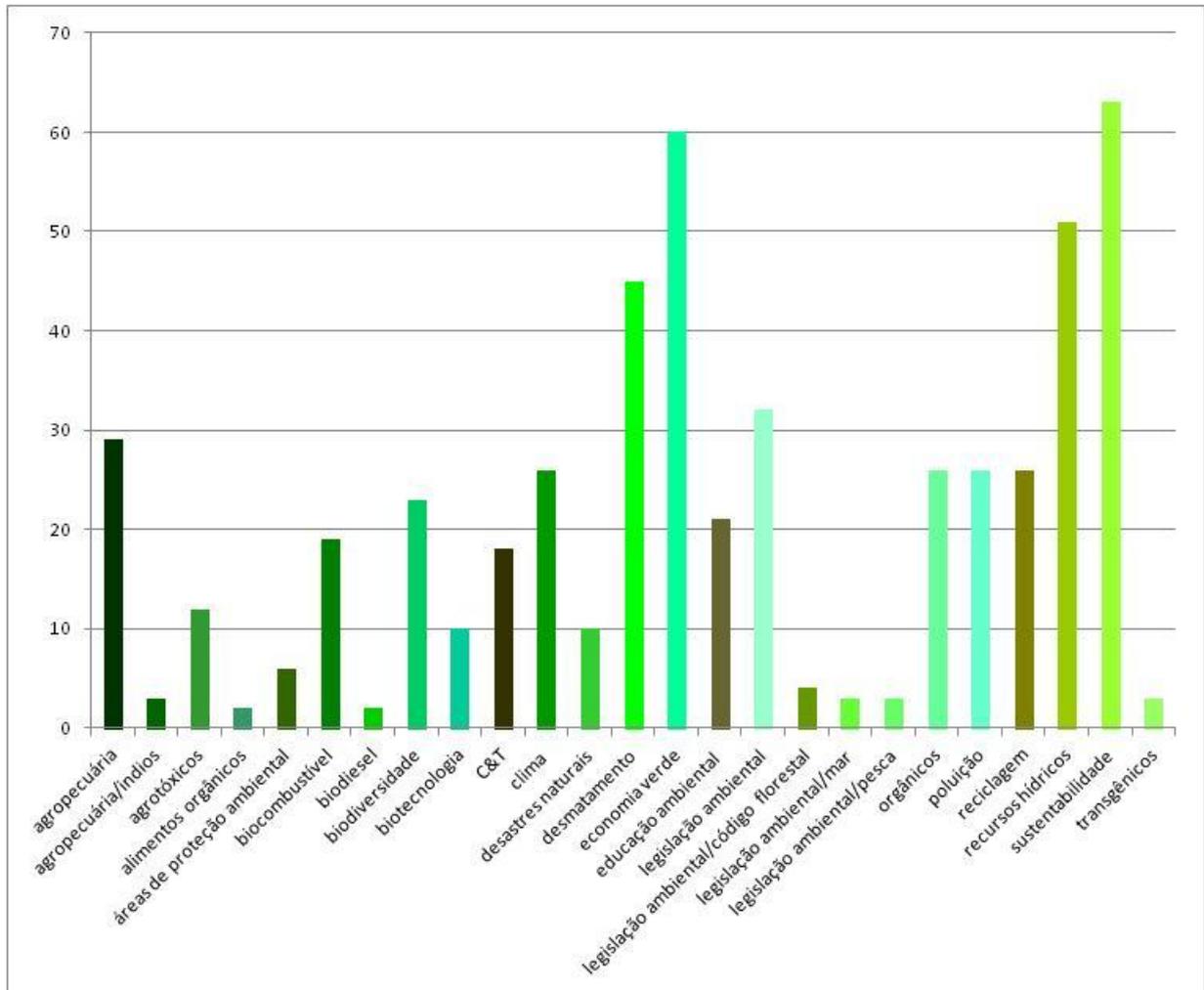
Tabela 20– Material com temática ambiental selecionado da Voz do Brasil (2009 a 2014)

agropecuária	29
agropecuária/índios	3
agrotóxicos	12
alimentos orgânicos	2
áreas de proteção ambiental	6
biocombustível	19
biodiesel	2
biodiversidade	23
biotecnologia	10
C&T	18
clima	26
desastres naturais	10
desmatamento	45
economia verde	60
educação ambiental	21
legislação ambiental	32
legislação ambiental/código florestal	4
legislação ambiental/mar	3
legislação ambiental/pesca	3
orgânicos	26
poluição	26
reciclagem	26
recursos hídricos	51
sustentabilidade	63
transgênicos	3
total	523

A questão da agropecuária relacionada à população indígena foi abordada em apenas 3 matérias. Por ser um país com a maior biodiversidade do planeta, o Brasil deveria iniciar o processo de proteção ambiental tomando como exemplo de conservação as reservas indígenas.

O assunto manguezal, importante para a preservação da biodiversidade, não está inserido em nenhum desses contextos, como exemplifica a figura 12.

Figura 12 - Temas ambientais selecionados da Voz do Brasil entre 2009 e 2014



De acordo com Kátia Sartório, no noticiário, que em 2013 foi modificado para o formato jornal radiofônico, tem pautas sobre o tema meio ambiente e apenas cede espaço para outras pautas quando outro assunto atinge um maior número de cidadãos: “se uma matéria sobre a Amazônia chega à redação, perderá espaço para a campanha de vacinação que atinge todo o Brasil: “Nossa produção também trabalha com o factual e com outras ações em que nossa reportagem é enviada

para matérias especiais como foi o caso da apreensão das madeiras ilegais que fizemos uma série exclusiva para o programa”, explica a jornalista.

Apenas em Dezembro de 2010, época da reunião do Mercosul em Foz do Iguaçu, destacaram-se as reportagens especiais sobre o Programa Terra Legal, uma iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário para a regularização fundiária de ocupações em terras públicas federais situadas na Amazônia Legal. Nessas matérias houve apelo à conscientização sobre o desmatamento, com foco voltado para o respeito às regras ambientais.

Dentro da amostra do presente estudo, foram disponibilizadas 45 matérias sobre desmatamento, um número reduzido já que o assunto, um dos principais problemas ecológicos enfrentados no mundo, provocam mudanças climáticas que estão mais graves a cada dia. Além disso, a temática sobre desmatamento não está totalmente problematizada no noticiário.

Temas preocupantes, como as causas do aquecimento global e das mudanças climáticas através da educação em prol da sustentabilidade do meio ambiente, como alerta Gadotti (2008), também poderiam ser mais refletidos e exemplificados.

Mesmo com a divulgação de estudos nada alentadores de Nobre (2014) sobre o futuro climático, atentando para o fato de que o desmatamento aumenta na região Amazônica, um dos boletins transmitidos no noticiário radiofônico sobre o assunto no dia 05 de junho de 2013, e selecionado no presente estudo como exemplo, informa que o desmatamento na Amazônia caiu 84% desde 2004.

Muitos desequilíbrios ecológicos poderiam ser evitados com uma educação básica e com um jornalismo analítico. Samuel Barreto, lembra que o Brasil é um país diferenciado e ainda possui um rico e grande patrimônio natural que precisa ser conservado e utilizado de forma inteligente e o país não tem tido muito êxito atualmente em fazer uso inteligente dos recursos naturais. Têm ocorrido avanços em áreas do governo, mas ainda de forma muito tímida e muito longe do que precisa ser promovido: “precisamos ter um *re-set-up* para promover uma nova forma de desenvolvimento e para isso, não basta apenas ter iluminados na política brasileira. Precisamos ter uma sociedade forte e cidadã, que reconheça o valor do capital natural, pois ele é o nosso passaporte para um futuro onde seja possível estarmos preparados para os desafios das mudanças climáticas, da promoção do desenvolvimento, respeitando os limites dos recursos naturais e que esse crescimento permita um bom padrão na qualidade de vida para todos, quebrando o

paradigma de que desenvolvimento é incompatível com o meio ambiente, pelo contrário, é a nossa apólice de seguro”.

Moura (2013) alerta para o fato de que medidas mais radicais para tentar impedir o efeito estufa acarretariam em problemas para as nações desenvolvimentistas preocupadas com a industrialização. Existe ainda hoje falta de normas e de políticas ambientais para mudar o cenário de degradação ecológica (CRUZ, 2010).

Causou estranheza ainda o fato do noticiário não analisar em maior número e com profundidade, matérias sobre os agrotóxicos, apesar do Brasil ser o maior consumidor do mundo desde 2008. Em 523 divulgações, o assunto aparece apenas 12 vezes e mesmo assim de maneira superficial.

Lima (2014) observa que realmente o assunto “agrotóxicos” foge das pautas das mídias em geral, apesar dos cerca de 1bilhão de litros de mais de 430 tipos de princípios ativos de biocidas que se injeta por ano no território brasileiro.

Deve-se alertar com clareza o quanto é prejudicial para a saúde dos seres o veneno inserido nos solos mundiais, cujo principal ponto de venda atualmente é a China, e isso não está explicitado em momento algum nas matérias divulgadas no noticiário. Sebastião Pinheiro explica que entre esses venenos aplicados na agricultura está o *2 4 D* que também deveria ser banido do Brasil, pois é um formador de Dioxina. Ele citou como exemplo a aplicação dessa molécula química na cana de açúcar: “para a saúde é extremamente tóxico porque é um mimetizador de hormônios; uma pequena quantidade que entra nas células causa um mal estar imperceptível, mas provoca alteração hormonal. O problema mais grave é que quando aplicado na cana de açúcar e queimado, o resíduo ao pegar fogo se transforma em uma substância conhecida como a mais tóxica inventada pela humanidade que é a dioxina, uma família de 178 isômeros altamente tóxicos. De acordo com o engenheiro agrônomo, o defensivo agrícola *2 4 D* é vendido livremente em vários lugares e utilizado em grande quantidade no estado de São Paulo. Na Europa o uso é extremamente controlado pela quantidade, pelo tipo de uso, tem-se o cuidado ao manusear e existe até treinamento para injetar essa química em áreas agrícolas por causa dos riscos.

A produção dos agrotóxicos é um cartel mundial; poucas empresas dominam esse mercado globalmente, e segundo Washington Novaes, existe ainda a questão do agronegócio que é muito forte e principalmente no Brasil: “nesse momento onde o agronegócio é responsável pela maior parcela do crescimento econômico, é uma

força muito grande. Levar o empresário desta área a mudar o seu procedimento, a sua conduta, é uma coisa muito difícil. Passar para uma agroecologia não é simples e então o empresário permanece onde está hoje porque é mais fácil e mais barato”.

Na avaliação de Ribeiro e Ferreira (2011) o meio ambiente tem um papel fundamental na vida das pessoas e o Poder Público deve valorizar essa questão com uma política ambiental para desenvolver a economia, mas sem esquecer de preservar a natureza.

Com uma transmissão diária de uma hora em todas as emissoras do país, a Voz do Brasil poderia destacar o governo como um importante divulgador de pautas ambientais aprofundadas, mas notam-se atualmente no espaço dedicado ao Executivo, assuntos desprezados ou pouco repercutidos nos primeiros 25 minutos e que poderiam ser esclarecedores, como por exemplo, a posição do Executivo sobre a polêmica proposta da entrada das sementes *Terminator* no Brasil, discutida no Congresso Nacional, e que ameaça a diversidade de cultivo como menciona Racanicchi et al.(2014), além dos danos reais à saúde dos alimentos transgênicos.

No presente estudo verificou-se que o assunto transgênico foi pouco abordado e de maneira confusa devido à falta de esgotamento do tema e o Brasil, no entanto, aparece em segundo lugar entre os maiores produtores mundiais. Na matéria do dia 23 de Fevereiro de 2011 sobre o Fórum Internacional de Biotecnologia promovido pela Embrapa, transmitida na Voz do Brasil, afirma-se que o plantio e o consumo dessas sementes geram efeitos a médio e longo prazo, mas não se explica realmente quais são esses efeitos. Nota-se que faltam aberturas para os vários lados da questão, e que o espaço é pequeno na mídia. Apesar de se criticar os organismos geneticamente modificados apenas de uma maneira superficial informando algumas vezes que a plantação dessas sementes pode ameaçar a biodiversidade e está contra os interesses do agricultor, não se detalha quais são realmente as consequências. Falta a preocupação em acrescentar outras repercussões com cientistas especializados para aprofundar a informação. Nota-se que o Brasil quer usar todas as ferramentas disponíveis e que a engenharia genética é uma delas, mas também não se menciona o quanto isso pode prejudicar a natureza ou a saúde humana. Percebe-se até um aparente orgulho na divulgação de notícias de que a plantação de transgênicos cresce no solo brasileiro.

É importante avaliar qual o melhor foco do jornalismo produzido também nas grandes corporações de mídia para entender por que não existe maior detalhamento das notícias sobre a preservação ambiental. Além disso, é preciso

perguntar aos governos brasileiros qual a política mais apropriada para triagem dos assuntos e desdobramento dos temas e compreender por que são relegadas diariamente notícias tão relevantes para a vida dos cidadãos que hoje já não se contentam com um jornalismo distante da realidade.

Torna-se evidente a necessidade de uma política de prevenção para propor além do factual, pois atualmente o modelo de desenvolvimento caminha rapidamente no sentido da degradação e da destruição dos recursos da natureza que não podem ser renovados e as notícias sobre esses fatos também não podem ser descartadas ou omitidas.

Zacharias Bezerra de Oliveira afirma a partir de análises, que o Poder Executivo dá pouca relevância ao tema meio ambiente na Voz do Brasil: “no dia 29 de julho deste ano este programa falou sobre um convênio entre o Governo do Rio de Janeiro e o Ministério da Defesa para uma intervenção na Favela da Maré. Trata do feito político, mas nada diz sobre a importância deste complexo e quais os benefícios para o meio ambiente que esse feito acarretaria. Escutei no Programa um assunto sobre a transposição de águas de rios, mas sem qualquer menção aos efeitos causados ao meio ambiente por esse fato. Trabalho Escravo foi outro tema abordado, mas sem qualquer menção ao impacto no meio ambiente ou nas pessoas. Aliás, no geral, parece que se pensa que as pessoas são dissociadas do meio ambiente, como se nós não fizéssemos parte do meio”.

Campos (2012) lembra que: “é dever dos comunicadores informar adequadamente sobre as questões relacionadas ao meio ambiente porque os receptores da mídia têm direito à informação correta e bem apurada.”

Pensou-se em outras razões para o tamanho da falta de espaço do tema na pesquisa dessa mídia radiofônica. Um dos prováveis resultados é que o debate deve ser constante, e na interação com os ouvintes vale lembrar o valor do texto de rádio para compreensão, uma vez que ele precisa ser descritivo, explicativo e às vezes até didático para que a audiência o perceba de imediato.

Um texto radiofônico, ou mesmo de outras mídias, com causas e efeitos dos problemas relacionados à natureza, não pode ser redigido e apresentado de maneira superficial. Isso não significa ser extenso e exagerado, conforme a opinião de Luiz Carlos Bezerra para quem a divulgação ficará mais completa se tiver várias informações e contextualização. E segundo ele, isso começa de certa forma nos textos científicos, que precisam ser mais traduzidos, pois a falta de explicação simples e objetiva por parte dos representantes das ciências contribui para que não

se consiga divulgar os fatos de forma mais ampla na mídia e para a população em geral, o que favorece o desinteresse e o desconhecimento. O jornalista entende que o assunto é complexo e delicado, e que precisa ser tratado com equilíbrio, habilidade e estratégia para que se perceba seu real alcance, já que a responsabilidade primordial é com a vida, que depende do meio ambiente: "essa evolução implica em um trabalho permanente de relacionamento entre cientistas e jornalistas, sempre em busca de caminhos éticos e nobres para a conscientização".

Na visão de Sérgio Besserman, a mídia está pouco preparada para lidar com a ciência "... transfere para a cobertura da ciência, a ideia de explorar o contraditório, mas, esquece que o contraditório tem de estar na ciência. Opinião de cientista não é ciência, é só palpite de bar ... Quanto aos governos, basicamente buscam votos para permanecer nos governos ... a questão não são os governos, a questão é a história ..."

Marcos Sorrentino, não sabe precisar exatamente o motivo da pequena presença da temática ambiental na Voz do Brasil, mas acredita que as causas podem ser diversas: "os motivos vão desde a fraca formação na área, dos jornalistas e comunicadores em geral, até a fraca incidência do movimento ambientalista na arena pública, passando pelo tratamento simplificador dado às questões socioambientais, ou pelo seu oposto, o tratamento muito acadêmico e complexo".

Hamilton de Souza, afirma ainda que "o domínio do pensamento neoliberal e de mercado expressa uma adesão passiva e conformada ao modo predador da exploração capitalista, seja na voracidade compulsiva da extração de recursos como os minérios e o petróleo, seja na devastação das florestas e biomas, seja na poluição ambiental provocada pelos agrotóxicos, lixo não degradável e ondas eletrônicas".

Na visão de Dornelles (2008) deve-se pensar em outro modo de praticar jornalismo nas questões ambientais porque já não basta informar a sociedade dos problemas relacionados à preservação, mas também educar neste momento de democracia para que se mobilizem e peçam atitudes para a vivência das futuras gerações, e, além disso, já é tempo de acabar com a imparcialidade da imprensa neste contexto.

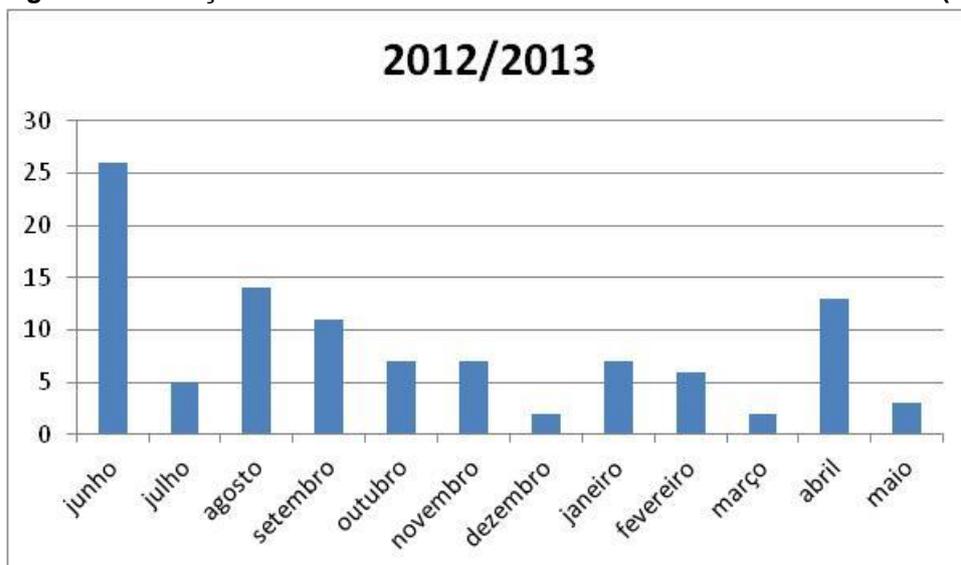
Girardi (2006) também propõe um jornalismo mais abrangente nas mídias em geral, com foco na sustentabilidade para que seja debatido pela população, pois hoje ele está vinculado à política e à economia: "... um jornalista sujeito, construtor de uma pauta que leve em conta a discussão de questões básicas para a

continuidade da vida no planeta. Estabelecer as conexões que expliquem o caminho para a sustentabilidade é fazer compreender a teia da Vida”.

Hoje a imprensa de um modo geral se pauta em assuntos sobre o meio ambiente nos momentos de crise, de catástrofes, sem tratar sistematicamente dessa questão, mas isso precisa mudar para alertar as pessoas. Washington Novaes acredita que não dá para continuar neste caminho: “é preciso reduzir, até eliminar a emissão de poluentes, para que esse quadro não se agrave mais ainda. A previsão é de que na tendência atual chegaremos ao final deste século com um aumento de até 4 graus na temperatura planetária. Com um grau a mais já enfrentamos o que estamos vendo. Mesmo que façamos o melhor, o aumento da temperatura será de pelo menos 2 graus Celsius até meados deste século. Isso terá consequências muito graves para todas as pessoas em todos os lugares. E é preciso pensar nas atuais gerações e nas futuras, que poderão sofrer mais ainda”.

As notícias crescem na mídia de uma maneira geral quando há reuniões sobre o clima ou quando há divulgação de um Painel Intergovernamental sobre mudanças climáticas contendo avaliações sobre a situação nada tranquilizadora do efeito estufa. Tomou-se como exemplo para essa constatação o número de matérias divulgadas no programa A Voz do Brasil entre 2012 e 2013 e demonstrado na Figura 13.

Figura 13– Inserção de matérias com temática ambiental na Voz do Brasil (2012/2013)



Junho cresce consideravelmente em matérias sobre o meio ambiente por ser o mês da Conferência Rio + 20, mas em Julho há forte queda relativa ao tema.

Observou-se na audição das matérias transmitidas na época da Rio + 20, a inserção de mais pautas ambientais abordando além da Conferência, outros variados assuntos sobre o tema meio ambiente. Depois desse crescimento como demonstrado no gráfico acima, existe uma queda acirrada no material sem aparente motivo, o que parece que os problemas referentes ao assunto não existiram. Brummer (2010) reforça a avaliação de que as Conferências internacionais e a divulgação dos documentos com as futuras metas e tratados influenciam os países e evidenciam a preocupação com o meio ambiente.

Em 2012 participaram da Conferência Mundial das Nações Unidas, 190 países que se comprometeram com mudanças na política para uso dos recursos naturais. A Rio + 20 gerou um documento com um conteúdo para discutir e assumir um desenvolvimento sustentável em todas essas nações.

O Brasil já participa de grandes debates ambientais e pode até se posicionar internacionalmente, mas segundo Bragança (2012) essa posição ainda é frágil, pois existem, entre outros motivos, questões internas que causam dúvidas sobre o que se divulga e o que realmente é realizado.

Para que a degradação do meio ambiente se modifique é necessária uma educação ambiental mais descritiva que faça uma análise da conjuntura da realidade com o objetivo de tentar expor a desigualdade e os conflitos ambientais. Na opinião de Loureiro e Layrargues (2013) é preciso ainda “trabalhar a autonomia e a liberdade dos agentes sociais ante as relações de expropriação, opressão e dominação próprias da modernidade capitalista”. Além disso, ainda segundo os autores, é preciso que haja mudanças radicais no padrão dominante nas sociedades que hoje exterminam a natureza.

As questões deveriam ser bem analisadas e exemplificadas pelos governos brasileiros, pois A Voz do Brasil, com a proposta de um conteúdo público de educação, poderia produzir no mínimo uma análise diária com informações detalhadas para prestar serviços e principalmente alertar o cidadão sobre a degradação ambiental, com o intuito de modificar esse cenário.

Pode-se questionar no presente estudo se hoje o espaço destinado à Voz nas emissoras, mantido com o dinheiro público, é realmente importante com o atual conteúdo ou se não é chegada a hora de democratizar um espaço direcionado para a informação, prestação de serviços, entretenimento e educação dos cidadãos brasileiros. Del Bianco é a favor da flexibilização da Voz do Brasil e acredita que

como está não funciona mais, apesar dessa questão da obrigatoriedade dividir pesquisadores.

Levanta-se uma questão, no presente estudo do jornalismo radiofônico, sobre o papel da mídia, o quarto poder, que influencia a sociedade e desempenha um papel político muito forte. Neste contexto o assunto do meio ambiente precisa ser visualizado para não confundir o jornalista com a mídia, pois quem financia e patrocina as empresas de comunicação são os empresários que nem sempre estão preocupados com a preservação do meio ambiente, pois visam apenas o lucro.

Na opinião de Washington Novaes, as notícias do meio ambiente estão presentes nos meios de comunicação, mas os jornalistas e comunicadores de um modo geral devem começar a tratar essa questão de outra maneira: “com muita informação e com pouco adjetivo, é uma questão substancial, de informação, não é uma questão de qualificação. Resistência sempre vai haver. Há quem tenha interesse do outro lado. No mundo hoje ainda tem de certa forma as lógicas financeiras prevalecendo sobre outras lógicas e isso está praticamente em todos os níveis de governo, de empresas, de pessoas. Quando chega na hora de tomar uma decisão que contraria as lógicas financeiras, as empresas começam a fazer a conta de quanto irão perder, e os governos a mesma coisa. Até as pessoas dizem que se forem tratar de determinados assuntos podem perder o emprego. Fácil não é mas não há como fugir dos fatos”.

Outro ponto importante e que deve ser mencionado nesta pesquisa é que as pessoas devem ser bem informadas e críticas para saberem distinguir a veracidade das muitas notícias divulgadas na internet. De acordo com a Media Matters for America (2013) alguns meios de comunicação conservadores são considerados culpados pela cobertura tendenciosa do aquecimento global com o objetivo de causar discórdia entre os cientistas do clima. O estudo alerta que apesar de existir um consenso entre os especialistas do clima de que o aquecimento global é causado pelo homem, novos trabalhos mostram que alguns veículos ainda questionam a veracidade dessas informações e divulgam outras percepções sobre as mudanças climáticas para silenciar esse debate. Esta prática de propaganda enganosa publica um número reduzido de opiniões sobre um tema e amplia a quantidade na mídia, criando uma falsa percepção de que realmente existe uma divisão significativa entre os especialistas do clima.

Já para Washington Novaes, hoje os chamados “cientistas céticos do clima” que dominaram durante décadas a comunicação já não têm credibilidade: “qualquer

notícia que aparecesse, a mídia ia ouvir um desses cientistas, que diziam que se tratava de “fantasia”, ou que era “terrorismo de ambientalista”. Hoje, não admitir que a atividade humana influencia o aumento da temperatura é o pensamento apenas de uma minoria muito reduzida e que já não tem o mesmo prestígio na comunicação. Acho que houve uma evolução muito grande na informação nessas últimas décadas. O que não houve ainda é uma mudança profunda, radical e rápida nos modos de viver. E isso precisa mudar”.

Embora o meio ambiente seja um assunto a ser pautado na programação radiofônica, nem sempre existe uma correlação direta entre o volume de divulgação e os fatos e eventos ambientais vigentes na sociedade. Para que a degradação do meio ambiente se modifique é necessária uma educação ambiental mais descritiva que faça uma análise da conjuntura da realidade para tentar expor a desigualdade e os conflitos ambientais.

Hamilton de Souza alerta neste caso, para a influência do ensino, e mais especificamente no Brasil, e afirma que de maneira geral, não apenas os cursos de Jornalismo abriram mão da capacidade crítica e de análise da realidade, mas também a grande maioria dos cursos em boa parte das universidades brasileiras: “os cursos de Jornalismo estão fugindo da identificação dos principais problemas do mundo atual e não sabem mais conviver com o debate, a diversidade política e a divergência ideológica. O que existe na maior parte dos cursos é o fazer mecânico e tecnológico, sem que se tenha qualquer ideia sobre o sentido maior disso tudo, para o que serve, a quem serve, o que reproduz e quais as consequências no presente e no futuro. Creio que boa parte dos cursos de Jornalismo do Brasil, na esteira de outras áreas do conhecimento não tem a menor consciência da seriedade da crise ambiental provocada por um tipo de desenvolvimento que visa muito mais a acumulação da riqueza para uma minoria da minoria do que a preservação do Planeta para o ser humano. É triste, mas é o que acontece. Pelo menos é o que consigo perceber na PUC-SP e nos contatos com professores e estudantes de outros cursos de Jornalismo. O que domina é o marasmo, a apatia, a indiferença, a começar de alguns professores que não estão interessados em motivar e formar jornalistas com visão crítica. Falta o empenho das universidades, assim como falta empenho das autoridades, dos partidos políticos, da mídia, das classes trabalhadoras e dos movimentos sociais. Vivemos num país do faz de conta. Por isso ficamos sempre na rabeira dos rankings internacionais de educação”.

Em outro aspecto, Sant'anna (2008) alerta para um modelo de radiojornalismo no Brasil com conteúdos pré-produzidos em que as fontes jornalísticas se posicionam na elaboração das notícias, e com um desempenho maior das radioagências na elaboração das informações, notando-se a presença nas redações de um menor número dos profissionais.

Para que a degradação do meio ambiente se modifique é necessária uma educação ambiental mais descritiva que faça uma análise da conjuntura da realidade ao tentar expor a desigualdade e os conflitos ambientais.

Permite-se alertar que está em risco o Estado de Direito Ambiental vigente no Brasil, pois a proteção ao meio ambiente e a vida do brasileiro são colocadas em risco com a falta de fiscalização e tentativas de desrespeito ao Protocolo de Cartagena (RACANICCHI et al., 2014a). Cabe introduzir mais uma vez o papel e a participação das mídias para informar e alertar as pessoas sobre as várias versões pertencentes a esse tema.

Alguns autores como Coelho e Ferreira (2011) encaminham a ideia para o estado de risco com base no risco ambiental que pode aumentar ou não, dependendo da conduta da sociedade na proteção do meio ambiente e alertam entre outros fatos, que os princípios da precaução e prevenção estão estreitamente ligados. Em 1992, na Conferência do meio ambiente no Rio de Janeiro, houve um acordo para a segurança contra os riscos que de acordo com o estado atual do conhecimento, não podem ainda ser identificados. Os princípios da Precaução e da Prevenção são as medidas do Estado de vigilância socioambiental para evitar prejuízos na ausência da certeza científica formal.

Stangherlin e Dellazzana (2013) alerta sobre a importância da publicidade divulgada em todos os veículos de comunicação e que condiciona a sociedade e influencia as pessoas também no modo de compreender a vida.

3º) Mar Sem Fim – um indicador de tendências do rádio

Aborda-se na análise deste trabalho o futuro do veículo rádio, porque o meio escolhido para divulgação de espaços ambientais sofre hoje algumas mudanças tecnológicas que merecem ser citadas para melhor compreensão da abrangência comunicacional.

Houve o cuidado de inserir o assunto em um veículo que de maneira alguma parece tornar-se obsoleto e que já indica algumas tendências na evolução das

formas de transmissão e consumo do conteúdo, e isso não significa necessariamente que mídias de comunicação serão extintas. O rádio não deve ser visto como um meio de comunicação que está em queda e isso está comprovado pelos grandes anúncios que estão inseridos nos intervalos da programação da grande mídia; as novas tecnologias na realidade auxiliaram na divulgação do produto radiofônico para reforço da programação e interação com os ouvintes.

Embora seu futuro seja indefinido, o rádio exclusivamente na internet pode ser visto atualmente como uma tendência para uma transmissão mais sofisticada e dirigida a um público com um perfil mais elitizado, como é o caso da Mar Sem Fim, emissora inserida como modelo de análise no presente estudo.

Sobre a substituição do papel do rádio pela internet, Ferrareto acredita que essa mídia no Brasil hoje deveria ser mais popular. Ele explica que todos os meios de comunicação quando surgem são elitizados e lembra que no início o rádio era caríssimo, mas hoje já vem embutido no celular e o custo é baixo. A tendência da internet é se popularizar e Ferrareto reforça que ela tem um impeditivo tecnológico no Brasil que é a questão da banda larga; a rede de telefonia para sistema de transmissão hoje ainda é cara. Existe uma particularidade do rádio que permite a sobrevivência dele pelo menos por longo tempo, indefinidamente, que é a segunda tela. Pode-se receber a mensagem radiofônica juntamente com outra atividade e a chave do futuro do rádio é essa: “não existe outro meio que me permita estar trabalhando e ouvindo o rádio no carro, em casa com outras tarefas e por isso o rádio é a segunda tela”.

Na opinião de Maria Nilda Santos nenhum veículo de comunicação será excluído por causa das revoluções tecnológicas, até porque não existem meios uniformes pelo Brasil e em cada lugar do país tem uma ou mais mídias que se adequam às necessidades. Ela cita como exemplo as rádios comunitárias, entre elas a Heliópolis que é uma grande referência. Situada na favela de mesmo nome na zona sul da capital paulista, a Heliópolis é uma emissora sem fins lucrativos com autorização oficial para funcionamento desde 2008 que atende a demanda da própria comunidade com a prestação de serviços, entretenimento e informação.

Para enaltecer ainda mais a importância do rádio destaca-se notícia veiculada neste ano na Rede Amazônica com a história de uma emissora no Acre que ajudou a encontrar um homem que não via a família há cerca de trinta anos. A rádio Voz de Porto Acre conhecida como Cipó é o único meio de comunicação para as pessoas da comunidade se informarem dos principais assuntos e está no ar há 14 anos. Com

alto-falantes acoplados nos postes as informações são transmitidas para os principais bairros da cidade.

Ao citar as tendências surge também a proposta da experiência com o rádio digital que, para Ferraretto, foi atropelado pela internet e pelo celular: “as tecnologias para o rádio digital ainda são inseguras e eu fico na dúvida do por que rádio digital; as tecnologias não são melhores do que o analógico”. Para complementar essa afirmação, Del Bianco (2013) alerta para o fato de que nos debates sobre o rádio digital, não se chegou a um resultado com relação ao melhor modelo e que é preciso mais teste, pois ainda há dúvidas com relação ao sistema HD Rádio e DRM que não obtiveram bons resultados nos testes de alta potência.

Hoje as emissoras tradicionais têm que enfrentar os desafios tecnológicos e a concorrência da mídia MP3 além de outras plataformas. Um problema que não se conseguiu resolver é a digitalização do Rádio, o chamado HD Radio não evoluiu e ainda possui problemas de qualidade e por isso ainda é mais fácil digitalizar o rádio pela web do que via atmosfera pelas transmissões tradicionais. Para o idealizador da rádio web Mar Sem Fim, João Lara Mesquita a tendência das rádios está na Web, mas ele afirma que atualmente ainda existe uma fase de mudanças e adaptações para essa base.

A Mar Sem Fim trata do tema meio ambiente de maneira inusitada. Com o slogan “a rádio para quem gosta de navegar”, transmite pela internet há seis meses, as melhores seleções desde música popular brasileira até internacionais, com passagem pelos clássicos e outros vários ritmos musicais bem diversificados. Os conhecedores da boa música ouvem a cada duas inserções musicais uma vinheta com chamadas criativas que direcionam os ouvintes para informações dos ecossistemas no site com o mesmo nome.

A criação inédita do jornalista João Lara Mesquita publica fotos, entrevistas e documentários com artigos de especialistas do mar e da zona costeira; identifica os seres marinhos e apela para a necessidade urgente de conservação dos ecossistemas. As muitas fotos coloridas e disponibilizadas de maneira estética e de fácil visualização e entendimento prendem a atenção do ouvinte internauta que ao acessar a emissora web, automaticamente clica em um dos assuntos, maravilhado com o azul do mar como pode ser observado no anexo A. Segundo o idealizador João Lara Mesquita, a ideia é essa, ele faz questão de divulgar assuntos e reportagens exclusivas realizadas durante as várias viagens que realizou no barco também com o nome Mar Sem Fim. Em 2009 navegou de Santos, no litoral paulista,

até a Antártica para produzir documentários à rede Bandeirantes de Televisão. No verão de 2010 a 2011 fez outra viagem quando o Mar Sem Fim naufragou nas ilhas *Shetland do Sul*, um arquipélago localizado a aproximadamente 120 quilômetros ao norte da península Antártica, e em 2012 quando foi resgatar o barco produziu novos documentários para o site e para a TV Cultura. Toda a história e os documentários fazem parte desse site e estão relacionados nas vinhetas da rádio Mar Sem Fim.

Na mesma linha dos vários projetos realizados na Rádio Eldorado de São Paulo, que também foi pioneira na transmissão de temas mais aprofundados sobre meio ambiente, João Lara Mesquita faz questão de apelar aos ouvintes internautas para que contribuam também com a capacidade de regeneração dos oceanos que está ameaçada, entre outros problemas, com a pesca de arrasto. No ar há menos de um ano o site já possui cerca de 24 mil visitas diferentes por mês.

Algumas vinhetas da rádio com chamadas podem ser caracterizadas como informativo de curtíssima duração como foi o caso do transmitido no dia 7 de agosto de 2014 com apelos para as notícias do aquecimento global que provoca o branqueamento dos corais, o mais importante dos ecossistemas marinhos. Esse tipo de informação *flash* faz com que o ouvinte assimile rapidamente a informação sem prejudicar as inserções das músicas e direciona para a leitura do conteúdo mais completo do site. De uma maneira *light* e sem imposição, os variados temas sobre a degradação ambiental são divulgados de um modo que se pode até definir como subliminar, para alertar as pessoas a colaborarem com o meio em que vivem.

O grande desafio, além de concorrer com as milhares de rádios musicais da internet é fazer com que as pessoas entendam o cuidado que devem ter com o mar e que a partir daí assimilem as mais variadas questões que implicam na sobrevivência do ser humano no planeta.

Ao referir-se ao mar, Schmiegelow atenta para a enorme importância dos oceanos na regulação climática do planeta, muito maior que o ambiente terrestre: “agora, com o efeito estufa, conhecer como se dá a interação oceano-atmosfera, além de outros processos que absorvem o CO₂, nos ajudará a entender e prever como ocorrerão as alterações climáticas daqui para frente”. É em função disso, segundo ele, que vem a ideia que os “azuis” é que irão solucionar os processos que regulam o clima de nosso planeta e com isso criar modelos para entender o futuro. Schmiegelow acredita que todo tipo de divulgação sobre esse ambiente ajuda em sua preservação e assim, mídias com conteúdos sobre os oceanos são de fundamental importância e mesmo os moradores da região costeira, a maioria da

população brasileira, muito pouco sabem da importância da preservação marinha: “nós que moramos próximos a um estuário deveríamos ter uma conscientização ainda maior, pois tudo que o ser humano produz acaba indo para o mar, que é a porção mais baixa do planeta e, portanto o grande reservatório de todas as substâncias liberadas na atmosfera, solo e rios”.

4º) Projeto pedagógico – Diagnóstico nas Faculdades de jornalismo

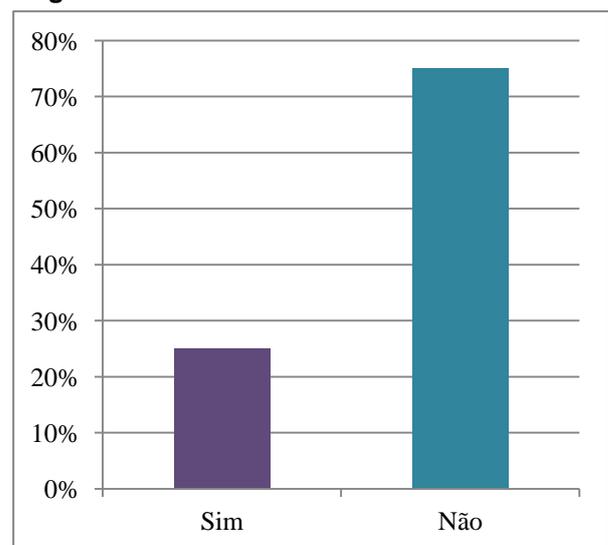
Foram analisados na presente pesquisa alguns diagnósticos da formação dos alunos, no tema da inclusão do meio ambiente no projeto pedagógico de curso nas diferentes faculdades, avaliados em conjunto com a percepção dos seus respectivos dirigentes e coordenadores. Entre as faculdades e universidades selecionadas para o presente estudo estão: Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo, Faculdade Cásper Líbero de São Paulo, FIAM-FAAM - Faculdades Integradas Alcântara Machado e Faculdade de Arte Alcântara Machado de São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, UNISANTA - Universidade Santa Cecília de Santos e USP - Universidade de São Paulo.

As respostas dos diretores ou coordenadores dos cursos de jornalismo foram inseridas neste trabalho com a visão de cada entrevistado como explicitado na tabela 30; as demais estão tabuladas para o diagnóstico da questão.

**Tabela 21 –
Diagnóstico nas faculdades de jornalismo**

A graduação da faculdade tem disciplina sobre jornalismo ambiental?		
	Sim	Não
	25%	75%
ANHEMBI MORUMBI		x
CÁSPER LÍBERO		x
FIAM FAAM		x
MACKENZIE	x	
METODISTA		x
PUC		x
UNISANTA		x
USP	x	

Figura 14 - Disciplina de Jornalismo Ambiental na grade atual

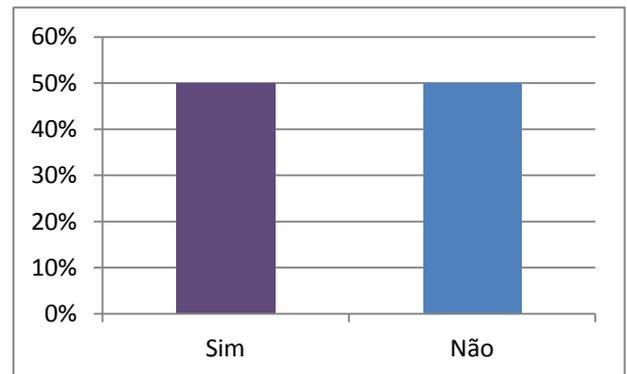


Apenas 25% das faculdades de jornalismo tem disciplina sobre jornalismo ambiental como demonstra a figura 14. Atualmente, só o Mackenzie possui a disciplina na graduação que existe desde 2009. Inicialmente o nome era "Meio Ambiente e Sustentabilidade"; a partir do segundo semestre de 2014 o nome mudou para "Jornalismo, Meio Ambiente e Sustentabilidade". A USP possui a disciplina optativa, "Jornalismo em *Agribusiness* e Meio Ambiente no Brasil".

Tabela 22- Diagnóstico nas faculdades

A graduação pretende inserir na grade alguma disciplina sobre esse assunto		
	Sim	Não
	50%	50%
ANHEMBI MORUMBI	x	
CASPER LIBERO		x
FIAM FAAM		x
MACKENZIE	x	
METODISTA	x	
PUC	x	
UNISANTA		x
USP		x

Figura 15 - Inserção futura de disciplina na grade

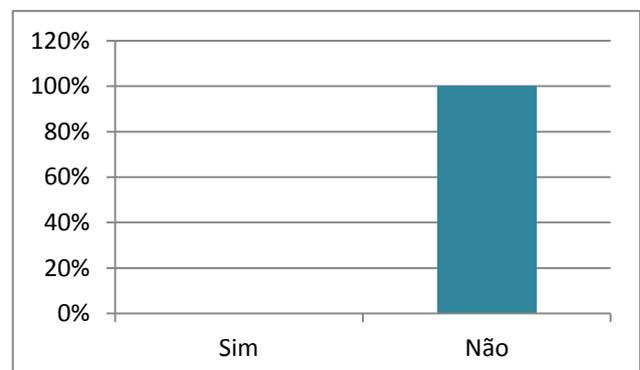


Na Anhembi Morumbi passa a vigorar a partir do ano que vem a disciplina na graduação "Gestão de Informação Especializada: Meio Ambiente e Esporte", pertencendo à Matriz Curricular que começou em 2013. A Metodista e a PUC pretendem inserir posteriormente na grade alguma disciplina sobre o assunto e as outras, 50% selecionadas nesta amostra não possuem e nem pretendem inserir (figura 15). No Mackenzie já é disciplina obrigatória.

Tabela 23- Diagnóstico nas faculdades de jornalismo

Existe curso de especialização em jornalismo ambiental na universidade?		
	Sim	Não
	0%	100%
ANHEMBI MORUMBI		x
CASPER LIBERO		x
FIAM FAAM		x
MACKENZIE		x
METODISTA		x
PUC		x
UNISANTA		x
USP		x

Figura 16 - Curso de especialização para meio ambiente

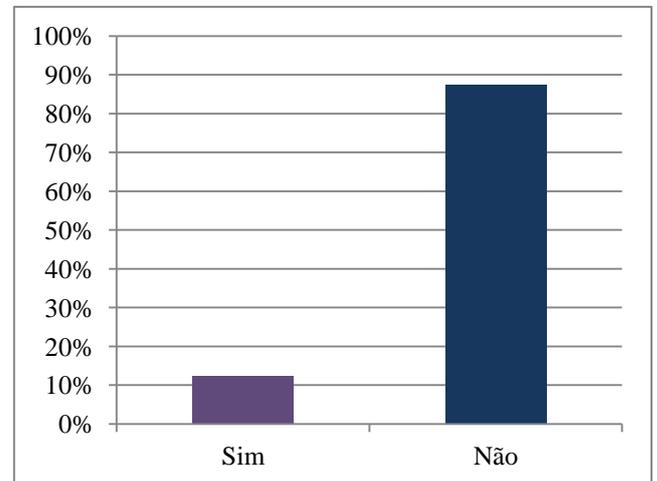


Como demonstrado na figura 16, em nenhuma das universidades pesquisadas não existe um curso de especialização em jornalismo ambiental.

Tabela 24- Diagnóstico nas faculdades de jornalismo

Existe curso de extensão em jornalismo voltado aos assuntos ligados ao meio ambiente?		
	Sim	Não
	13%	88%
ANHEMBI MORUMBI		x
CÁSPER LÍBERO	x	
FIAM FAAM		x
MACKENZIE		x
METODISTA		x
PUC		x
UNISANTA		x
USP		x

Figura 17 - Curso de extensão ligado ao meio ambiente

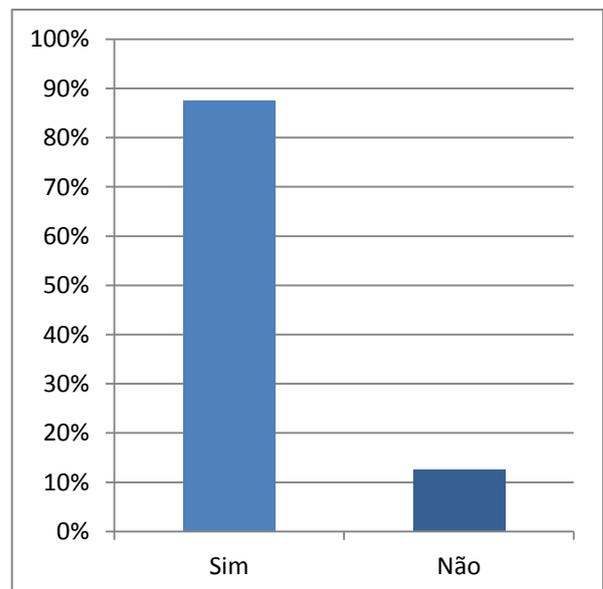


Apenas a Cásper Líbero possui curso de extensão em jornalismo voltado aos assuntos ligados ao meio ambiente com a disciplina “Tópicos avançados em jornalismo”. (tabela 24) Em 88% das faculdades pesquisadas esse curso inexistente (figura 17).

Tabela 25 - Diagnóstico nas faculdades de jornalismo.

Existe uma proposta da instituição para conscientizar os futuros jornalistas da necessidade de um maior aprofundamento neste tema?		
	Sim	Não
	88%	13%
ANHEMBI MORUMBI	x	
CASPER LIBERO	x	
FIAM FAAM	x	
MACKENZIE	x	
METODISTA	x	
PUC	x	
UNISANTA	x	
USP		x

Figura 18 - Proposta para aprofundamento no tema



Atualmente 88% das universidades pensam em uma proposta para conscientizar os futuros jornalistas da necessidade do tema como apontado na figura 18.

O Mackenzie tem a disciplina obrigatória e o assunto aparece em palestras e outros eventos, além da disciplina específica obrigatória.

A USP oferece uma disciplina optativa sobre meio ambiente e promove eventos como “Virada Sustentável” e “USP Recicla”.

Na Cásper Líbero, a disciplina de Radiojornalismo produz os trabalhos transmitidos pela Rádio Universitária gerida pela faculdade.

A FIAM FAAM tem as disciplinas Jornalismo Especializado e Empreendedorismo e Sustentabilidade e também promove eventos.

A Metodista discute um novo colegiado com novas propostas, dentro das eletivas para conscientizar os alunos da preservação do meio ambiente.

Na PUC, professores oferecem Jornalismo Ambiental ou algum programa ligado ao meio ambiente entre as disciplinas.

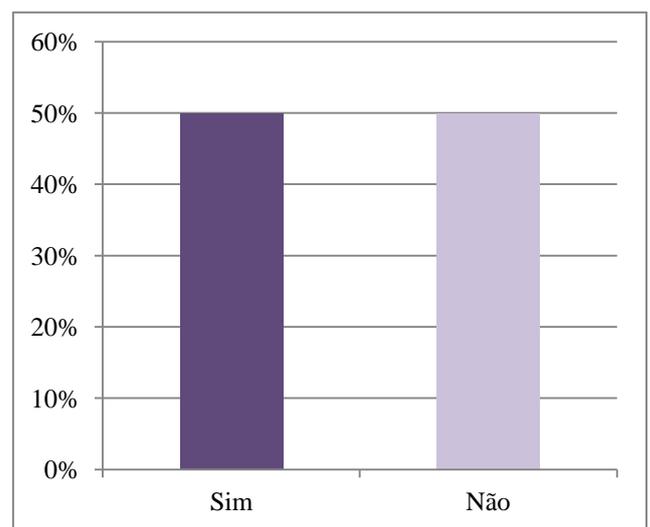
Os alunos da Anhembi Morumbi produzem reportagens sobre meio ambiente em várias disciplinas.

A partir do mestrado em Ecologia, a UNISANTA em Santos, iniciou com mais ênfase, uma série de palestras e exibição de documentários para dar sequência a esta ideia e o tema é bem abordado nos programas de Radiojornalismo, entre outras disciplinas.

Tabela 26- Diagnóstico nas faculdades de jornalismo

No curso existe algum professor que ofereça como disciplina optativa um programa voltado ao meio ambiente?		
	Sim	Não
	50%	50%
ANHEMBI MORUMBI		x
CÁSPER LÍBERO	x	
FIAM FAAM		x
MACKENZIE	x	
METODISTA	x	
PUC		x
UNISANTA		x
USP	x	

Figura 19 - Disciplina optativa sobre meio ambiente



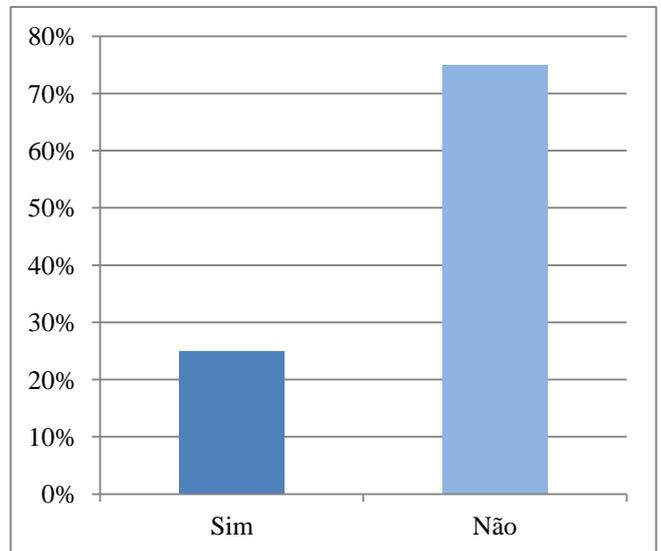
Em metade das faculdades pesquisadas existe disciplina optativa com foco em meio ambiente (figura 19). Entre elas estão Cásper Líbero, Mackenzie, Metodista e USP. A Cásper Líbero citou o professor Cilene Victor cilenevictor@yahoo.com.br.

Na USP a disciplina é “Jornalismo em *Agribusiness* e Meio Ambiente e no Mackenzie a obrigatória da grade é “Jornalismo, Meio Ambiente e Sustentabilidade”.

Tabela 27 - Diagnóstico nas faculdades de jornalismo

Falta empenho para acompanhar o assunto nas universidades?		
	Sim	Não
	25%	75%
ANHEMBI MORUMBI		x
CASPER LIBERO		x
FIAM FAAM		x
MACKENZIE	x	
METODISTA	x	
PUC		x
UNISANTA		x
USP		x

Figura 20 - Interesse das universidades sobre o tema

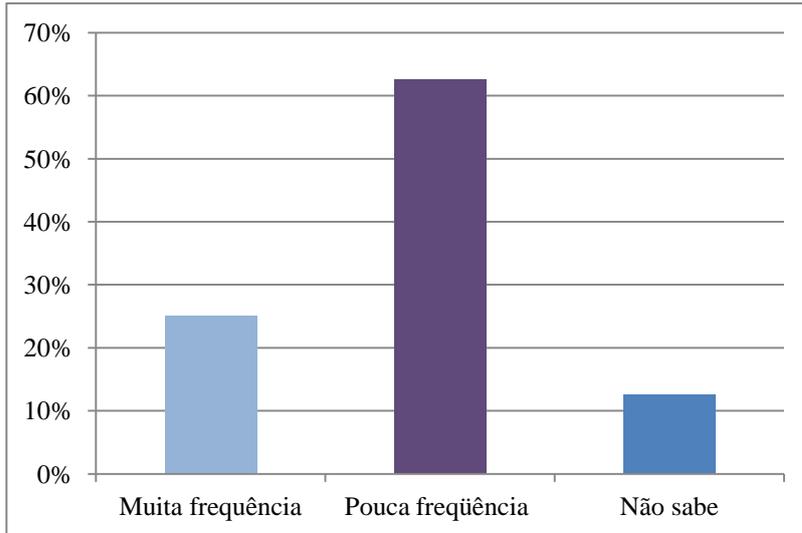


Entre os entrevistados, 25 % acreditam que falta empenho nas universidades para acompanhar os assuntos do meio ambiente como assinala a figura 20. Apenas o Mackenzie possui atualmente uma disciplina obrigatória na graduação e o tema aparece em palestras dos cursos de jornalismo e outros eventos. Nas outras universidades são desenvolvidas atividades laboratoriais que incluem o tema na pauta e em Trabalhos de Conclusão de Curso.

Tabela 28 - Diagnóstico nas faculdades de jornalismo

Os alunos desenvolvem com frequência esse tema nas diversas disciplinas do curso de jornalismo? Exemplificar			
	Muita frequência	Pouca frequência	Não sabe
	25%	63%	13%
ANHEMBI MORUMBI		x	
CÁSPER LÍBERO	x		
FIAM FAAM		x	
MACKENZIE	x		
METODISTA		x	
PUC		x	
UNISANTA		x	
USP			x

Figura 21 - Desenvolvimento do tema pelos alunos

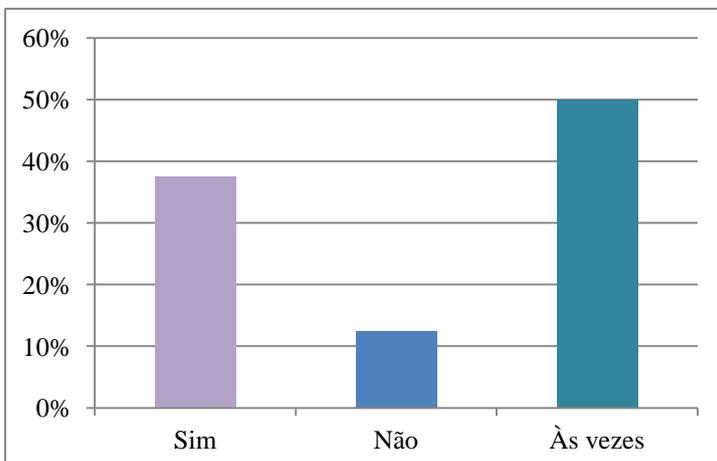


Apenas no Mackenzie e na Cásper Líbero o tema é desenvolvido com muita frequência nas disciplinas do curso de jornalismo. (tabela 28)

Tabela 29 - Diagnóstico nas faculdades de jornalismo

Na sua opinião a mídia sabe problematizar essas questões?			
	Sim	Não	Às vezes
	38%	13%	50%
ANHEMBI MORUMBI		x	
CÁSPER LÍBERO	x		
FIAM FAAM			x
MACKENZIE			x
METODISTA	x		
PUC			x
UNISANTA	x		
USP			x

Figura 22 - A mídia na problematização do tema



A maioria dos entrevistados acredita que nem sempre a mídia consegue problematizar questões relativas ao tema (figura 22).

É importante realçar que não se teve a pretensão de comparar faculdades de jornalismo, nem fazer comparação dos dados obtidos entre 2009 e 2014 com anos anteriores. O objetivo foi detectar a ênfase do ensino jornalístico para com a temática ambiental e as propostas futuras dos educadores voltadas ao aprofundamento do tema.

Reforça-se a necessidade de formar e educar o público para o respeito à natureza e para isso a mídia tem um importante papel, mas é preciso formar profissionais especialistas na área como afirma Eduardo Weber. Para ele, falta empenho das faculdades de jornalismo na formação de profissionais mais capacitados em desenvolver e problematizar o assunto. Essa afirmativa permite introduzir o pensamento de Marcos Sorrentino, que também encontra como solução uma disciplina sobre sustentabilidade já na graduação, mas em busca de um processo de ambientalização de todo o currículo, pois são poucos hoje os jornalistas ambientais no Brasil e com pouco espaço nos veículos de comunicação das grandes mídias. Na opinião de Sorrentino existe uma falha na comunicação entre o mundo acadêmico e a mídia para distribuição de informações sobre o meio ambiente: “a falha é mais do que na distribuição de informações, é no diálogo sobre o papel educador do mundo midiático e sobre as possibilidades e caminhos para isto ocorrer”.

Elvis Wanderley dos Santos também alerta para a necessidade de inserir no projeto pedagógico do curso de jornalismo, temas sobre meio ambiente, bastante importante para a formação dos novos jornalistas, pois coloca em relevo uma construção pedagógica que pode se aproximar ainda mais do mercado.

Tabela 30 - Temas ambientais no projeto pedagógico – Opinião de diretores e coordenadores

Anhembi Morumbi	Nivaldo Ferraz - “Além da disciplina Gestão de Informação Especializada: Meio Ambiente e Esporte que inicia no ano que vem, os alunos produzem reportagens sobre meio ambiente em várias disciplinas para jornalismo impresso, radiofônico, televisivo e convergência de mídias; os professores incentivam porque o meio ambiente é assunto de nossa rotina, tanto como cidadãos quanto como jornalistas; em geral são os alunos que propõem suas pautas nessas disciplinas e entre os assuntos aparece meio ambiente, mas nunca fizemos uma análise quantitativa ou qualitativa”.
Cásper Líbero	Carlos Roberto da Costa - “É de elevada importância inserir os temas no projeto pedagógico do curso de jornalismo e criar uma disciplina seria pouco, pois o meio ambiente é um tema transversal que anima e perpassa diversas abordagens disciplinares. A disciplina de Radiojornalismo produz dezenas de trabalhos e programas, emitidos pela Rádio Universitária (Gazeta AM) gerida pela faculdade Cásper Líbero e inclui o assunto, além de outras disciplinas jornalísticas.”
FIAM-FAAM	Márcia Furtado Avanza - Os professores trabalham esse tema nas disciplinas Jornalismo Especializado e Empreendedorismo e Sustentabilidade: “O tema deve ser tratado dentro de outras disciplinas; sou contrária a muita especialização na graduação porque senão, teríamos de ter disciplinas específicas como Jornalismo e Saúde, Jornalismo Cultural, Jornalismo Econômico, Jornalismo Científico, Jornalismo Político, Jornalismo Literário. O aluno precisa estar preparado para tratar todos os temas dentro do jornalismo, mas creio que a especialização deve vir na pós”.
Mackenzie	Denise Cristine Paiero - “Na universidade Mackenzie, essa temática é muito presente, mas vejo nosso caso ainda como uma exceção, infelizmente. O tema aparece em palestras e outros eventos, além da disciplina específica obrigatória desde 2009. Além disso, o assunto é tratado transversalmente em todo o curso, e mais detalhadamente em disciplinas como Geografia, Jornalismo, Cidade e Cotidiano, Jornalismo Científico, Políticas Públicas e Direitos Humanos, entre outras.”
Metodista	Paulo Rogério Tarsitano - Existe necessidade de um jornalismo mais analítico para conscientizar as pessoas da crise ambiental que pode surgir no futuro e faltam profissionais especializados para isso: “Na faculdade, discute-se ainda um novo colegiado com novas propostas, dentro das eletivas. É importante inserir no projeto pedagógico do curso temas sobre meio ambiente; é um dos pilares do projeto pedagógico institucional. Não existe por enquanto uma disciplina, mas permeia no curso das demais.”
PUC	Milton Pelegrini - Hoje não existe na grade obrigatória da graduação uma disciplina específica, e de vez em quando algum professor oferece Jornalismo Ambiental ou algum programa ligado ao meio ambiente entre as disciplinas: “A graduação pretende inserir na grade uma disciplina sobre o assunto; é fundamental que se destinem espaços de discussão e aprofundamento pedagógicos sobre o tema, a fim de qualificar o debate no entorno das questões sobre sustentabilidade e o paradoxo do crescimento econômico. A mídia consegue algumas vezes problematizar esses assuntos”.

UNISANTA	Humberto Challoub - O meio ambiente é abordado nas várias disciplinas da grade da faculdade e os alunos produzem trabalhos orientados pelos professores já com a temática inserida nas produções dos trabalhos de laboratório impressos e eletrônicos: “A prática jornalística pode contribuir para o fomento da discussão e esclarecimento das temáticas ambientais; assim como outros temas igualmente relevantes e prioritários à sociedade; a abordagem e exposição na mídia requerem a utilização das técnicas habituais do jornalismo, que devem ser o foco principal do ensino a ser oferecido nos cursos de Comunicação”.
USP	Wagner Souza e Silva - “Poderia ser oportuna a possibilidade de abordagem do tema considerando a necessidade constante do debate e também o jornalismo como uma importante ferramenta da comunicação para incitar e promover debates sociais, pois estamos em processo de reformulação de nossa grade curricular e a disciplina optativa que trata do tema poderá ser reformulada nesse sentido. A USP tem demonstrado preocupação com o tema, vide eventos como ‘Virada Sustentável’, ‘USP Recicla’ e a criação de uma graduação em Gestão Ambiental na Escola de Artes”.

Ferraretto afirma que questões do ensino brasileiro como Cidadania e Ecologia, que deveriam ser resolvidas na família, no ensino fundamental e no ensino médio, tendem a ser solucionados apenas nas universidades. Para ele, o ideal seria introduzir uma disciplina eletiva sobre jornalismo ambiental: “na realidade, eu tenho medo que a gente comece a se preocupar com meio ambiente, com economia e não com jornalismo. Jornalismo é jornalismo, e espera-se que o estudante seja bem informado; o problema grave é que o ensino universitário não vai resolver porque a defasagem do conhecimento vem do ensino fundamental e as pessoas hoje são mal informadas; trocam-se por piadas no *facebook* as muitas informações da internet.”

Os habitantes no Planeta Terra estão próximos de chegar aos 9 bilhões e o cuidado com o meio ambiente é importantíssimo para a sobrevivência da espécie humana. Zacharias Bezerra de Oliveira acredita que o Planeta sobreviverá aos desmandos do homem, mas ele está ameaçado de extinção: “uma das alternativas será buscar outros planetas, a outra é cuidar melhor deste para deixar a possibilidade de que nele vivam as gerações futuras; o assunto é de extrema importância”. Segundo ele, todo jornalista poderia ser especializado ou pelo menos ter uma base sobre economia e meio ambiente e isso deveria ser parte do currículo da graduação de qualquer Faculdade de Jornalismo, mas não apenas do jornalismo, o Publicitário tem grande responsabilidade com o meio ambiente nas mensagens que veicula e as consequências disso para preservação ambiental; e deveria ser melhor preparado.

CONCLUSÕES

O espaço do jornalismo ambiental não está plenamente aberto em todas as emissoras de rádio e o tema meio ambiente também não é constante de maneira aprofundada, com exceção da Eldorado, Estadão e CBN. Mesmo assim, o assunto nessas três rádios poderia estar mais vinculado em outros discursos.

A Jovem Pan AM e a Pan FM abordam o tema superficialmente e apenas no factual.

Nas rádios educativas Cultura FM, Cultura Brasil e USP, a temática também é transmitida de modo secundário e a pauta está longe de ser educacional.

A rádio web Mar Sem Fim se caracteriza como uma das tendências do rádio e se empenha na luta pela preservação da natureza de maneira inédita.

O espaço da Voz do Brasil demonstra um material com mensagens superficiais e estereotipadas.

As notícias na mídia são apenas factuais e para poder financiar os veículos midiáticos. Hoje, para explicar o assunto existe um jornalismo fragmentado e superficial, como também no caso da Voz do Brasil, que poderia ser um modelo de geração de pautas com apelo à preservação da natureza a outras tantas emissoras radiofônicas, mas ao contrário, também demonstra como secundária a proposta de divulgação de um jornalismo analítico e aprofundado.

O debate crítico deveria fazer parte da programação diária em todos os veículos de comunicação para informar os tantos problemas futuros que poderão surgir se algumas medidas preventivas para proteger o meio ambiente não forem tomadas imediatamente.

Observa-se que junto com todas as mídias, o rádio, veículo número um do imediatismo, deve ser bem estudado, produzido, argumentado por profissionais capacitados, hoje mais do que nunca numa época em que a velocidade e a quantidade de informações crescem e influenciam rapidamente as pessoas.

Sabe-se que a maioria das emissoras possui site na internet para divulgar a programação de maneira global e por isso exige-se mais ênfase no desdobramento diário das pautas e apela-se para que o jornalismo dedicado ao meio ambiente saia do superficial.

A campanha para despoluição e reflorestamento às margens do rio Tietê em São Paulo, comandada pela rádio Eldorado desde os anos 90 foi um modelo do jornalismo que se propaga neste projeto, mas o descaso dos governantes

comprometeu ainda mais a situação do Tietê que poderia ser uma das fontes para os problemas de seca que enfrenta atualmente a cidade de São Paulo.

Outro modelo de radiojornalismo a ser seguido é o da CBN com uma equipe de comentaristas que expõem o tema de maneira clara e objetiva aos ouvintes.

Fica claro nesta pesquisa que uma das causas da falta de informação sobre o ambiente é que o tema não faz parte do cotidiano de todos os noticiários, com uma avaliação crítica para que se perceba a real situação da deterioração do meio em que se vive, uma vez que os profissionais da mídia também têm poder para reverter algumas situações.

Observou-se que já existem algumas propostas das faculdades de jornalismo para conscientizar os futuros jornalistas da necessidade de um maior aprofundamento da questão.

Levanta-se no presente estudo, o papel da mídia, o quarto poder que desempenha um papel político muito forte. Neste contexto, o assunto do meio ambiente precisa ser visualizado para não confundir o jornalista com a mídia, pois quem financia e patrocina as empresas de comunicação são os empresários.

É preciso alertar para a questão da propaganda enganosa, pois às vezes até os jornalistas se deixam influenciar por fontes e notícias que não levam à verdade.

Jornalistas ambientais no Brasil atuam ainda em um número reduzido e o espaço para analisar a natureza é pequeno, de uma maneira geral, nos grandes veículos de comunicação de massa. Faltam profissionais para desenvolver as pautas sobre meio ambiente e problematizar as questões, assim como faltam campanhas de educação e empenho por parte do governo para divulgação dos temas com mais profundidade.

É bastante claro que os modelos expostos atualmente para solucionar a questão do meio ambiente já são obsoletos e não servem para uma vida saudável. Muitas decisões tomadas nas Conferências da ONU nem são colocadas em prática e percebe-se claramente pelas notícias divulgadas, que cada país se preocupa essencialmente com o seu Produto Interno Bruto sem se importar com a sustentabilidade ambiental.

Na Rio + 20 as Nações concordaram em estabelecer as metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) com as coordenadas para políticas governamentais após 2015, mas as decisões permanecem nas mãos dos sistemas capitalistas.

O assunto Ecologia no mundo está atrelado à economia e à política e ambas poderiam ser menos exibicionistas, pois muitos países argumentam a favor da proteção da natureza e ao mesmo tempo preferem não abrir mão do consumismo, mesmo que para ser ético com as práticas sustentáveis seja hoje o mais econômico. Mais entendimento nas análises das questões impostas pelo setor econômico e pelos governos aceleram as soluções das principais metas da preservação ambiental para uma economia voltada à defesa da natureza, desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza que não foram resolvidas.

Desde 2009 quando em Copenhague, com a COP 15 e com a crise financeira global o tema perdeu força e só começou a melhorar modestamente em 2013.

Hoje muitos empresários vêm como entrave e não como oportunidade de negócios a questão ambiental. Reforça-se a ideia de que uma das opções para resolver parte dos atuais problemas está no aprimoramento da educação e na elaboração de um jornalismo real e analítico para informar e conscientizar as pessoas das reais causas da degradação do meio ambiente e explicar que pouco restará de recursos para alimentar as futuras gerações se o caminho continuar o mesmo.

Já é hora de entender os problemas que colocam a humanidade em risco e abrir mais o debate entre todas as potências que têm igual culpa, pois já se sabe que todos os países desmatam sem uma visão voltada para a sustentabilidade. O momento é sério e de reflexão para a mídia, poderes econômicos e governantes que dirigem nosso planeta.

Deve-se salientar a importância de uma boa relação entre governo, imprensa e empresas, e incluem-se aqui as de radiodifusão, principalmente as do governo, para colaborar com medidas preventivas, positivas e imediatas e cabe atrelar este assunto à questão da ética e do Direito Internacional do Meio Ambiente.

Estreitar as relações entre o mundo midiático e o mundo científico para que não haja ruído na comunicação é outro ponto para a tradução de alguns debates. Foi preciso mencionar a falha na comunicação entre parte do mundo acadêmico e da mídia para distribuição de informações do tema porque já que as linguagens diferem, muitas vezes são pouco compreendidas ou divulgadas. Consultores afirmam que é preciso avançar no diálogo sobre o papel educador do mundo midiático e sobre as possibilidades e caminhos para isto ocorrer.

Pode-se deixar como sugestão, além da melhoria na educação, nas propagandas educativas e publicidades ecológicas, um jornalismo praticado com

ética e respeito ao próximo e sempre pautado com categoria a favor da natureza da qual o homem faz parte. Um dos fatores ao abordar a defasagem do ensino no Brasil em todas as áreas, e particularmente na ambiental e que merece ser mencionado neste trabalho está na pós-graduação com o baixo número de pesquisas científicas com tecnologias sobre o meio ambiente (RACANICCHI, et al. 2014 b).

Os dados desta pesquisa levam também a um ponto em que as opiniões contrastam no que diz respeito ao conteúdo no ensino das faculdades de jornalismo. Para alguns estudiosos, falta empenho das faculdades na formação de profissionais mais capacitados em desenvolver e problematizar temas relacionados com a natureza e uma das soluções seria inserir já na graduação uma disciplina sobre sustentabilidade que poderia estar condicionada na busca de um processo de ambientalização de todo o currículo.

Parte dos especialistas explica que os cursos de Jornalismo fogem dos principais problemas do mundo atual e não sabem mais conviver com o debate, a diversidade política e a divergência ideológica e, falta o empenho das universidades, no caso as brasileiras, assim como falta empenho das autoridades, dos partidos políticos, da mídia, das classes trabalhadoras e dos movimentos sociais no Brasil.

Por outro lado, acredita-se que deveria haver uma disciplina eletiva de jornalismo ambiental e cursos de especialização. Existem diferentes versões sobre esse ponto de vista já que trata-se de um assunto que demanda maior aprofundamento por parte dos profissionais, mas resta indagar se não seria necessário, na atual conjuntura com a degradação ambiental em grande velocidade, pela urgência da solução e pela falta de conscientização das pessoas, implantar o assunto como matéria obrigatória tanto no ensino fundamental quanto nos cursos de graduação e estender ainda para especialização e pós-graduação.

No papel das instituições de ensino superior, já debatido em seminários mundiais sobre desenvolvimento de programas de educação, clama-se por um jornalismo investigativo para análises dos temas relativos à falta de atenção para com a natureza, elaborado por profissionais de visão e entendimento do assunto. Insere-se ainda neste contexto não apenas a proposta de um jornalismo ambiental como parte do currículo da graduação de qualquer faculdade de jornalismo, mas também dos cursos de publicidade que poderiam ficar mais atentos, pois as mensagens veiculadas na mídia têm o poder de influenciar as pessoas.

Com o objetivo de ampliar e reforçar o espaço dessa temática na mídia, o meio ambiente está presente atualmente apenas na graduação do Mackenzie que possui a disciplina obrigatória “Jornalismo, Meio Ambiente e Sustentabilidade” desde 2009. Na USP a disciplina “Jornalismo em *Agribusiness* e Meio Ambiente no Brasil” é optativa e na Anhembi Morumbi passa a vigorar a partir do ano que vem na graduação com o título de “Gestão de Informação Especializada: Meio Ambiente e Esporte”.

Nota-se que o jornalismo ambiental no Brasil tem sobrevivido a mudanças, o espaço aumenta de modo factual e timidamente nos grandes veículos de comunicação, mas pouco se aprofunda nos fatos, o que caracteriza ainda carência na análise dos temas, e pede atitudes urgentes.

Sabe-se que sustentabilidade é um tema complexo e ainda sem solução, pois a forma mais eficiente desta discussão ser incorporada pelo público é torná-la cotidiana e relacionada com a questão urbana, mas alguns setores empresariais não estimulam a mídia para divulgação do assunto.

Quem financia e patrocina as empresas de comunicação são os empresários, mas os jornalistas devem tratar dessa questão com muita informação.

Pergunta-se em grupos ambientalistas, compostos por organizações não governamentais e movimentos internacionais, como diminuir a desigualdade social no Brasil com um desenvolvimento sustentável para a economia, e sem afetar a preservação do meio ambiente (ACSELRAD, 2010).

A desigualdade social não se restringe apenas ao Brasil. Hoje, o consumo no planeta é maior do que se pode repor e uma em cada 8 pessoas no mundo passam fome, em um total de 868 milhões, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). Quem consome 80% são os habitantes dos países industrializados que representam 20% da população mundial. Outra questão é o desperdício de alimentos. No último estudo da FAO registrou-se um volume de 1,3 bilhões de toneladas de alimentos desperdiçados por ano e isso significa um grande impacto no consumo dos recursos naturais. A discussão e outros debates com esses enfoques deveriam fazer parte da programação diária em todas as emissoras para colocar os ouvintes a par também de problemas futuros que poderão surgir se algumas medidas preventivas não forem tomadas com urgência.

Em Setembro de 2014 milhares de pessoas participaram de manifestações em vários países do mundo para protestar contra tudo que afeta o clima, mas o debate também foi apenas circunstancial.

A reunião da ONU sobre o Clima em 2014 na cidade de Nova York introduziu o assunto novamente na agenda da mídia, mas sem aprofundamento. Promove-se com mais ênfase o saldo da balança comercial.

Nada se alterou, apesar do novo embaixador da Organização das Nações Unidas, o ator Leonardo DiCaprio ter afirmado que o aquecimento global não é ficção. As decisões em pequenas proporções parecem empurrar o assunto para 2030, mas sem grandes iniciativas por parte das Nações.

Vive-se hoje um momento que pede bastante reflexão. Cuidar dos recursos naturais, que são finitos, é uma das alternativas para viver em um futuro próximo, a outra será buscar outros planetas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERT – **Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão**. Disponível em: www.abert.org.br. Acesso em jan.2014

ACSELRAD, H. **The "environmentalization" of social struggles – the environmental justice movement in Brazil**. Instituto de Estudos avançados da Universidade de São Paulo. Scielo Brasil, v. 1, 24 n.68, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000100010&script=sci_arttext&tlng=en> Acesso em 30 jun.2014

AGUIAR, S. **Análise dos estudos sobre jornalismo ambiental: primeiras incursões**. SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/9encontro/CC_23.pdf> Acesso em 19 jan.2014

ALBUQUERQUE, B. P. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. Monografia de conclusão do curso de Ensino Médio Integrado ao Ensino Técnico de Laboratório de Bodiagnóstico em Saúde no Projeto Trabalho, Ciência e Cultura da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fiocruz. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/monografia/13.pdf>>. Acesso em 08 jul.2014

ARRUDA, D. J. **Imprensa e Meio Ambiente: As mudanças na cobertura jornalística entre a Rio-92 e a Rio + 10 – o caso da Gazeta Mercantil**. 2006. 77p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de

Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. 2006. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-04082009-221856/pt-br.php>>

Acesso em 27.jun.2014 Modelo

BARBIERI, J. C. **Desenvolvimento sustentável e educação ambiental: uma trajetória comum com muitos desafios**. Revista de Administração Mackenzie v. 12, n. 3, ed.<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11167especial>, 2011. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/2989/2817>>. Acesso em 29 jun 2014

BARBOSA, G. S. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. Revista Visões 4ª Edição, Nº4, Volume 1 - Jan/Jun 2008 Disponível em : <http://www.controversia.com.br/uploaded/pdf/12883_o-desafio-do-desenvolvimento-sustentavel-gisele.pdf> . Acesso em 15 dez.2013

BRAGANÇA, F. V. **O Brasil e a Evolução de sua Participação no Debate Ambiental Multilateral (1970-2010)**. Especialização em Relações Internacionais. Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <<http://bdm.bce.unb.br/handle/10483/3793>>. Acesso em 28 jun.2014

BRANDALISE, L. T. et al. **A percepção e o comportamento ambiental dos universitários em relação ao grau de educação ambiental**. São Carlos, v. 16, n. 2, p. 273-285, abr.-jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v16n2/v16n2a10.pdf>> . Acesso em 07 jun.2014

BONOTTO, D. M. B. **A temática ambiental e a educação para a cidadania: limites e possibilidades da metodologia da aprendizagem – serviço (ApS)**. IX Congresso Internacional sobre investigación em didáctica de las ciencias. Girona, Espanha, 9-12 de septiembre de 2013. Disponível em: <http://congres.manners.es/congres_ciencia/gestio/creacioCD/cd/articulos/art_275.pdf> . Acesso em 07 nov. 2014

BRICEÑO, J. J. **Algunas ideas para trabajar la sostenibilidad desde um enfoque del desarrollo humano** . IX Congreso Internacional sobre Investigación em didáctica de las ciencias, 2013. Girona, Espanha, 9-12 de septiembre de 2013. Disponível em: <http://congres.manners.es/congres_ciencia/gestio/creacioCD/cd/articulos/art_828.pdf> Acesso em: 11 mar.2014

BRÜMMER, S. **Histórico dos movimentos internacionais de proteção ao meio ambiente**. JUS navigandi, 2010. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/18162/historico-dos-movimentos-internacionais-de-protecao-ao-meio-ambiente>> . Acesso em 06 jul.2014 Modelo de conferencias

BUENO, W. C. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n.15, p. 33-34, jan.jun.2007. Disponível em:

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/11897>> Acesso em 23 mar.2013

CABESTRÉ, S. A., GRAZIADEI, T. M., POLESEL FILHO, P. **Comunicação estratégica, sustentabilidade e responsabilidade socioambiental: um estudo destacando os aspectos teórico-conceituais e práticos**. Conexão – Comunicação e Cultura, Universidade Caxias do Sul, v. 7, n. 13, jan.jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/151/142>> Acesso em 25 abr.2014

CAMPELLO, L. G. B. **Reflexões sobre ética ambiental**. Anais do 1º Congresso de Direito e Engenharia Ambiental. 2007. Disponível em <
<<https://www.google.com.br/#q=Reflex%C3%B5es+sobre+%C3%A9tica+ambiental>>
Acesso em 09 mar.2014

CAMPOS, P. C. **Jornalismo e meio ambiente: a contribuição dos meios de comunicação e o conceito de Sustentabilidade**. Ed. 1, ano 6, n.1 jan.-jun. Rumores. Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <
<http://www.usp.br/rumores/pdf/1.pdf>> Acesso em: 10 jun.2014

CAMPOS, P.C. **Meio Ambiente: a sustentabilidade passa pela educação (em todos os níveis, inclusive pela mídia)**. Em Questão, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 387-419, jun./dez. 2006. Disponível em:
<<http://200.144.189.42/ojs/index.php/revistaemquestao/article/view/3749/3536>>. Acesso em 24.jun.2014

CBN – Central Brasileira de Notícias - **Comunicado sobre a obrigatoriedade da transmissão da Voz do Brasil**. Arquivo da CBN-Brasil, fornecido por e-mail para essa pesquisa em julho de 2014.

CENAMO, M. C. **Mudanças Climáticas, o Protocolo de Quioto e Mercado de Carbono**. Centro de Estudos Avançados em Economia. USP, 2004. Disponível em: <http://www.ipam.org.br/uploads/livros/b0daac7247d7670eaf55936b775b1782fba3d2a9.pdf> Acesso em 27 nov. 2014.

COELHO, E. M; FERREIRA, R.E. **Estado de Direito Ambiental e Estado de Risco**. Direito da Universidade Federal de Uberlândia. Cadernos de Direito, Piracicaba,2011. Disponível em
<<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Estado%20de%20Direito%20Ambiental%20e%20Estado%20de%20Risco>> . Acesso em 14 jul. 2014

COUTO, E.P., SILVA, F. O. **Desenvolvimento (“In) Sustentável”**. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.10, n.18; p. 2014. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2014c/pdf/desenvolvimento.pdf>> . Acesso em 27 jun.2014

CRUZ, P. M.; BODNAR, Z. **O clima como necessidade de governança transnacional: reflexões pós-Copenhague 2009**. Revista do Curso de Direito da Faculdade da Serra Gaúcha. ano 4, n. 8, jul./dez. 2010. Disponível em : <<http://ojs.fsg.br/index.php/direito/article/viewFile/727/518>>. Acesso em 20 jul.2014

DALA VECHIA, G. S. et al. **Programa Radiofônico Ecolândia: Jornalismo Ambiental em uma Rádio Comunitária**. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI prêmio Expocom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/expocom/EX16-0226-1.pdf>> . Acesso em 12 fev. 2014

DEL BIANCO, N. **Atuação do Conselho Consultivo do Rádio Digital: em busca de um formato de digitalização adequado à realidade brasileira**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0062-1.pdf>>. Acesso em 07 ag.2014

DORNELLES, B. **O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental**. Brasileira de Pesquisa em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Brazilian Journalism Research, vol. 1 – n. 1, 2008. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/167>>. Acesso em 10 set. 2013

EBC - Empresa Brasil de Comunicação. **Matérias da Voz** . Disponível em <http://conteudo.ebcservicos.com.br/servicos/servico-de-radio/materias-da-voz-tmp?b_start:int=6350> . Acesso em 13 jul.2014

FABRÍCIO, T. M. **Meio ambiente em pauta: investigando as representações ambientais em um radiojornal diário**. Lumina, Universidade Federal de Juiz de Fora, v.5,n.1, 2011. Disponível em: <<http://www.lumina.jor.br/index.php/lumina/article/view/199>> Acesso em 15 mar.2014

FABRÍCIO, T. M., SILVA, M. D. **Educação Ambiental e Mídia: Análise das Concepções de estudantes de Comunicação a partir de suas produções jornalísticas 2013**. Universidade Federal de São Carlos – Brasil. IX Congresso Internacional sobre Investigación em Didáctica de las Ciencias. Girona, Espanha, 2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=_e_midia_analise_das_concep%C3%A7%C3%B5es_de_estudantes_de_comunicacao_a_partir_de_suas_producoes_jornalisticas> . Acesso em 15 mar.2014

FAO, Brasil – **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura**. Relatório, 2012. Disponível em < <https://www.fao.org.br>> Acesso em 18 nov.2014

FAO, América Latina e Caribe. **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura**. Relatório, 2013 Disponível em:

<http://www.rlc.fao.org/pt/imprensa/noticias/desperdicio-de-alimentos-tem-consequencias-no-clima-na-agua-na-terra-e-na-biodiversidade> Acesso em 18 nov.2014.

FRANÇA, E., ARAÚJO, M. **Multimedialidade no Rádio: a mudança de perfil do radiojornalista**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife – PE, 2012. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=48557>> Acesso em 13 mai 2013

GADOTTI, M. **Educar para a Sustentabilidade**. Inclusão Social, Brasília, v. 3, n. 1, p. 75-78, out. 2007/mar. 2008. Disponível em
<<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/113/122>> . Acesso em 13 fev 2014

GARCIA, A. D. **A Voz do Brasil e as notícias do Poder Executivo na formação do cidadão: um estudo das interações sociais**. Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2008 Disponível em:
<http://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/adriana-domingues-garcia_2008.pdf>. Acesso em 22 jul.2014

GIRARDI, I. T.; MASSIERER, C.; SCHWAAB, R. T. **Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade** . UNIrevista – V. 1, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.jornalismoambiental.org.br/portal/wp-content/uploads/2011/09/Pensando-o-Jornalismo-Ambiental-na-%C3%B3tica-da-Sustentabilidade.pdf>> . Acesso em 08 mai.2014

GIRARDI, I. M. T.; MORAES, C. H.; LOOSE, E. B. **Bases do jornalismo ambiental e os desafios para a cobertura da Rio + 20**. Razón y Palabra. Primera Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación . Importancia de la comunicación y sus interfaces con los desafíos ambientales . n. 79, Mayo-Julio, 2012 Disponível em:
<http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/01_TourinhoHerteBeling_M79.pdf> Acesso em: 18 fev.2014

GOUVEIA, L.R.S. **Gisela Swetlana Ortriwano e o Radiojornalismo – Uma Trajetória de Ensino** - Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em:
http://www.radiojornalismo.jornall.com.br/textos/Gisela_Swetlana_%20Ortriwano_e_o_Radiojornalismo.pdf Acesso em 10 mar.2014

KOLLING, P. **Jornalismo Ambiental na Mídia e na Universidade: reflexões sobre o Brasil e Mato Grosso**. Universidade Federal de Mato Grosso. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Cuiabá – Mato Grosso, 2011 .Disponível em
<<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=31046>> Acesso em 20 mar. 2013

LIMA, R.T.R.S.; Bochner, R. Saúde ambiental, ciência e mídia: a produção acadêmica sobre agrotóxicos e jornalismo. **Instituto** de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Belo Horizonte, 2014. Disponível em :

<http://www.sibsa.com.br/resources/anais/4/1404753855_ARQUIVO_SimposioBrasil_eirodeSaudeAmbiental_AgrotoxicoseMidia.pdf> Acesso em 26 out. 2014

LOPEZ, D.C. **Estudar radiojornalismo na era digital: uma revisão metodológica**. SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em

Jornalismo.V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal de Sergipe, 2007. Disponível em:

<http://www.academia.edu/195201/Estudar_radiojornalismo_na_era_digital_uma_revisao_metodologica> Acesso em 24 jun.2014

LOPEZ, D.C. **Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma**

revisão histórica.VII Encontro Nacional de História da Mídia – mídia alternativa e alternativas midiáticas. Fortaleza, Ceará, 2009. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Marcos%20tecnologicos%20do%20radiojornalismo%20no%20Brasil.pdf>>

Acesso em 20 mar.2014

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. **Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica**.

BIREME/OPAS/OMS . Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Disponível em: <[http://bases.bireme.br/cgi-](http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p)

[bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=666817&indexSearch=ID](http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=666817&indexSearch=ID)> . Acesso em 02 fev.2014

MEDIA MATTERS FOR AMERICA. **Conservative media outlets found guilty of biased global warming coverage**. Disponível em

<http://www.theguardian.com/environment/climate-consensus-97-percent/2013/oct/11/climate-change-political-media-ipcc-coverage?CMP=tw_t_gu>

Acesso em 30 out.2014.

MELLO, V. P. **A programação informativa de rádio sob as lógicas da cultura da velocidade, da noção de fluxo e da múltipla temporalidade** . 276 p. Tese

(Doutorado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade dos Meios de Comunicação,Porto Alegre, 2014.

Disponível em:

<<http://repositorio.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/5886/1/000458332-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2014

MORAES, G .B. A.; MEIRELLES, E. A. **O princípio da precaução no direito**

internacional do meio ambiente. São Paulo. Direito USP, 2011. Disponível em

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2135/tde-03092012-111415/pt-br.php>>.

Acesso em 04 mar.2014

MOURA FILHO, J. B.; MICHELS, I.M. **A evolução da preocupação com o clima: o surgimento do mercado de Carbono.** DELOS – Revista Desarrollo Local Sostenible, 2013. Disponível em: <<http://78.46.60.201/rev/delos/18/mercado-carbono.pdf>> Acesso em 20 jul.2014

NOBRE, A. D. **O Futuro Climático da Amazônia** . Relatório de Avaliação Científica. ARA - Articulación Regional Amazônica. 2014. Disponível em <<http://www.ccst.inpe.br/wp-content/uploads/2014/10/Futuro-Climatico-da-Amazonia.pdf>> Acesso em 31 out. 2014

PASSOS, P. N. C. **A Conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente.** Unibrasil, Faculdades Integradas do Brasil. Direitos Fundamentais & Democracia.vol. 6, 2009. Disponível em: <<http://apps.unibrasil.com.br/ojs235/index.php/rdfd/article/view/18>> . Acesso em 11 nov.2013

PIANCASTELLI, R. G. **A cobertura ambiental no radiojornalismo – fragmentos educacionais.** 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-16052013-161930/pt-br.php>> Acesso em 03 nov. 2013

RACANICCHI, W. S. et al. **A introdução de sementes “terminator” no Brasil e o princípio legal da precaução ambiental.** BioScience. Universidade Santa Cecília , Santos, v. 3, n.2, 2014.(a) Disponível em: <<http://periodicos.unisanta.br/index.php/bio/article/view/217/231>> Acesso em 02 nov.2014

RACANICCHI, W. S.; BASTOS, R.; GIORDANO, F. **Sociedade Solidária e Sustentabilidade geram paz.** Letras, Educação, Psicologia, Linguística e Comunicação, Tecnologia aplicada à Educação. Humanitas. Universidade Santa Cecília, Santos v. 2, n.2, 2013. Disponível em : <<http://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/200/184>> Acesso em 25 ag.2014

RACANICCHI, W. S; BASTOS, R.; GIORDANO, F. **Um diagnóstico crítico de especialistas sobre biodiversidade e biotecnologia no Brasil.** BioScience, Universidade Santa Cecília, Santos, vl.3, n. 1, 2014.(b) Disponível em : <<http://periodicos.unisanta.br/index.php/bio/article/view/206/203>> Acesso em 20 ag.2014

RIBEIRO, M F.,FERREIRA J. S A. B. N. **O Papel do Estado no Desenvolvimento Econômico Sustentável: Reflexões sobre a Tributação Ambiental como Instrumentos de Políticas Públicas.** Hileia: Revista do Direito Ambiental da Amazônia n. 17 |Jul – Dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/Hileia/article/viewFile/142/162>> Acesso em 18 dez.2013

SANT'ANNA, F. **Radiojornalismo no Brasil: um jornalismo sem jornalistas**. Líbero Ano XI – n. 22 – Dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/6086/5549>> . Acesso em 17 mar.2013

SANTOS et al. **Em Brasília, 19 horas: Bastidores do programa A Voz do Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.XXI Prêmio Expocom 2014 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação . Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/expocom/EX43-0840-1.pdf>> . Acesso em 06 jul. 2014

SANTOS, C. F. **Rio + 20: “política espetáculo”**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. p. 34 a 46. v. especial, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.furg.br:8080/bitstream/handle/1/3960/Rio%20%2b%2020%20%E2%80%9Cpol%C3%ADtica%20espeta%3%A1culo%E2%80%9D.pdf?sequence=1>>Acesso em 25 fev. 2014

SCHWAAB, R. T. **O discurso jornalístico da sustentabilidade em programas de rádio sobre meio ambiente: análise do quadro Mundo Sustentável e do programa Guaíba Ecologia. 2007**. 149f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11167>> Acesso em: 25 jun.2014

SCHWAAB, R.T. **Uma ecologia do jornalismo : o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril**. 2011. 214 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em : <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29243>>. Acesso em 28 jun.2014

SILVA, V. G.; SANTOS, N. S. **Em Brasília, dezenove horas: o governo na pauta do programa A Voz do Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação .XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – Setembro, 2008 . Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1798-1.pdf>> Acesso em 15 jul.2014

STANGHERLIN, G. F., DELLAZZANA, A. L. **A produção de sentidos na publicidade ambiental: análise de anúncios da WWF**. Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, Rio Grande do Sul. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Chapecó Santa Catarina,2012Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0971-1.pdf>> Acesso em 03 mai. 2014

TAVARES JR., C.A. **Expressões do radiojornalismo no ciberespaço: uma análise sobre blogs de rádio**. Extraprensa, v. 2, n. 9. Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em:

<<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/viewArticle/epx09-a06>>

Acesso em 26 jun.2014

VASCONCELOS, E. J. C. **As transformações no programa Voz do Brasil: primeiros meses do Governo Lula**. Temática, Ano IX, n. 03 – Março/2013.

Universidade Federal da Paraíba, 2013. Disponível em:

<http://www.insite.pro.br/2013/Janeiro/transformacoes_vozdobrasil_governolula.pdf>

Acesso em 14 jul. 2014

VILELA JUNIOR, A. ; ITANI, A. **Meio Ambiente & Saúde: Desafios para a gestão**. Interfacehs – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente - v.1, n.3, Artigo 2, São Paulo, 2007. Disponível em:

<<http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/view/447>> Acesso em 07 jun.2013

WOLKMER, M. F. S.; PAULITSCH, M. F. **Ética Ambiental e crise ecológica: reflexões necessárias em busca da sustentabilidade**. Veredas do Direito. Direito ambiental e desenvolvimento sustentável. 2011. Disponível em:

<<http://www.domhelder.com.br/revista/index.php/veredas/article/view/222/192>>.

Acesso em 08 mar. 2014

APÊNDICE

Questionários elaborados para a presente pesquisa

Questionário 1

Perguntas para diretores, chefes do Departamento ou pauteiros de radiojornalismo.

1-Existe prioridade para a cobertura de pautas sobre jornalismo ambiental na rádio?

- a) () Sim
- b) () Não

2-Qual é o espaço que a emissora oferece hoje ao assunto meio ambiente?

- a) () Grande
- b) () Médio
- c) () Pequeno
- d) (inexistente)

3-Nos últimos 5 anos aumentou o número de programas, programetes ou boletins voltados às questões ambientais? Por quê?

- a) () Sim Por que..... Quais?
- b) () Não

2009 (foi criado algum programa?) Qual?

2010 “
2011 “
2012 “
2013 “
2014 “

4-O que dificulta a produção de mais programas sobre o tema?

- a) () falta de informação
- b) () falta de interesse
- c) () foge da linha editorial

5- Algumas pautas de jornalismo ambiental são apenas sobre assuntos que vêm à tona como efeito estufa, poluição, seca, desequilíbrio ecológico, Tsunami. O que seria preciso para divulgação de pautas diárias para alertar a população sobre a importância da preservação do meio ambiente?

- a) () conscientizar jornalistas da importância do tema
- b) () formar profissionais especialistas na área
- c) () conscientizar empresários da mídia da importância do tema
- d) () educar o público para o respeito à natureza
- e) () inserir na grade dos cursos de graduação disciplina sobre o assunto

6- Quais são os temas tratados com maior frequência pelos jornalistas?

- a) () clima
- b) () poluição
- c) () enchentes
- d) () desmatamento
- e) () sustentabilidade
- f) () outros

7-Com qual periodicidade a rádio cobre as questões relacionadas a questão ambiental?

- a) diariamente
- b) semanalmente
- c) mensalmente
- d) não cobre

8-O departamento de jornalismo tem uma editoria exclusiva para assuntos ambientais?

- a) () sim
- b) () não
- c) Por quê?

9-Existem jornalistas especializados no tema?

- a) () sim
- b) () não

10-Na sua opinião, falta empenho das faculdades de jornalismo para formar profissionais mais capacitados para desenvolver e problematizar o assunto?

- a) () sim
- b) () não

Questionário 2

Perguntas para produtores de programas, programetes ou boletins radiofônicos sobre meio ambiente.

1-Há quanto tempo existe o programa, programete ou boletins?

2-Com que frequência vão ao ar?

- a) Diário
- b) Semanal
- c) Quinzenal
- d) Mensal

3-Qual é a proposta do programa para a divulgação dos assuntos relacionados à conservação do meio ambiente?

- a) Conscientizar as pessoas da importância do tema
- b) Prestar serviços
- c) Cobrir diversas editorias para informar todos os públicos
- d) Educar as pessoas para preservar o meio ambiente

4-Existe um bom retorno dos ouvintes sobre a preocupação com o meio ambiente?

- a) () sim
- b) () não

5-Nos últimos cinco anos aumentou o número de pautas relacionadas ao assunto?

- a) Muito
- b) Pouco

2009
2010
2011
2012
2013

6-A mídia em geral divulga mais atualmente essas questões? Por quê?

- a) () sim - circunstanciais
- b) () não

7-Quais são os temas tratados com maior frequência no seu programa?

- a) () clima
- b) () terremotos
- c) () enchentes
- d) () desmatamento
- e) () sustentabilidade
- f) () outros

8-Qual é a maior dificuldade para desenvolver as pautas sobre meio ambiente?

- a) () falta profissionais especializados
- b) () falta conscientização por parte dos profissionais
- c) () a demanda é pouca para o tema
- d) () falta mais educação no Brasil para conscientizar as pessoas
- e) () o governo não incentiva a divulgação de pautas suficientes sobre o assunto

9-Você acredita que a tendência das emissoras de rádio é ampliar o espaço para o jornalismo ambiental?

- a) () sim
- b) () não

10-Qual é o critério para pautar jornalistas do rádio na cobertura do meio ambiente?

- a) A notícia está na mídia mundial
- b) A notícia irá informar as pessoas
- c) A notícia serve como prevenção para desequilíbrios da natureza
- d) A notícia é selecionada pela importância do tema
- e) Outros

Questionário 3

Perguntas para diretores ou coordenadores dos cursos de jornalismo.

1) A graduação da faculdade tem disciplina sobre jornalismo ambiental?

- a) () Sim
- b) () Não

2) A graduação pretende inserir na grade alguma disciplina sobre esse assunto?

- a) () Sim
- b) () Não

3)No curso existe algum professor que ofereça como disciplina optativa um programa voltado ao meio ambiente?

a) () Sim.

b) () Não

4) Existe curso de especialização em jornalismo ambiental na universidade?

a) () Sim.

b) () Não

5) E curso de extensão em jornalismo voltado aos assuntos ligados ao meio ambiente?

a) () Sim.

b) () Não.

6) Existe uma proposta da instituição para conscientizar os futuros jornalistas da necessidade de um maior aprofundamento neste tema?

a) () Sim.

b) () Não

7) Os alunos desenvolvem com frequência esse tema nas diversas disciplinas do curso de jornalismo?

a) () Muita frequência

b) () Pouca frequência

8) Nota-se a necessidade de um jornalismo mais analítico para conscientizar as pessoas da crise ambiental que pode surgir no futuro. Falta empenho para acompanhar o assunto nas universidades?

a) () Sim

b) () Não

9) Na sua opinião a mídia sabe problematizar essas questões?

a) () Sim

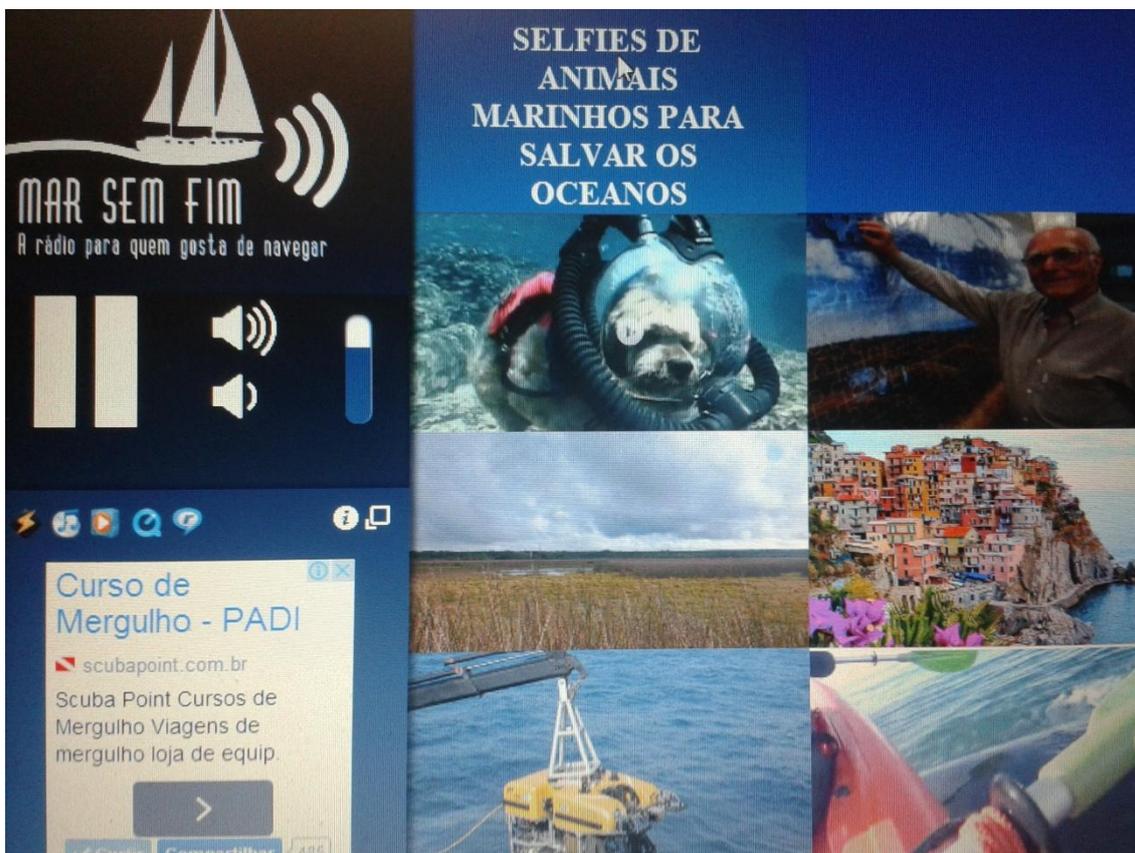
b) () Não

c) () às vezes

10) Você acha importante inserir no projeto pedagógico do curso de jornalismo temas sobre meio ambiente? Por quê?

ANEXOS

Anexo A – Rádio Mar Sem Fim no Site de notícias dos ecossistemas costeiros e marinhos. Disponível em www.marsemfim.com.br. Acesso em 06 agosto de 2014



Anexo B – Manifestações pelo Clima no mundo.

Conteúdo do e-mail recebido por wschumannr@gmail.com no dia 22 de Setembro de 2014 de Ricken Patel - Avaaz <avaaz@avaaz.org>

A maior mobilização pelo clima da história em Nova York



Foto da Avaaz recebida por email no dia 22 de Setembro de 2014. Disponível em avaaz@avaaz.org Manifestações pelo clima no mundo



Foto da Avaaz recebida por email no dia 22 de Setembro de 2014. Disponível em avaaz@avaaz.org

Avaaz é uma rede de campanhas globais de 38 milhões de pessoas que se mobiliza para garantir que os valores e visões da sociedade civil global influenciem questões políticas internacionais. ("Avaaz" significa "voz" e "canção" em várias línguas).

